



PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo

PUC-SP

Clarissa Faciola Mendes Pessoa

**A ÉTICA, A ESTÉTICA E O DÍGITO:
A comunicação e a lógica algorítmica na construção da subjetividade**

São Paulo/SP

Setembro de 2024

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Clarissa Faciola Mendes Pessoa

A ÉTICA, A ESTÉTICA E O DÍGITO:

A comunicação e a lógica algorítmica na construção da subjetividade

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Isaltina Clemente Leão

Área de Concentração: Signo e significação nos processos comunicacionais

Linha de Pesquisa: Processos de Criação na Comunicação e na cultura

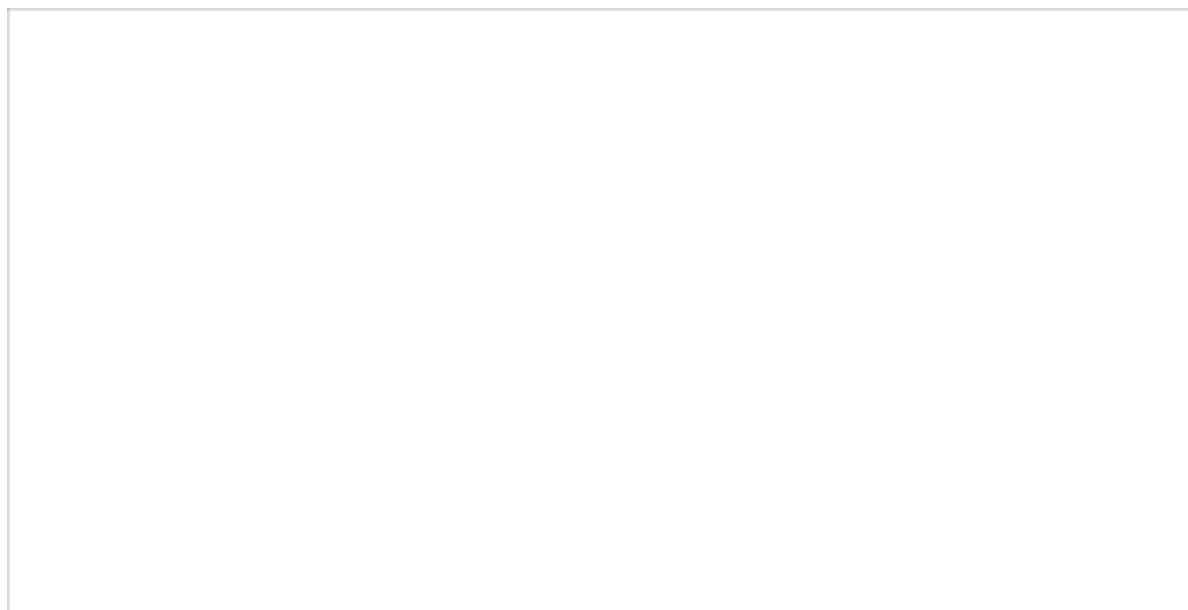
Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestra em Comunicação e Semiótica, área de concentração em Processos de criação na comunicação e na cultura, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Lúcia Isaltina Clemente Leão.

São Paulo/SP

Setembro de 2024

Ficha Catalográfica

Sistema para a geração automática de Ficha Catalográfica de Teses e Dissertações com dados fornecidos pela autora



Clarissa Faciola Mendes Pessoa

A ÉTICA, A ESTÉTICA E O DÍGITO:
A comunicação e a lógica algorítmica na construção da subjetividade

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestra em Comunicação e Semiótica, área de concentração em Processos de criação na comunicação e na cultura, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Isaltina Clemente Leão.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Lucia Isaltina Clemente Leão

Prof. Dr. Rogério de Almeida

Prof. Dr. Rogério da Costa Santos

Agradecimentos

Formalmente e amorosamente, agradeço às minhas irmãs, mãe, pai, avôs, avós, tios, tias, primos, primas, amigos, agregados e todos que nos antecederam desbravando espaços. Agradeço aos meus professores da academia, aos da adolescência e da infância. Agradeço à minha orientadora e convidados da banca que, genuinamente, empregaram atenção e afeto à presente pesquisa. Assim como, agradeço ao maior dentre todos os educadores, a vida.

Extra-sensorialmente, agradeço também à morte, a mim e aos meus delírios. Agradeço à subjetividade, das partes apagadas desde a infância, às partes negligenciadas por mim, pelo outro e por nós. Agradeço às partes marginais junto a milhões de outras partes, de outros seres, de outros tempos. Ao mosaico etéreo, agradeço às partes enjauladas, mas não às suas grades e instituições; dedico sim, a todos que sofrem, a todos que existem e, principalmente, aos que não existem, inclusive aos que estão no meio. Mas agradeço, em especial, aos artistas, aos naturalistas, aos surrealistas, aos moradores de rua, às prostitutas, aos transviados, às crianças, às árvores, aos doces, aos meus guias espirituais, ao diverso, ao feminino e às minhas idiosincrasias.

Agradeço à subversão caso ela não seja só uma palavra, mas também uma divindade. À ambivalência e à incongruência, meu muito obrigado.

E agradeço à minha mãe, de novo.

RESUMO

PESSOA, Clarissa Faciola Mendes. **A ética, a estética e o dígito:** A comunicação e a lógica algorítmica na construção da subjetividade. Orientação: Profa. Dra. Lucia Isaltina Clemente Leão. 2024. Mestrado *Stricto Sensu* em Comunicação e Semiótica. Área de concentração: processos de criação na comunicação e na cultura. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2024. 115 p.

Diante do vertiginoso avanço tecnológico, estudos aprofundados sobre os impactos sociais, econômicos e políticos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), bem como sobre a saúde mental da sociedade são cada vez mais necessários. No contexto atual da cibercultura, as redes sociais digitais, impulsionadas por interesses econômicos, desempenham um papel central na mediação e transformação de percepções relacionadas a aspectos como beleza, humor, comportamento, afeto e confiabilidade. Essas questões são influenciadas pelo movimento global de digitalização e pela crescente plataformação midiática. A presente pesquisa de mestrado propõe uma análise sobre a moralidade contemporânea e os efeitos de um sistema orientado pelo lucro. Seu objetivo principal é promover uma reflexão sobre a subjetividade, compreendida como um conjunto de símbolos, significados, ideias e emoções que permeiam o indivíduo, grupos e instituições, à luz das novas perspectivas culturais, econômicas e algorítmicas na comunicação. O estudo explora o conceito de subjetividade, a partir da síntese do ideal platônico do bom, do belo e do verdadeiro. É investigada a relação entre esses pilares filosóficos e os recursos disponíveis no aplicativo digital Instagram, incluindo aspectos como engajamento (alcance, curtidas e comentários), filtros e seguidores. Com abordagem qualitativa, a dissertação revisita obras clássicas dos campos da Comunicação, Filosofia, Sociologia, História, Psicanálise e Psicologia, visando compreender como as mudanças na comunicação impactam o imaginário cultural e na experiência humana em suas dimensões sociais e emocionais. A fundamentação teórica situa-se no conceito de cartografia de imaginários de Leão e busca estabelecer diálogos com pensadores como Foucault, Shoshana Zuboff e Byung Chul-Han.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia de imaginários; subjetividade; capitalismo digital; Instagram; plataformação; cultura e mídias digitais.

ABSTRACT

PESSOA, Clarissa Faciola Mendes. **Ethics, Aesthetics, and the Digit:** Communication and Algorithmic Logic in the Construction of Subjectivity. Supervisor: Prof. Dr. Lucia Isaltina Clemente Leão. 2024. Dissertation (Master's degree) *Stricto Sensu* - Communication and Semiotics. Faculty of Philosophy, Communication, Languages and Arts at the Pontifical Catholic University of São Paulo - PUC-SP, 2024. 115 p.

In the face of rapid technological advancement, in-depth studies on the social, economic, and political impacts of Information and Communication Technologies (ICTs), as well as on societal mental health, are becoming increasingly necessary. In the current context of cyberculture, digital social media, driven by economic interests, play a central role in mediating and transforming perceptions related to aspects such as beauty, humor, behavior, affection, and reliability. These issues are influenced by the global trend of digitalization and the growing platformization of media. This master's research proposes an analysis of contemporary morality and the effects of a profit-oriented system. Its main objective is to promote a reflection on subjectivity, understood as a set of symbols, meanings, ideas, and emotions that permeate individuals, groups, and institutions, in light of new cultural, economic, and algorithmic perspectives in communication. The study explores the concept of subjectivity based on the synthesis of Plato's ideal of the good, the beautiful, and the true. The relationship between these philosophical pillars and the available resources on the Instagram digital application are investigated, including aspects such as engagement (reach, likes, and comments), filters, and followers. With a qualitative approach, the dissertation revisits classic works in the fields of Communication, Philosophy, Sociology, History, Psychoanalysis, and Psychology, aiming to understand how changes in communication impact cultural imagination and human experience in their social and emotional dimensions. The theoretical foundation is based on Lucia Leão's concept of cartography of imaginaries and seeks to establish dialogues with thinkers such as Michel Foucault, Jean-Paul Sartre, Shoshana Zuboff, and Byung ChulHan.

KEYWORDS

imaginary cartography; subjectivity; digital capitalism; Instagram; platformization; digital culture and digital media.

Lista de figuras

Figura 1 - Representação da instagram face pela modelo Kylie Jenner. Fonte: Kylie Jenner (2023).....	30
Figura 2 - Vênus de Willendorf, c. 28.000-25.000 a.C., calcário, 11cm de altura. Museu de História Natural, Viena. Esta figura esculpida, descoberta na Áustria em 1908, é um exemplo notável de escultura paleolítica. A Vênus de Willendorf é frequentemente. Fonte: Don Hitchcock (2008)	62
Figura 3 - Cartografia instagramável. Fonte: Hermínio Pessoa Neto (2024).....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Contextualização do Problema de Pesquisa	11
OBJETIVOS.....	16
Objetivo Geral	16
Objetivos Específicos.....	16
MATERIAIS E MÉTODOS	16
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	18
RESULTADOS ALCANÇADOS E CONTRIBUIÇÃO DE PESQUISA	18
LIMITAÇÕES DE ESTUDO	19
CAPÍTULO I: CASOS POUCO INSTAGRAMÁVEIS.....	20
1.1 Uma Tríade para a Subjetividade Instagramável	20
1.2 Bom Instagramável: O Caso do “Dr.” Bezerra.....	21
1.3. Bom Digital: Exploração e Silenciamento	23
1.4 Beleza Instagramável: O caso de Luana.....	27
1.5 Belo digital: Filtros e Instagram Face	28
1.6 Verdade Instagramável: O Caso Palestina	34
1.7 O Verdadeiro Digital: Imaginários em Ponto de Regime	36
CAPÍTULO II: PANE NO SISTEMA SUBJETIVO.....	42
2.1 Uma Pós-mentira.....	42
2.2 Contemporâneo: Subjetividade Capitalística ou Capitalismo Subjetivado?	43
2.3 Subjetividades Positivas, Subjetividades Melancólicas: Faces de uma Cultura Global	48
2.4 Uma Lacuna Consertando seus Desequilíbrios: Subjetividade e Sistematização.....	52

2.5 O Bom: A Face Ética da Subjetividade	57
2.6 O Belo: A Face Estética da Subjetividade	60
2.7 O Verdadeiro: A Face Lógica da Subjetividade	66
CAPÍTULO III: O PRODUTO (QUE) MENTE	69
3.1 A Lógica dos Dígitos	69
3.2 Instagram: Ponto de Consumo, Rede de Sociabilidade.....	70
3.3 A Era do Capitalismo Digital.....	71
3.4 Cultura em Aceleração	75
3.5 Mal Subjetivo, Lógica Neoliberal Objetiva.....	78
3.6 Saúde Mental Perante à Falsa Objetividade Neoliberal	82
3.7 “Mais Rápido, Empreendedor”: Discurso Meritocrático e Desamparo Político	86
3.8 O Dígito e a Verdade? Nihilismo e Linguagem.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Vivemos em um mundo melhor? Para muitos historiadores, estatísticos e pesquisadores, a resposta é afirmativa. Um exemplo notável disso é o livro "Factfulness – O Hábito Libertador de Ter Opiniões Baseadas em Fatos", publicado em 2018 por Hans Rosling. O autor, em suposta contraposição ao senso comum difundido, inclusive por muitos intelectuais, de uma realidade distorcida e apocalíptica, esforça-se para demonstrar que atualmente desfrutamos de uma sociedade menos pobre, menos perigosa e menos doente. Ele baseia sua argumentação em dados relacionados à educação, renda e saúde pública.

Segundo o escritor e médico suíço, a expectativa de vida média nunca esteve tão elevada, nunca tantas crianças estiveram vacinadas, nunca tantas meninas receberam acesso à alfabetização, celebra um mundo em que “somente vinte anos atrás, 29% da população mundial vivia em extrema pobreza. Agora esse número é 9%” (ROSLING, p. 93). Dados os quais jamais seriam possíveis, para o autor, sem o notório avanço tecnológico, oriundo do pensamento crítico da ciência.

Há, além disso, justificativas na narrativa da obra para o atual pessimismo que perpassaria por instintos humanos, naturais e ancestrais, de medo e culpa. A mídia jornalística também é constantemente lembrada como ora política e crítica, ora sensacionalista por temas vendáveis como a especulação da violência urbana, gerando assim, desunião.

Essas histórias de opostos são sedutoras, provocativas e tentadoras — e muito eficazes para despertar nosso instinto de separação -, mas raramente ajudam na compreensão. Sempre haverá o mais rico e o mais pobre, sempre haverá os piores regimes e os melhores. Mas o fato de que existem extremos não nos diz muito. A maioria geralmente se encontra no meio e conta uma história bem diferente. (ROSLING, p. 76, 2019).

De todo modo, o livro foi altamente recomendado pelo magnata Bill Gates, assemelhando-se ao livro favorito do magnata *Os Anjos Bons da Nossa Natureza*, de Steven Pinker, uma obra de quase duas mil páginas defendendo a atualidade (FONSECA, 2018), assim como demais *best-sellers*, os quais fomentam ideais de união e progresso.

Todavia, Rosling, autor do livro baseado em evidências, como mostrado no fragmento acima, também afirma que seria uma falácia dividir o mundo entre ricos e pobres, ou países como desenvolvidos e em desenvolvimento, apontando que tanto a Suécia como o Brasil, “um dos países mais desiguais do mundo” (2019, p.76), possuem uma extensa zona de interseção.

Sem necessidade para distinção de grupos, o escritor afirma: “A ideia de um mundo dividido com uma maioria presa ao sofrimento e à privação é uma ilusão” (ROSLING, p.48).

Evidentemente, para além do excesso de otimismo, duras críticas foram destinadas ao livro; dentre elas a total desconsideração com crises específicas contemporâneas, como o tratamento dado aos refugiados, assim como financiamento por países que historicamente incitam, lucram e, conseqüentemente, desenvolvem-se a partir de tais conflitos étnicos encenados bem distantes de suas fronteiras. Tal qual, a insustentabilidade da manutenção do ritmo produtivo, em um planeta com população global de 7 bilhões de pessoas, com previsão de estabilização para 11 bilhões apenas em 2100, apontando para possível inviabilidade da vida humana com o esgotamento dos recursos naturais em estatísticas cada vez mais alarmantes (TRIGO, 2020).

Logo, talvez, a certeza de um mundo melhor não seja tão simples assim. De acordo com a OMS, a taxa de suicídio nas Américas, em contramão a escala global, aumentou em 17% nos últimos vinte anos. Entretanto, o dado mais assustador é referente ao suicídio infantil que aumentou em 45% no Brasil, nos últimos cinco anos, entre jovens de 10-14 anos, uma ocorrência clínica antes incomum, atualmente parece se tornar epidêmica. Dentre os motivos ambientais hipotetizados, o aumento do número de telas é frequente. A problemática, inclusive, intensifica-se especialmente após a pandemia provocada pelo Covid-19, crescendo em 50% nos dados estadunidenses, enquanto no Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba, a projeção chegou a 173%. Em matéria da revista *Folha*, o psiquiatra Rodrigo Bressan, professor da Unifesp, alega: “Se o crescimento de casos está assim [acentuado], significa que a base do ‘iceberg’ também está maior, o que ilustra que a saúde mental dos jovens está muito ruim. Não é um fenômeno isolado” (BOTTALLO, 2022). . A psicanalista Julieta Jerusalinsky, professora da PUC-SP, complementa: “Quando há algo numericamente tão significativo [taxas de suicídio], precisamos interrogar o que isso nos diz como sintoma coletivo” (BOTTALLO, 2022; ELIA, 2021; MARTINS, 2022; OLIVEIRA, 2022; ONGARATTO, 2022).

Junto a isso, a psicanalista, escritora e doutora em filosofia Viviane Mosé é ainda mais clara sobre a temática. Em palestra para Escola Superior do Ministério Público do Estado de Goiás (ESUMP-GO) sobre saúde mental, afirmou: “Uma sociedade em que crianças não querem viver não presta, uma cidade em que jovens e crianças não querem viver faliu” (ESUMP-GO, 2022). Nesse sentido, podemos fixar que, para além dos *best-sellers* entusiastas do progresso neoliberal, há um número significativo de livros de autoajuda nas prateleiras, campeões em venda, como *Ansiedade: como enfrentar o mal do século*, de Augusto Cury. No entanto, para a OMS, a depressão foi escolhida para o posto de “mal do século XXI”, com dados

e projeções que só aumentam para todo o globo. No Brasil, o transtorno afeta 25% da população adulta feminina. Invariavelmente, é fato que a saúde mental se tornou foco de estudo e tema em debates hodiernos como nunca (OLIVETO, 2017).

Em suma, à luz dessa ótica, ao analisarmos os dados matemáticos e objetivos, o mundo *factfulness* prospera rumo à paz. Contudo, ao que tange o subjetivo da cultura e estados emocionais, as perspectivas constantemente ganham caráter cada vez mais crítico e alarmante de um mundo frágil e insatisfeito. Em virtude dessa conflito, o presente trabalho não busca responder aos dilemas pertinentes à felicidade ou ao progresso, muito menos escolher uma posição entre grupos como os “apocalípticos” ou “integrados” sobre a tecnologia, como intitulou Umberto Eco, mas questionar ocorrências como: por que, nos últimos 80 anos, conseguimos, pós-segunda grande guerra, levar o homem à lua, clonar uma ovelha, criar o micro-ondas, o anticoncepcional, o computador e até disseminar a internet, mas, ainda não conseguimos estabelecer os Direitos Humanos como universais, ou ao menos, como essenciais a serem defendidos pelos cidadãos?

Hipotetiza-se, como foco deste trabalho, que o subjetivo possa perder seu espaço, em meio aos sufocamentos de um mundo positivado em dígitos econômicos e cibernéticos. Há de se pensar nas questões filosóficas que rondam o subjetivo como de difícil, ou impossível, mensuração, mas há de se discutir também os interesses que legitimam o progresso em somente algumas esferas da humanidade, senão seguiremos em guerras e misérias, mesmo entre “espaçonaves”. Seguindo esse raciocínio, o foco desta pesquisa endereça-se uma análise crítica ao Capitalismo Digital em seu desenvolvimento não objetivo, mas subjetivo, portanto, não se trata de uma produção “anti-tecnologia”, mas sim, uma reflexão ao que concerne os interesses mercantis e políticos e seus efeitos culturais sobre a subjetividade em escala coletiva. Suscitando a possibilidade de que o sistema econômico e estrutural, pautado no pragmatismo, possa remodelar, reprimir ou até suprimir, aspectos particulares do ser humano, desde sua confiabilidade em notícias até a percepção moral e ética sobre si próprio.

Portanto, dada a intensificação estatística de adoecimentos psíquicos, acompanhada de debates sobre saúde mental que ganham apelo junto ao corpo social, especula-se como a máquina civilizatória pode estar envolta em tais conflitos, em uma disputa desleal entre social e material. A quebra da coletividade e o aumento de demandas performáticas, em cada vez mais áreas da vida referentes ao humano, podem estar envoltas em tais processos. Atribui-se, desse modo, ao fetichismo ao capital, ao animismo simbólico ao que não tem vida, logo, à proximidade algorítmica que substitui, gradualmente, esferas uma vez ocupadas pelo contato humano, como possíveis causas para a angústia coletiva colocada em pauta.

Contudo, ao direcionar-se ao Capitalismo Digital, a presente pesquisa não entende uma resoluta culpabilização do conjunto que organiza as relações e ordenamentos do sistema o qual nos inserimos, mas trazer atenção às diversas métricas, regras e conceitos que se estabelecem em diversos campos sociais, em especial no crescente digital, que se relacionam a uma mecanização algorítmica da vida a serviço de interesses monetários, os quais, aparentam não priorizar o bem estar comum, corroborando com o silenciamento de subjetividades e seu consequente sofrimento.

Entretanto, tendo em vista a presença maciça das mídias em nossos hábitos costumeiros, interroga-se sua participação no índice, cada vez maior, de indivíduos insatisfeitos com suas vivências. Além da epidemia de transtornos emocionais nos cidadãos mais jovens, percebe-se uma gama de outros problemas sociais, tais como a propagação de notícias falsas, gerando anticientificismo e ameaças à democracia, assim como tantos outros semelhantemente; a “uberização” do trabalho, o *cyberbullying*, a “cultura do cancelamento”, os transtornos de autoimagem relacionados a distúrbios alimentares e, especialmente, a exploração da atenção humana como moeda do presente modelo econômico. Sob esta perspectiva, a problemática recai sobre uma possível falta de norteamento ético de um sistema que se desenvolve em velocidade nunca vista, encurtando diálogos e reflexões, preconizando a objetividade, rumo a um futuro incerto e, possivelmente, insustentável.

Por conseguinte, para investigação de tal ocorrência, utiliza-se o aplicativo *Instagram* como palco para ilustrar e recortar esse fenômeno. Além de ser a terceira colocada no *ranking* de redes sociais mais usadas entre os brasileiros, a plataforma foi eleita pela instituição inglesa *Royal Society for Public Health* como a pior rede social ao que se refere à saúde mental dos jovens, a partir de métricas que dizem respeito à ansiedade, depressão, *bullying*, solidão e imagem corporal, aparentemente, por conta do seu basilar foco imagético, o qual poderia provocar um maior sentimento de inadequação e angústia entre os usuários (FELDMANN, 2019; MARTINS, 2022).

A partir disso, podemos traduzir a inquietação no questionamento de pesquisa: De que forma podemos pensar a subjetividade, permeada pela relação entre social e material, ao realizarmos uma análise qualitativa do Instagram, face à História e a partir da Comunicação, em três de suas dimensões básicas (ética, estética e epistemológica)?

Amparada, assim, na intenção de contribuir para o avanço dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODSs) postuladas pela ONU; como o objetivo 3º, “Saúde e Bem-estar”, o 10º, “Redução das Desigualdades” e o 16º “Paz, Justiça e Instituições Eficazes”. Justifica-se, também, na função e responsabilidade do comunicólogo em despertar pesquisa e

conhecimento sobre fatos culturais pouco noticiados, em prol do conhecimento crítico e da tomada de políticas públicas, gerando esforços para contribuir com uma maior compreensão sobre um fenômeno que gera dados preocupantes como os supracitados. Isto é, imaginar o pesquisador da Comunicação como nas célebres palavras de Vera França:

Nossa reflexão [dos especialistas da comunicação] incide sobre esse momento fugaz em que a cultura, os valores, os desejos e as fragilidades que habitam a vida social e a existência concreta dos homens tomam formas, são recriados, modificados e, enquanto representações, são reapropriados, se convertem em modelos, retornam enquanto novas imagens, refletem nos comportamentos e nos corpos – e assim sucessivamente (França, p.18).

Somado a isso, para aporte teórico, constrói-se um estado da arte composto por um mosaico de vetores. Ao partirmos da subjetividade humana, somos direcionados aos artefatos teóricos construídos pela Filosofia, Psicanálise e Psicologia para manejo de questões referentes ao arcabouço emocional e individualidade humanas, como nos estudos de Mosé (2018; 2019), de Safatle, Silva Júnior e Duncker (2021). Contudo, a subjetividade também está relacionada a questões referentes à cultura, como nos estudos de Sartre (2002; 2015), sendo também entrelaçada em face às relações de poder como em produções de Guattari (1993; 2005; 2012) e Ghirardelli (2023).

Trata-se de um objeto intimamente conectado a cartografia de imaginário, sendo, para tal, abarcado por autores como Leão (2011), Jung (2018), Deleuze e Guattari (1966; 1996). Nesse sentido, envolve-se com autores críticos à cultura, como em Han (2014; 2017; 2018; 2021), autores da comunicação, como em Martín-Barbero (2006) e Maffesoli (2010), e as transformações nas relações de poder, como em Nietzsche (1983; 1987; 2000; 2012) e Foucault (1979; 1996; 1997; 2013). Para sua divisão de análise, a autores para o bom, temos as reflexões de Aristóteles (2001), para o belo, reflexões de Wolf (1992), e para o verdadeiro, reflexões de Bezerra, Capurro e Schneider (2017).

Somado a isso, tem-se para delineamento do quadro do objeto autores referentes ao sistema capitalista, como nos estudos de Marx (2007), Weber (2004) e Sandel (2022), assim como das questões referentes aos processos plataformação e aceleração dos meios de informação, com teóricos como Zuboff (2021), Trivinho (2007), Virilio (1996), Rosa (2017; 2019), Srnicek (2014), e para especificidades das Mídias Digitais, como as rede social Instagram, há também referencial teórico de Cintra (2021) e Montardo (2022).

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Busca-se compreender a relação entre a mídia digital, mais especificamente da rede social *Instagram*, orientada pela lógica capitalista, no que diz respeito às transformações da subjetividade humana.

Objetivos Específicos

Com o intuito de alcançar o objetivo geral de forma mais sistemática, os objetivos específicos seguem uma ordem cronológica e causal, apresentados a seguir:

- a) dissertar, a partir de aporte teórico, sobre as transformações da subjetividade em três de suas faces: a beleza, a bondade e a verdade;
- b) entrelaçar e contrapor os estudos culturais de diferentes autores ao que tange o papel da mídia junto às dinâmicas sociais;
- c) construir uma cartografia do imaginário, a partir de recortes e dados sociais reais, sobre os impactos de tais transformações na subjetividade humana em escala social e coletiva.

MATERIAIS E MÉTODOS

À vista da disputa entre social e material, o objeto de estudo pontuado é a subjetividade, analisada ao longo do tempo em face a Comunicação e processos culturais envolvidos. Contudo, devido sua abstração e amplitude como desafio de pesquisa, compreende-se a necessidade de sua materialização para melhor estudo empírico. São evocados, nesse sentido, o Instagram como espaço coletivo, digitalizado e contemporâneo, que explicita um recorte do espírito do tempo que se presencia. Enquanto para organização analítica do subjetivo, parte-se da sua divisão triádica inferida ocidentalmente desde Platão (bom, belo e verdadeiro), comentada por outros autores como geradora dos campos de conhecimento, respectivamente correspondentes, da ética, estética e política ou epistemologia.

Dessa somatória, o objeto apela para recortes ainda mais claros, traduzidos pelos casos selecionados em meio a rede social para cada um dos elementos da tríade subjetiva. Desse modo, ao tratar do campo ético, aquilo que é bom e mau, trazemos criminosos exaltados na plataforma; para falar do campo estético, aquilo que é feio e belo, trazemos produtoras de conteúdo da rede que adoeceram ou perderam a vida tentando alcançar ideais da imagem

algoritmizada, e, ao tratar do campo da política e do conhecimento institucionalizado, daquilo que é acordado como verdadeiro e falso, trazemos intervenção ideológica da rede em questões políticas, como na presente guerra, entre Israel e Palestina, ocorrida no Oriente Médio.

Em síntese, fugindo a linguagem, o objeto é um fenômeno que se desdobra em várias faces e insurgências, ao permear o tecido sociocultural que nos atravessa. Como uma gota que não pode ser vista, mas que gera ondas ao tocar uma superfície, direciona-se ao subjetivo sem intenção de definir, mas, porventura, sinalizar tendências para os múltiplos conflitos trazidos pela era dos algoritmos.

Procura-se apresentar o trilha percorrido para construção da análise neste trabalho; incluindo seus métodos de pesquisa, abordagens selecionadas e os procedimentos realizados no desenvolvimento desta investigação. A princípio, é importante ressaltar o caráter bibliográfico e qualitativo da presente pesquisa, o qual, por não possuir estrutura rígida, permite “que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p. 22). Como tal é:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Tal amálgama informativa é, à luz dessa ótica, estruturada com base nos processos de criação em mídias digitais, a partir da conceituação sobre imaginários e cartografia desenvolvidos por Leão (2011). Assim consiste em, primeiramente, um levantamento de estudos de caso correspondentes ao tema em questão (2º capítulo), uma análise crítica do próprio objeto/problemática tratada (3º capítulo), e, por fim, uma análise crítica da estrutura que cerca o objeto (4º capítulo).

Desdobra-se, a partir disso, em sua totalidade, uma cartografia do imaginário das relações de poder que permeiam a rede social, decodificando, por meio das ocorrências que explicitam parte de sua dinâmica, as possibilidades para o florescer subjetivo humano deste tempo cultural visto sua marca digital. A cartografia ganhou destaque a partir da filosofia de Deleuze e Guattari, entendida como ideal para a presente produção que abarca um tema com inúmeros atravessamentos, uma vez que, para tal abordagem “o essencial são os intercessores, a criação são os intercessores, sem eles não há obra” (DELEUZE, 1996, p. 160). Dado o caráter pouco quantitativo e pragmático da subjetividade, recorre-se, assim, ao imaginário pertinente

ao inconsciente coletivo, como teorizado por Jung (2018), unindo o psiquismo face aos processos de criação e comunicação na cultura, em especial, a virtualizada na rede social Instagram.

Para análise teórica, o embasamento é proposto a partir de autores multidisciplinares pertencentes à Comunicação, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia e Psicanálise, dentre outros campos, na intenção de cercear o objeto multifacetado da subjetividade, buscando delinear sua relevância e subjugação historicamente.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Como supracitado no subtópico anterior, o trabalho dispõe de três capítulos, com análise de casos, análise do objeto e análise da estrutura que o cerceia. Podendo ser resumidos no esquema a seguir:

- Capítulo I: São trazidos à discussão casos ocorridos na rede social, no intuito de despertar curiosidade a respeito da subjetividade humana em meio a contemporaneidade. Traslada-se pelos campos da ética, estética e política, com um subtópico de apresentação e um de análise para cada um desses eixos, buscando um perfil valorativo daquilo proposto como belo, bom e verdadeiro pelos internautas nos termos digitais estabelecidos pelo Instagram;
- Capítulo II: Após seus exemplos práticos, é proposta a análise do objeto de pesquisa. Assim, passamos a tratar diretamente da subjetividade perante a cultura e seus desdobramentos históricos. Investiga-se a relação entre ambas, assim como de seu envolvimento com os meios de comunicação. Estabelecendo, novamente, para tal, um caráter triádico para melhor comportá-la em análise;
- Capítulo III: Por fim, busca-se respostas investigando sobre a estrutura material que cerca o objeto de pesquisa, trazendo contrastes que permitem melhor imaginar o subjetivo amorfo. À luz disso, tratamos um pouco dos elementos culturais e políticos que enquadram o vigente Capitalismo Digital, no qual as redes estão sitiadas, junto ao nosso empréstimo subjetivo para tal funcionamento. Indo da macroeconomia até a estrutura da linguagem como também ordenadora do conflito apresentado.

RESULTADOS ALCANÇADOS E CONTRIBUIÇÃO DE PESQUISA

Da investigação, resultou-se um paralelismo, uma fotografia de um tempo e espaço, que procurou gerar reflexão a respeito de um importante conflito contemporâneo, envolto por

grandes cooperativas de tecnologia e os rumos do socioemocional humano. Por isso, o mosaico construído cuidadosamente para o presente trabalho buscou trazer a atenção, a partir do resultado de sua obra, na intenção de um posicionamento mais crítico que se alinhe com os rumos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Somando, assim, à academia, um olhar que pode servir como base e exemplo para possíveis caminhos de análise da subjetividade, assim como, de referencial para leitores e autores posteriores, promovendo novas ideias, aproximando o mundo prático com os conhecimentos teóricos trazidos pela Comunicação, Semiótica, Psicologia e Filosofia.

LIMITAÇÕES DE ESTUDO

Fixada a limitação técnica, orçamentária e temporal, assim como a imensidão e riqueza filosófica da subjetividade. O trabalho possui dois principais eixos de limitação; o primeiro, da profundidade de diversos assuntos suscitados, os quais foram trazidos não em desprezo à sua seriedade, mas ilustrando um fenômeno mais amplo, podendo ser elevados a muitas esferas particulares de interesse do leitor que pode, e deve, abordá-los em outras pesquisas específicas, com locus mais restrito e maior detalhamento, a partir da subjetividade.

Um segundo ponto, relaciona-se diretamente com a vivacidade e mutabilidade do objeto de investigação. Logo, diversos questionamentos infundáveis podem ser feitos acerca do subjetivo; de seu manejo dentro da pesquisa, e fora dela, os quais deixam uma lacuna a ser abarcada com futuros olhares, propostas de ferramentas e sistematização desse fenômeno humano face à estrutura.

CAPÍTULO I: CASOS POUCO INSTAGRAMÁVEIS

1.1 Uma Tríade para a Subjetividade *Instagramável*

No presente capítulo, trataremos a reflexão teórica em conjunto com exemplos práticos da subjetividade digital em questão, que buscamos delinear a partir da plataforma Instagram. A partir da tríade subjetiva proposta (ética, estética e política), nesta primeira parte, buscaremos por casos que expressem as questões que atravessem e exemplifiquem a subjetividade contemporânea norteadas pelas mídias e seus sistemas algoritmos e intenções político-econômicas.

Diante desse cenário, faz-se importante fixar a origem não aleatória do Bom, Belo e Verdadeiro, ao retroceder a filosofia grega antiga platônica, o ideário foi comentado por diversos autores ao longo da história. No texto “Ideias de Conduta” (1903), Charles S. Peirce faz um profundo delineamento da inteligência humana a partir da associação das ciências normativas - a lógica, a ética e a estética - assim como na IV Conferência (“Os Três Tipos de Bem”), da série constante no volume 5 dos *Collected Papers*, este primeiro traduzido para o português por Ivo Ibri (2023). Assim como, o filósofo Gottlob Frege faz diversas vezes tal processo comparativo ao debruçar-se sobre a lógica no manuscrito “Logik” (1897), traduzido por Ruffino (2006):

Ao entrarmos em uma ciência, é imperativo termos uma ideia pelo menos provisória de sua essência. Queremos ver um objetivo final, em direção ao qual devemos direcionar nossos esforços, um alvo que dê a direção na qual devemos pesquisar. Para a lógica a palavra “verdadeiro” pode cumprir este papel de tornar este objetivo explícito, da mesma maneira que a palavra “bom” para a ética e “belo” para a estética. [...] Assim como a ética, pode-se chamar a lógica de uma ciência normativa. Como devo pensar, para alcançar o objetivo, isto é, a verdade? (FREGE, 1983, p. 139).

Pode-se citar também o emprego dessa lógica triádica em Nietzsche em seu amplo questionamento do verdadeiro como um valor: “Para um filósofo, é vergonhoso dizer que “o bem e o belo são idênticos”; e se ele acrescentar “o verdadeiro”, deve levar uma surra. A verdade é feia. A arte nos é dada para nos impedir de morrer de verdade.” (NIETZSCHE apud COMTE-SPONVILLE, 1994, p. 91). A tríade também foi utilizada mais recentemente pelo filósofo Jan Aertsen com a ideiação do sujeito possuir três modos distintos de interação com o mundo: prático, estético e cognitivo (2008), assim como no Brasil, pelo renomado arquiteto Frederico R. Borges de Holanda (2022).

Logo, retomando a estruturação do presente capítulo, em cada um dos três eixos, trataremos em um primeiro subcapítulo as ocorrências em meio a rede social e, em um segundo subcapítulo, uma reflexão teórica sobre sua dinâmica. O primeiro, a partir do Bom, temos um paralelismo com aquilo que é prático da rede, isto é, quem ganhará destaque, terá seus conteúdos entendidos como benéficos e sua conduta como exemplar, o que corresponderia ao “engajamento”, as curtidas, compartilhamentos e demais interações da plataforma. O segundo paralelo, daquilo que é Belo, corresponde ao caráter estético da rede, o que a plataforma compreende como atraente e prescreve como positivo materialmente, são estes, os filtros e edições possíveis na rede. A terceira correspondência, do Verdadeiro, traz consigo aquilo que é visto como mais inteligente e digno de confiança, trata-se da credibilidade, representada na rede com os números de seguidores e, principalmente, com sua postura diante dos seus usuários.

Evidentemente, a proposta do “belo, bom e verdadeiro” da presente pesquisa não é definitiva, os paralelismos e seus exemplos correspondentes podem embaralhar-se, afinal, aquilo que é belo também será entendido como bom e promoverá engajamento. Da mesma maneira, aquilo que é verdadeiro poderá sofrer alterações estéticas na rede para se fazer valer, e poderá prescrever uma conduta moral do que é bom àqueles que os percebem. O fato é, assim como o belo e o bom estariam entrelaçados para Platão, temos no subjetivo esta constante interação indissociável de significantes e significados envolvidos na experiência perceptiva de um sujeito. Por essa razão, o presente capítulo procura demonstrar com ocorrências graves não só o adoecimento subjetivo em seus três pólos digitalizados, explicitando a lógica até então articulada, não classificando o subjetivo em três traves, mas incorrendo em especial na reflexão filosófica sobre o nosso manejo diante do aparato comunicacional virtual que detemos atualmente.

1.2 Bom *Instagramável*: O Caso do “Dr.” Bezerra

Em julho de 2022, um médico anestesista, de 31 anos, de alcunha Giovanni Quintella Bezerra, foi detido sob acusação de estuprar mulheres grávidas durante os seus trabalhos de parto. Seu vídeo foi publicado digitalmente, viralizando em meio às redes sociais. O violador, após anestesiá-las, tampava seu rosto com um lençol e colocava seu órgão genital na cavidade oral das gestantes, depois limpava, na tentativa de não deixar vestígios do seu ato hediondo e criminoso. Após repetidas agressões sexuais, as enfermeiras do Hospital da Mulher, no Rio de Janeiro, onde ocorreu a tragédia, passaram a desenvolver desconfiança com as atitudes suspeitas do estuproador, como a alta dosagem prescrita por ele para as pacientes,

gravando um vídeo, de mais de 10 minutos, mostrando a violência do médico para com a paciente que passava por uma cesariana. (BARROS, 2022; SANTOS, 2022).

O crime, após ser publicado nas mídias, ganhou notoriedade não apenas pela inescrupulosidade e crueldade, mas também, porque em menos de 24 horas após a divulgação, o esturador que possuía na rede social Instagram em torno de 365 seguidores, passou a ter 11 mil seguidores. Tal fenômeno causou revolta entre os internautas, todavia, algumas publicações do médico passaram a ter em torno de 15 mil curtidas, e pelo menos 30 páginas falsas foram criadas em seu nome no intuito de “viralizar” junto ao ocorrido. (ANESTESIA 2022; O QUE 2022).

A misoginia como motivação para engajamento na rede social Instagram não é isolada ou nova. Pode-se pensar no ex-morador de rua, Givaldo Souza, que ganhou notoriedade por ter relações sexuais com uma mulher que estava em surto psicótico, sendo posteriormente espancado por seu marido que o encontrou em flagrante. Esquecida a vulnerabilidade e superexposição da vítima pelo meio digital, o homem se tornou rapidamente um influenciador no Instagram, conhecido como “mendigo do amor”, chegando a marca de quase 500 mil seguidores no Instagram, até ter suas contas desativadas por mando da Justiça, devido a difamação do casal envolvido no ocorrido. (CABEÇAS, 2022; EX-MENDIGO, 2022).

De forma análoga, o ex-BBB Felipe Prior, ganhou 300 mil seguidores no Instagram após divulgação da sua acusação pelo crime de estupro, sendo um dos participantes “favoritos” da edição. Ainda assim, mesmo condenado após a edição do reality show, ganhou apoio de seus seguidores, defendido a ponto de pedir para “pararem de mandar mensagem para as advogadas que se dizem agredidas por mim. As mensagens atrapalham a minha defesa.” (FELIPE, 2020; PRIOR, 2023).

A internet tem sofrido com a articulação de grupos machistas contrários à soberania feminina sobre seus próprios corpos e cidadania. Tendo em vista que o machismo impera há séculos, muito antes da era digital, o fato pode ser pouco surpreendente para alguns, mas retoma os debates sobre como abusos podem ser perpetuados pela defesa da liberdade de expressão irrestrita.

Dentro do Instagram, é possível notar como as curtidas e compartilhamentos, compreendidas como “engajamento” pelo público, as quais inclusive alimentam e são alimentadas pelo algoritmo, representam esse fenômeno, no qual, até crimes hediondos podem ser palanque para pessoas comuns ganharem fama e fortuna, inspirando tal prática em terceiros. Muitos atribuem essa retomada do machismo às redes com o movimento “red pill”, de março de 2023, carrega um termo em inglês para “pílula vermelha”, fazendo menção ao filme *Matrix*

(1999), em que ao ingerir a pílula se ganharia uma percepção alternativa da vigente, nesse caso, uma negação a emancipação feminina. Atualmente a hashtag “redpill” no Instagram resulta em mais de um milhão de publicações; que envolvem assuntos para se tornar um “macho-alfa”, como dicas para manipular mulheres, dando uma grande, mas incompleta noção do alcance de tal tipologia reacionária de conteúdo. (BERTAGNOLI, 2023).

Enquanto a violência a mulher ganha engajamento algorítmico, por exemplo, há as vítimas do desengajamento, isto é, do silenciamento. A ONG para animais AuFamily, por exemplo, vai a público pedir ajuda, pois passa a perder visibilidade ao demonstrar a precariedade que se encontram certos animais em abrigo, tendo seu “conteúdo sensível”, como é classificado pela plataforma, ocultado, por apresentar imagens “fortes demais”. Logo, entendidas como pouco positivas de serem vistas pelos telespectadores, perdendo automaticamente a extensão de alcance para conseguir mais ajuda para sua causa.

À luz dessa ótica, a misoginia como um valor celebrado digitalmente é, no mínimo, preocupante. No entanto, é importante ser frisado no caso uma questão mais complexa: o completo desnorteamento daquilo que ganha destaque na rede e que, por consequência, poderá ser interpretado como benéfico. A cantora Luísa Sonza, por exemplo, perdeu 100 mil seguidores no Instagram após “clipe polêmico”, mas ganhou 500 mil seguidores após expor a traição sofrida em um relacionamento amoroso. (PARDO, 2023; LUÍSA, 2023). De forma semelhante, o cantor Zé Neto ganhou quase um milhão de seguidores no Instagram, em 24 horas, após postar foto sem camisa, algo que chamou a atenção da cantora Gaby Amarantos que reclamou, em suas redes sociais, afirmando perder seguidores ao postar fotos de biquíni por ser uma mulher “fora dos padrões”. (SANTOS, 2020). A partir dessas insurgências que expressam favoritismos morais e estéticos, mas também fenômenos sociais; sendo a ponta do ‘iceberg’ para muitas outras semelhantes, cabe a reflexão: o que é bom para o Instagram?

1.3. Bom Digital: Exploração e Silenciamento

Partindo do “bom”, como bem comum, norteador social, semelhante ao conjecturado em “A República” de Platão (2011), a internet pode prescrever os mais diversos caminhos em seu contexto contemporâneo. Além das diversas insurgências no Instagram, citadas nos casos anteriores, pode-se encontrar em algumas redes sociais, casos ainda mais alarmantes por “curtidas”; como o “Mukbang”, uma prática que ganhou popularidade na Coreia do Sul em 2010, em que internautas fazem *lives* (audiências online), comendo. Algo que poderia se assemelhar apenas a “espetacularização” de uma recorrência comum do dia a dia, ganha capacidade de adoecimento em que um jovem de saúde mediana, passe a engordar 90 quilos,

adquirir vários problemas de saúde, inclusive respiratórios, além de transtornos alimentares para atender as expectativas de suas curtidas e engajamento. Caso do americano Nicholas Perry no Youtube, que por vezes veio a público chorando, em extrema angústia. Semelhante ao youtuber italiano Omar Palermo, que tinha 821 mil inscritos na rede em virtude da prática e que morreu devido a um ataque cardíaco, decorrente da ingestão excessiva de gorduras saturadas. (DE ARAÚJO, 2023).

Todavia, a sedução não é apenas pela fama, mas também pela rentabilidade, uma vez que os fãs podem pagar caro para ver alguém “comer até morrer”. Algo que pode gerar uma comoção de caráter moral para além do “capitalismo selvagem”, pois em 2020, a Comissão de Comércio Justo da Coreia do Sul se reuniu com a Câmara de Comércio e Indústria, em Seul, para implementar uma regulamentação mais severa sobre as plataformas digitais, com intuito de reprimir a prática de publicidade velada que possuem. A conduta levou órgãos legislativos dos Estados Unidos à França a implementarem medidas semelhantes. (DE ARAÚJO, 2023).

Nesse sentido, poderia refletir que o caminho do “bom digital”, aquilo que ganha telespectadores, tem seus desdobramentos tão difusos quanto a lógica capitalística, pois existe nas dimensões do mercado, isto é, há uma demanda, um público que se interessa pelo produto, formulando às mais diversas ofertas para estes pagantes, as quais só as camadas mais profundas da “*deep web*” podem ter acesso, talvez, à dimensão de suas deturpações éticas e, quiçá, dos seus limites. Ao tratarmos do Instagram, temos semelhanças, contrastadas com sua particularidade imagética, petrificada, devido sua gênese como uma rede social de fotos instantâneas. Tal característica, de agilidade e estimulação visual, típica do meio digital, carrega, junto a sua linguagem métrica e algorítmica de engajamento, não só uma busca incessante por “likes”, mas narrativas narcísicas diversas, íntimas da subjetividade humana, que passam a sofrer por um novo elemento, o valor numérico em seu imaginário, semelhante ao da petrificação. Como frisa Duncker:

Recentemente o Instagram anunciou que o número de curtidas em cada postagem não estará mais disponível para os usuários. Ainda é possível descobrir quantas pessoas curtiram uma publicação contando manualmente os nomes dos que se envolveram. Parece a mesma coisa, mas não é. Existe uma relação intrínseca entre o narcisismo digital e velocidade de interpretação da imagem. A contabilidade estimula a comparação entre pessoas, transferindo uma hierarquia de relevância e confiabilidade para o conteúdo e trazendo potenciais prejuízos psicológicos, aos que se obsessionam com a busca de curtidas. [...] mas nem todas elas reduzem-se ao exibicionista latifundiário, empreendendo sua fazenda de likes. A linguagem digital, com sua métrica de curtidas, altera profundamente nossas gramáticas narcísicas porque amplia o acesso ao palco simbólico, estimula a variação de personagens imaginários e precifica o valor real da influência. (2020, p.128-9).

Nesses termos, o autor nos relata que o sofrimento digital é, recorrentemente, uma luta para participar da rede, do “nós”, em que nos deparamos entre a incerteza de cair, junto a obrigação por subir, dentro de um imaginado posicionamento de “classe”. As inflações do ideário de que “todo mundo quer saber”, opõe-se às quedas das críticas e silenciamentos daqueles que não o querem, mas acabam por reforçar um senso de importância da necessidade de se expressar e ser visto/ouvido, o que pode facilitar a dependência, ansiedade, frustração e angústia, a partir da necessidade da presença do outro digital, potencializado em números. Enfraquecendo, por outro lado, o presencial, a partir da suposta desimportância de estar offline, como um “não existir”. O que é reforçado, dentre as diversas opções, é o caráter de “bolha” dos pequenos universos digitais:

Combinado com a possibilidade de restringir quem entra e quem sai de seu teatro, isso redundava no efeito de redução do tamanho do mundo e de aumento proporcional da extensão do eu. Resultado, começamos a sentir mais dolorosamente as quinadas da realidade, quando saímos deste mundo feito sob medida e segundo nosso conforto, para fora da bolha. Aqui estão os efeitos de suscetibilidade e ressentimento narcísicos, como se toda diferença, oposição ou contrariedade fosse sempre vivida como desaprovação e desamor. (DUNCKER, p. 131, 2020).

Dentro da bolha, o circuito algoritmo que preza pela captação da atenção, como debatido anteriormente, facilita, a partir da aceleração das autoafirmações para satisfação do usuário, o fanatismo e a polarização, comuns do narcisismo digital; aquilo que era imaginado passa a ser modelado como a realidade para o sujeito. Logo, a linguagem digital pode incidir no subjetivo humano anestesiando certos desequilíbrios, mas não deixando-os menos salientes:

O paranoico se tornará mais paranoico ao encontrar companhia que confirmam suas ideias persecutórias. O depressivo torna-se mais depressivo, ao reunir outras tantas consciências críticas e cruéis, que dão consistência para seus padrões de autoobservação. O ansioso torna-se mais ansioso ao perceber nos outros esquemas de produção, desempenho e realização muito melhores que os seus. O esquizotípico recuará ainda mais, diante de tanta desordem, para seu próprio mundo e confirmará a cada vez que jamais faria parte de um clube que o aceitasse como sócio. (DUNCKER, 2020, p. 132-3).

A aldeia global funciona para todos, gerando as mais diversas potências de tribos digitais, inclusive destrutivas, como na exploração do bem e mal-estar alheio, chegando a violências como as da misoginia como forma de engajamento, relatadas no caso anterior. Reforça-se, assim, a evolução no nível material, mas não necessariamente em nível subjetivo referente ao bem-estar coletivo, fazendo do digital não um vilão, mas uma entidade a ser questionada, não pleiteada como salvadora.

Da lógica algorítmica, estima-se um acúmulo de inteligência digital a partir dos dados gerados pela participação dos seus internautas, mas esquece-se que escolhas e produções individuais passam a ganhar caráter padronizante, visto que mediadas por dígitos, que conhecem o objetivo de seus produtores, mas desconhecem a sensibilidade humana. Assim como, da lógica capitalista, endereçam tal materialismo numérico ao nosso subjetivo, que passa a monetizar sua participação e desenvolver em si um valor de marca, de mercado, de produtificação do eu. Em suma, o que se é estimulado culturalmente é a fortaleza dos números e opressão a diversidade subjetiva, não necessariamente sua liberdade.

O “bom digital” é, nesse sentido, inflamável aos egos, mas não muito distante do bem e mal imaginados há milênios. Trata-se de uma busca pessoal moral que requer cuidados e que frequentemente recai em exageros típicos do narcisismo humano em demasia. Em Aristóteles, com *Ética a Nicômaco* (2001), preza-se, para substituir vícios por virtudes para encontrar o caminho correto, o caminho ético seria o do equilíbrio, tem-se, assim a noção de mediana aristotélica, em que excessos e deficiências devem ser evitados, sendo toda a virtude o ápice entre dois vícios, o excesso e a falta. Por exemplo, em Aristóteles, no “continuum da virtude”, a integridade em excesso pode se tornar legalismo e, em escassez, corrupção, assim como o amor em excesso pode se tornar possessividade e, em escassez, egoísmo; a coragem, em excesso, imprudência, em escassez, covardia; a humildade, em excesso, degradação e, em escassez, orgulho. A ponderação é valorada em diversas culturas, assemelha-se ao “caminho do meio” traçado na tradição budista oriental.

Ao pensarmos no digital, pode-se estabelecer também dois eixos a serem evitados, primeiro, o excesso, a superexposição e exploração do usuário em sua subjetividade, e um segundo, a escassez, o seu silenciamento ou exclusão, a negação de sua subjetividade. Podemos encontrá-los nos casos anteriores, em que a superexposição de tragédias traz seguidores a violadores, em que a exploração de usuários constrói adoecimentos psíquicos em tais influenciadores que participam em tais redes. Assim como, o caso da cantora que perde seguidores por apresentar um corpo de proporções distintas da construída pela cosmovisão europeia ocidental, ou da ONG que perde visibilidade ao ter seu conteúdo sensível ocultado, isto é, silenciadas e excluídas, mesmo apresentando pautas positivas para a roda digital do Instagram. Seguindo esse raciocínio, cabe a reflexão: há espaço para equilíbrios em redes como a do Instagram, assim como as demais, tendo em vista a aceleração de seus processos e, principalmente, a ganância pela maximização de seus lucros?

1.4 Beleza *Instagramável*: O caso de Luana

Luana Andrade era uma *influencer* na rede social Instagram com mais de 400 mil seguidores. Além de chamar atenção pela sua beleza, a jovem era assistente de palco do programa do *Domingo Legal* na emissora SBT, tendo ganhado notoriedade pela sua participação também em um reality show, *Power Couple Brasil 6*, junto a seu namorado. A moça costumava compartilhar em suas redes sua rotina de exercícios físicos, assim como suas viagens pela França e Itália. Apesar de ter uma vida invejável para muitos na plataforma, submeteu-se a uma lipoaspiração na região dos joelhos, tendo uma embolia pulmonar e vindo a óbito com apenas 29 anos. Celebidades como Neymar vieram a público lamentando a perda tão precoce da dançarina, assim como o surfista Gabriel Medina que comentou: “Hoje perdi uma amiga por procedimento estético 'simples'. Mundo está surreal, gente, principalmente vocês mulheres. Esse padrão de corpos “perfeitos” que é impossível de alcançar exibidos no Instagram e na mídia precisa acabar urgentemente”. (PATRIARCA; PAIVA, 2023).

Apesar de chocar pelo perfeccionismo do procedimento realizado, o caso de Luana não é o único, a *influencer* Liliane Amorim morreu aos 26 anos, internada após lipoaspiração (NANBU, 2021). Notícias como essa, cada vez mais comuns nos tempos contemporâneos, geram, além de profunda tristeza, um alerta repleto de indignação. Se analisarmos, ao longo da história, as mulheres conquistaram cada vez mais espaço e força, quebrando muitos silêncios da dominação de gênero; voto conquistado, figuras femininas em altos cargos públicos e leis contra violência doméstica e discriminação laboral criaram o ideário de que a mulher contemporânea ocidental goza de mais oportunidades do que qualquer outra na caminhada da humanidade. Todavia, ao nos depararmos com universo da pressão estética com notícias como a supracitada, poderiam ser consideradas as mulheres, de fato, livres?

De acordo com pesquisa realizada pela G1, somente 4% das mulheres se acham belas e 72% se sentem pressionadas a ficarem mais belas (PESQUISA, 2011). O mercado de procedimentos estéticos impregnou-se culturalmente fazendo com que o Brasil seja o país com mais cirurgias plásticas do mundo, ultrapassando a liderança estadunidense (BRASIL, 2021). Aliado a isso, investiga-se que sair bem nas fotos *selfie* é motivo de 55% das plásticas faciais (SAIR, 2018). Logo, como um cenário cercado por tantas possibilidades, garantidas pelas recentes evoluções sociais e tecnológicas, parece inescapar uma prisão estética? Nos trazendo anorexia e bulimia como doenças cada vez mais comum em jovens garotas, as quais muitas, em busca de “likes”, inspiram-se em blogueiras com milhões de seguidores conquistados pela venda de um único cobiçado produto: sua beleza.

Wolf (1992, p. 339) justifica que tais comportamentos ocorrem pois é naturalizada em nível catastrófico a violência contra os corpos femininos. Supondo que mulheres seriam incitadas a ficarem “viciadas” em ser belas, o que seria a princípio um risco às suas próprias vidas, constrói-se o imaginário de “sacrifício pela beleza”, “ser bonita dá trabalho”, “*pretty hurts*”, “*no pain no gain*”, no qual sofrimento e beleza andam de mãos dadas. Fundamentando um cenário em que “é normal” passar fome constante para emagrecer, perder horas diariamente maquiando-se ou em rituais de pele e cabelo. “É normal” a dor da depilação, a dor do salto alto, a roupa desconfortável, afogar-se em exercícios físicos, gastar altas quantias em procedimentos e passar por pós-operatórios delicados, por simplesmente ser habitual e trivial pagar o “honroso” e caro preço da beleza. E quais seriam seus limites?

Ainda acreditamos na existência de algum ponto em que a cirurgia é refreada por um limite natural, a silhueta do corpo feminino “perfeito”. Isso já não é mais verdade. O “ideal” nunca esteve ligado aos corpos das mulheres, e de agora em diante a tecnologia pode permitir que o “ideal” faça o que ele sempre procurou fazer: abandonar de todo o corpo feminino para reproduzir suas mutações no espaço. A fêmea da espécie humana não é mais o ponto de referência (WOLF, 1992, p.355).

À vista disso, ao analisar a nova “mulher ciborgue”, não pode ser esquecida uma das tecnologias mais expressivas da contemporaneidade; as telas dos *smartphones* e computadores que acompanham nossa rotina conectando-nos às redes sociais. O que as *selfies* do mundo digital prometem para a autoimagem coletiva?

1.5 Belo digital: Filtros e Instagram Face

Primeiramente, para falarmos dos filtros, que prescrevem o aperfeiçoamento estético, e seu conseqüente “Instagram Face”, Camila Cintra (2021, p.13) nos provoca reflexões sobre a função social do rosto e a mutabilidade da sua significância ao longo dos séculos; “o rosto carrega e porta as intencionalidades humanas; é signo portador e produtor de significado”. Desse modo, trazendo uma parte que expõe e outra que oculta, o rosto tem em sua face a centralidade do ser humano, sendo canal social e formatador identidade, sendo por isso também moldado culturalmente. Seguindo esse raciocínio, de sua performance e intenções, o rosto humano também detém de seus próprios artificios no trajeto social; muito antes dos filtros, a máscara e a maquiagem, geralmente associadas a embelezamento, rituais e à melhora de si, criavam discussões em torno de seu segundo “eu social” que se opõe e, ao mesmo tempo, se integra à identidade manipulada a partir daquilo que convém ao homem (CINTRA, 2021, p.14-6).

Vasto é o percurso da autora em abarcar os múltiplos elementos da trajetória do rosto, mas pode-se destacar como crucial para a presente análise a transição do rosto para a Revolução Digital. Anteriormente, em uma sociedade ocidental medieval, o retrato era um recurso restrito à elite, logo o sujeito médio pouco tinha acesso em seu cotidiano à imagem representacional alheia e de si, atrofiando o desenvolvimento de sua individualidade. Transforma-se esse cenário com a Modernidade e a preconização do individualismo, aliado, posteriormente, com o surgimento *mass media*, que fortalece rostos públicos, gerando um padrão estético mais forte do “dever-ser” do rosto social, logo, a face passa a obedecer a publicidade, com os modismos expostos de proporção, cabelo, maquiagem, barba e sobrancelha, em larga escala, pelos jornais e produções cinematográficas do século XX. (CINTRA, 2021, p.17-9)

Desse enquadro, começam a emergir os celulares inteligentes e suas câmeras frontais. Como consequência, a Era Digital fica assinada pela disponibilização e consumação coletiva de rostos nas redes, por isso, além da larga rotatividade como símbolo dessa nova fase, destaca-se também a possibilidade de sua ampla disseminação. Tais máscaras digitais descartáveis também se somam a ferramenta fundamental da tecnologia, a manipulação; agora, da beleza das faces, são rostos alteráveis não mais por *designers* profissionais em propagandas comerciais, mas por qualquer possuidor de aparelhos com aplicativos como *FaceTune*, *Perfect365*, *Adobe Photoshop*, *BeautyPlus*, dentre outros, que prometem “melhorar” a imagem dos usuários em suas fotos, assim como os filtros de embelezamento do Instagram em ainda maior automação (CINTRA, 2021, p.21-2).

Evidentemente, como explicitado anteriormente, almejar a beleza não é fenômeno novo, sendo inegável a versatilidade e praticidade que os filtros proporcionam, afinal, qual seria o pecado em vislumbrar como seria seu rosto com outra cor de olhos ou de cabelo? Ou em fazer uso de uma ferramenta que remova algumas espinhas indesejadas? Contudo, aos poucos os filtros mostram seu outro lado da moeda, nos propondo uma aparência *ciborguiana*, reforçando o padrão estético vigente e remodelando perspectivas de autoimagem drasticamente:

É uma lógica instituída para atender as demandas pré-programadas. [...] A lógica estruturante é a dos algoritmos, que definem como pasteurizar qualquer rosto para que se torne o rosto programado. Esse processo é perigoso, pois elimina a beleza da singularidade orgânica de cada rosto e erode a sensação de valor da própria imagem de si. Os algoritmos e os filtros não escapam à lógica de poder da cultura, nem aos estereótipos do que é reforçadamente considerado belo. Dessa forma, não apenas pasteurizam a aparência do rosto eliminando o valor da alteridade, como reforçam o ideal de beleza já dominante (em geral, eurocêntrico ou americanocêntrico). (CINTRA, 2021, p. 48-9).

Nasce dessa ganância fria, algorítmica e “plataformizada” o “*Instagram Face*”, termo cunhado no jornal americano *The New York Times* em 2019. A palavra faz menção ao rosto

padronizado pelos filtros, que precisa de muitas alterações cosméticas, cirúrgicas e digitais para ser alcançado; com olhos grande e cílios longos, maçã do rosto e lábios carnudos, pele lisa e expressão apática, tendo como seus maiores ícones as “irmãs Kardashians”, famosas pelo seu *reality show* que expõe sua rotina cotidiana como empresárias e socialites. A exemplo da família temos Kylie Jenner (Figura 1), a jovem que entrou como a bilionária mais jovem do mundo para a revista *Forbes*, ganhando notoriedade pelo seu drástico preenchimento labial e enriquecendo com a venda de produtos da sua linha de maquiagem, divulgada constantemente em seu perfil no Instagram, muitas vezes, com o uso de filtros (TOLENTINO, 2019).



Figura 1 - Representação da instagram face pela modelo Kylie Jenner. Fonte: Kylie Jenner (2023).

Os impactos para a psique humana em encarar diariamente um “espelho belo”, uma versão “melhorada” ainda não podem ser calculados, todavia, já se alinha a expressão “*Snapchat Dysmorphia*”, representando a inclinação de muitos jovens em buscar procedimentos estéticos que os assemelhem aos filtros digitais. Nessa perspectiva, Cintra nos atenta para como a cirurgia plástica, antes entendida como um procedimento radical e invasivo, tem caminhado para a ideia de procedimentos simples e reversíveis, pequenos preenchimentos e aplicações que “harmonizam a face” e apagam singularidades individuais.

Muitas dessas particularidades, como sardas, diastemas, narizes largos e olhos caídos, são traços étnicos expurgados do conceito de beleza formatado pelo eixo norte-americano e

européu. Atualmente estima-se que uma a cada cinco jovens sul coreanas, passará por procedimentos estéticos como remover pele ao redor dos olhos para deixá-los maiores e arredondados. No Brasil, em 2016, a busca por procedimentos estéticos aumentou em 390%, tendo como carro chefe o preenchimento labial popularizado por Kylie Jenner, seguido pelo Botox, peeling, laser e a suspensão com fios. Adicionado a isso, estudos de 2017 apontam que a motivação de 55% das rinoplastias foram motivadas pelo desejo de sair melhor nas fotos *selfie*. Nessa rota, os coroados são aqueles que conseguem não somente atingir o padrão, mas espetacularizá-lo e difundi-lo para o maior engajamento e visibilidade possível, pornografando a vida (CINTRA, 2021, p.54-5).

Em matéria da revista *Forbes* (WEBER, 2020), a indústria da beleza teria arrecadado, em 2018, 30 bilhões de dólares somente no Brasil, ocupando o quarto lugar na lista de maiores mercados consumidores, atrás dos Estados Unidos (US\$ 89,5 bilhões), China (US\$ 62 bilhões) e Japão (US\$ 37,5 bilhões). A notícia destaca também a tendência de engajamento digital das marcas multinacionais que comandam o setor e o seu alto investimento para estar presente nas redes sociais, junto a gastos em inteligência artificial e aplicativos de beleza. A L'Oréal adquiriu recentemente a Modiface, empresa especializada em realidade aumentada, contando com ferramentas de provedores de maquiagem. Assim como, em âmbito nacional, as empresas *Natura* e *O Boticário* ofertam seus “espelhos virtuais” para experimentação de produtos.

Em paralelo, na mercantil aldeia global, inúmeras pesquisas sugerem também que, além de cyberbullying e solidão, a internet seria um palco provocativo para dismorfia de imagem entre os jovens. De acordo com a Associação Americana de Cirurgias Plásticas, em 2017, 55% das pessoas realizaram procedimento cirúrgico no rosto com a intenção de melhorar suas fotos *selfies*, comparado a 16% em 2016 (MARQUES, 2020). Pesquisa feita pela Girlguiding afirma que um terço das jovens só posta fotos com filtros, 39% ainda afirmaram se sentirem infelizes por não serem iguais, em suas vidas privadas, às imagens projetadas em suas redes (OLIVEIRA, 2020). A organização australiana *Pretty Foundation* aponta que 38% das meninas de 4 anos não estão satisfeitas com seus corpos e 34% das meninas de 5 anos pretendem fazer dietas (COMO, 2020). Enquanto nacionalmente, segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, houve um aumento, nos últimos dez anos, de 141% dos procedimentos estéticos em jovens de 13 a 18 anos (EIRAS, 2020). Além disso, dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética trouxeram o país como primeiro lugar no ranking de cirurgias plásticas estéticas realizadas (MARQUES, 2020).

Montardo (2022) se debruçou sobre as muitas faces dessa plataforma, uma de suas análises mais interessantes ocorreu ao investigar os “filtros”, modelos visuais pré-programados

que permitem recriar imagens, editando-as de forma automática. Ao examinar o que a ferramenta de retoques mágicos prometia à aparência, pesquisou-se pelo termo *beauty* (beleza), dentre a escolha aleatória dos inúmeros resultados. Notou-se:

Em termos gerais, percebeu-se que todos os filtros suavizaram a aparência da pele, disfarçando possíveis marcas, espinhas e olheiras. O aumento dos lábios, a aplicação de maquiagem e o clareamento dos olhos também são efeitos comuns entre eles. Há filtros que afinam o nariz e que mudam o formato dos olhos. Portanto, os resultados das descrições dos efeitos aqui verificados indicam que a ideia de uma mulher bela embutida nesses filtros pressupõe uma pele do rosto lisa, sem marcas ou rugas, nariz fino, lábios volumosos, uso de maquiagem e olhos claros. Ou seja, trata-se da beleza de uma mulher jovem e branca [...] (MONTARDO, 2022, p. 266).

O machismo, racismo e ageísmo padronizados em um molde facial que vai ao encontro dos procedimentos de “harmonização” notados, já possui uma nomenclatura dada por Jia Tolentino (2019) para o jornal *The New York Times*, o “*Instagram Face*”, um rosto que engloba alterações cosméticas, cirúrgicas e digitais para existir, um rosto não-humano de proporções irreais, amplamente popularizado pelos “filtros de beleza”. Uma das mais famosas expoentes é a supracitada Kylie Jenner, detentora da segunda conta com o maior número de seguidores da rede social (+336 milhões de *followers*), atrás somente do jogador de futebol Cristiano Ronaldo (CURVELO, 2022).

Os filtros, contudo, não são exclusivos do *Instagram*, sendo originados da rede social *Snapchat*. Trata-se de fenômenos culturais, pertinente às plataformas digitais, muito mais amplo, incluindo diversos outros aplicativos famosos como *FaceTune*, *Adobe Photoshop*, *Perfect365*, *BeautyPlus*, dentre outros que prometem “melhorar” seus usuários, afinando, modelando ou apagando suas “imperfeições” para uma mais aceitável performance virtual. CINTRA (2021) indaga sobre uma possível padronização dos rostos, em que traços étnicos ou específicos da individualidade tendem a desaparecer, seja pelos preenchimentos e ácidos modeladores ou pelos algoritmos com *templates* enviesados para um determinado padrão que, evidentemente, atende os interesses vigentes da indústria.

O anseio de consumo em prol do capital aliado às mais avançadas tecnologias representa uma parte significativa da estética que nos rodeia no século XXI, o vislumbrar pós-humano, o “sem limites” proporcionado pela estética vanguardista, apropriada pela indústria, é capaz de vender o que for requerido em uma multimídia capilarizada e plataformada que se retroalimenta em velocidade maior que da sua “nova” internet de fibra ótica. Nesse cenário, não obstante é a beleza para nossos corpos, com cada vez mais opções de personalização, alteração e,

evidentemente, pressões culturais que colaboram com o consumo de tais novas técnicas e procedimentos fazem-se presentes.

Em um mundo de super tecnologia estética, encurta-se a linha do aceitável, e uma mulher brasileira de classe média-alta optar por não fazer uma aplicação de Botox, no auge dos seus quarenta anos, pode se tornar, possivelmente, um tabu em seu meio. Agravam-se também nessa conjuntura os riscos, como de lipoaspirações que geram óbitos, pois aumenta-se o nível de invasão sobre o corpo; as violações são suavizadas desde o berço, como recém-nascidas que, sem personalidade formada ou proteções biológicas bem estabelecidas, saem da maternidade com as orelhas furadas somente para ter seu gênero explicitado. Destarte, quando atos mais radicais ocorrem; como uma jovem retirar algumas costelas para ter um corpo mais acinturado, gradativamente tornam-se menos chocantes.

Mesmo que romantizada, a beleza universal e divina, dentro do sistema capitalista, anda de mãos dadas com a tecnologia, tropeçando constantemente para acompanhá-la. Funciona a partir de dois medidores: o facultativo e o convencional. Se analisarmos, na década de setenta e oitenta Cláudia Ohana era símbolo de sensualidade, deixando pelos pubianos escaparem pelo biquíni, tê-los à mostra era, para época, facultativo, sendo nos dias de hoje uma convenção sua estranheza, associando pelos à sujeira, vendendo, assim, pacotes de depilação a laser. Isto é, uma mulher de cabelos brancos passa a ser questionada com a chegada da tintura, um homem de braços finos com a chegada das academias. Afinal, o quão ilógico é para o sistema industrial cultural a não compra da “solução”?

Quanto mais o aparato tecnológico comercializável sobre o corpo é disseminado, mais restrita é a linha do tolerável facultativo e mais possante e destrutivo é o medidor do convencionalmente aceito. A partir desse raciocínio, as respostas para a alta aderência do público jovem a plásticas e harmonizações, e seu concomitante adoecimento, podem estar intimamente conectadas com a cultura, fortificadas pela lógica algorítmica, capaz de personalizar uma “versão ideal” personalizada para cada um, em estágio precoce de sua formação identitária. Não obstante, a tecnologia protagonista não é vilã, mas talvez um sistema articulador que, por detrás da cortina, a utiliza para enriquecer a partir das inseguranças e fragilidades humanas.

Em um conjunto de vetores individualistas, caberia a cada um a conscientização e preparo para defender-se de um esquema estratégico que só tende a se desenvolver cada vez mais, por meio das telas e em nossas mentes. Trata-se de uma inteligência refinada que não deve ser subestimada. A exemplo, durante o levantamento de dados utilizados neste artigo, em meio às pesquisas sobre “pressão estética”, os algoritmos “direcionaram” a uma propaganda

digital do adoçante *Zero-Cal*, com a chamada: “Quer aproveitar as delícias da vida *sem culpa?*”, referindo-se aos seus produtos sem açúcar. Gerando, desse modo, a reflexão, de fato, *queremos?*

1.6 Verdade *Instagramável*: O Caso Palestina

O conflito entre Israel e Palestina tem gerado intensos debates sobre os rumos da geopolítica global. O processo de extermínio da população árabe em Gaza choca a opinião pública com a queda de protocolos internacionais, contando com um elevado número de mortes entre mulheres e crianças, causando revolta em nível mundial. Um fenômeno de dimensões tão alarmantes, faz-se presente, evidentemente, não apenas na mídia tradicional, mas também nas redes sociais, dividindo e unindo internautas. Em meio a instabilidade e delicadeza, os posicionamentos individuais e os rumos da “opinião pública” mostram-se como importantes recursos capazes de influir nos rumos do conflito, em que muitos, mesmo “de fora”, tentam pressionar suas autoridades para remanejamento político da situação. A marcha pela “Palestina Livre”, por exemplo, foi a maior registrada nos Estados Unidos, contando com 300 mil pessoas nas ruas da capital Washington. (PAIVA, 2023).

No entanto, no início da eclosão do conflito nas redes sociais, em meados de 2021, diversos influenciadores e usuários do Instagram vieram a público queixar-se de censura algorítmica da rede para a causa palestina. As criadoras de conteúdo digital brasileiras, afirmaram ter que mudar as letras de palavras-chave do tema por números ao falar do conflito em suas redes, o alcance de Karime Cheiato teria caído de uma média de 1.400 para cerca de 300 visualizações. A cientista política que produz conteúdo para a rede, afirmou também que o tempo médio de 15 segundos de sua publicação foi restringido a só 2 segundos. Queixas semelhantes aconteceram com Hyatt Omar, que afirmou ter uma redução de 18 mil para em torno de 5 mil visualizações em seus stories. Assim como, as fotos de Alana Hadid sobre o conflito, por exemplo, ficaram embaçadas. A professora e doutora em Ciências da Comunicação pela USP, Issaaf Karhawi, também sofreu alguns impasses de boicote pela plataforma e denunciou o “shadowbanning”, termo para censura parcial ou total de conteúdo. Em resumo, a especulação geral era clara, da provável sabotagem da rede Instagram aos conteúdos “pró Palestina”. (SÉ, 2021).

A repercussão gerou múltiplas críticas e nota da rede social Instagram, a qual afirmou a ocorrência de um “bug”, uma falha que em nada teria a ver com enviesamento político da empresa, pedindo desculpas pelo transtorno causado, prometendo restaurar a igualdade entre as publicações póstumas pertinentes ao tema. O comunicado, todavia, não muito bem recebido pelos consumidores, as denúncias somadas incluíam até funcionários da própria empresa

Facebook, proprietária da rede Instagram. (INSTAGRAM, 2021). Além disso, o “bug” não teria ocorrido apenas no Instagram, a própria rede Facebook também teria formatado censuras ao termo “sionista” na intenção de eliminar críticas, de acordo com investigação do The Intercept. (BIDDLE, 2021).

Tal insurgência nos traz a reflexão sobre a amplitude e credibilidade atravessadas pelo poderio político de uma companhia como o Facebook, que detém, a partir da empresa Meta, o domínio também do Instagram e WhatsApp, escancarando nossa pequenez diante de tal aparato comunicativo com a aparente capacidade de produzir a verdade que preferir. Um dos exemplos mais agudos da instabilidade desse monopólio, foi o escândalo da Cambridge Analytica, citado no último capítulo, em que dados foram usados para dissimulação de uma verdade que afetou o rumo político da nação americana, e por consequência, de todo o globo.

Todavia, mesmo não havendo ainda na história um regulador capaz de gerir uma empresa com redes midiáticas dessa proporção, a obscuridade dos proprietários e sua gestão não são o único problema. A construção de um cenário irreal pode também ser feita por usuários. Recentemente, a Polícia Civil tem investigado os jogos de azar online, ilegais no país e populares na internet, a partir do suicídio de um jovem de 18 anos no interior do Maranhão, que havia ceifado sua vida após perder sua herança no valor de 50 mil reais, persuadido por influenciadores em redes sociais como o Instagram, que vendem a ideia do ganho fácil de dinheiro através de jogos de azar online. (DE ANDRADE, 2023).

A investigação confirmou, só no Maranhão, três suicídios em virtude dos jogos online, dentre muitos outros entrevistados que foram lesados com quantias exorbitantes. A polícia afirmou inclusive investigar influenciadores do Instagram, como Skarlete Mello, com 300 mil seguidores na rede, ostentando um estilo de vida de riqueza e fartura a partir da sua associação com o jogo online, divulgando-os constantemente em sua página. “Joga quem quer”, afirmava a moça que teve a apreensão de três motocicletas, quatro carros, incluindo dois veículos de luxo, um jet-ski, junto ao bloqueio de R\$8 milhões em conta bancária referentes ao jogo. Além disso, as investigações apontaram que Skarlete estaria fazendo uma rifa em que o prêmio seria um carro avaliado em R\$ 299 mil, no entanto o carro era alugado sendo também apreendido. (FORTUNE, 2023).

De acordo com Daniel Gerber, especialista em Direito Penal Econômico e mestre em Direito Criminal, em virtude do domínio estrangeiro, não há impedimento legal na publicidade contratada, sendo influenciadores não responsáveis por qualquer dano ao jogador. Tal fato pode corroborar, talvez, para que esse fenômeno não ocorra em isolado. Alguns dos maiores influenciadores brasileiros em números já aderiram a prática de divulgação de jogos de azar no

Instagram, como é o caso de Carlinhos Maia, 30.1 milhões de seguidores, e de Viih Tube, 32.1 milhões de seguidores; a ex-BBB escreveu "vem jogar e ganhar dinheiro" enquanto mostra que lucrou mais de duas vezes o valor jogado. Em uma das apostas mostradas, ela joga 50 reais no game e diz ter ganhado 130 reais. (PAVÃO, 2022). Após matéria no Fantástico da TV Globo em alerta sobre o assunto e consequente repercussão na internet, Carlinhos Maia, por sua vez, ao ser criticado pela divulgação que promoveu, saiu em defesa de si: “divulgo, mas nunca joguei”, “se eu falo ‘pule do penhasco’ você pula?”, eximindo-se de responsabilidades para com seus mais de trinta milhões de seguidores. (ROCHA, 2023).

De todo modo, “lava as mãos” trata-se de um mercado lucrativo não apenas para influenciadores, mas também para a própria Meta. A proprietária das redes sociais, teria arrecadado dinheiro com golpes divulgados em sua rede, mais de R\$ 3,8 milhões para a empresa no período de três meses (9 de outubro de 2023 a 9 de janeiro de 2024), a partir de anúncios no Facebook e no Instagram que divulgavam falsos auxílios financeiros ou falsos programas de renegociação de dívidas, na intenção de enganar usuários, obtendo seus dados e dinheiro de forma ilegal, por estelionato. Ao todo, foram veiculados 3.500 anúncios pagos, que alcançaram ao menos 85 milhões de visualizações na soma das duas redes. (RUDNITZKI, 2024).

Em suma, tomar como verdadeiro o exposto no Instagram pode gerar consequências sérias, do apagamento midiático de um povo como no caso palestino, aos mais diversos golpes monetários cotidianos que já lançaram seus braços sobre a rede. Em casos ainda mais alarmantes, pode suscitar até o homicídio de completos inocentes. Fabiane Maria de Jesus, 33 anos, foi espancada até a morte no litoral paulista, após publicação no Facebook em que foi confundida com suposta sequestradora de crianças para rituais de magia negra em 2014 (STEIL, 2021). Também em São Paulo, caso semelhante se repetiu em 2023 com Osil Vicente Guedes, 49 anos, morto por notícia falsa de roubar moto em redes sociais. (HOMEM, 2023). Assim como no ano seguinte, com Rafael dos Santos Silva, 22 anos, assassinado após ser acusado injustamente de matar cachorrinhos nas redes sociais. (RODRIGUES, 2024).

1.7 O Verdadeiro Digital: Imaginários em Ponto de Regime

O “verdadeiro digital” não está situado como um emaranhado da “pós-verdade”, mas se aproxima em muito de discussões pertinentes a esse tema, em que fatos são suprimidos por opiniões. Todavia, como citam Bezerra, Capurro & Schneider, cunhar o termo “pós-verdade” poderia deter um caráter ilusório, aderindo a um modismo passageiro, pois reconhece, então, que houve “tempos de verdade”, provavelmente, mencionado o período pós-medieval, em que o iluminismo renascia trazendo razão a mente dos homens, abrindo espaço para o positivismo,

o mercantilismo, o racionalismo e muitos outros “ismos” oriundos e típicos do que compreendemos como a Modernidade. No entanto, tal período teria seu declínio a partir da refutação de alguns de seus moldes científicos, em especial no século passado:

Seja na crítica ao positivismo lógico levada a cabo por Thomas Kuhn, no relativismo de pensadores pós-estruturalistas como Michel Foucault ou na demarcação do fim da modernidade defendida por pós-modernistas como Jean-François Lyotard, foram muitos os “pós” que marcaram a história recente como a época em que a verdade científica perdeu sua condição objetiva. O racionalismo crítico de Karl Popper e a filosofia de Ludwig Wittgenstein, ambos dotados de contornos pós-positivistas, colocaram em questão a ideia de que há verdades irrefutáveis e universais que possam ensejar algum tipo de conhecimento absoluto. Essa foi uma mudança muito radical dentro das correntes científicas do século passado – embora Popper e seus seguidores, de nenhuma maneira, tenham passado para um relativismo de “vale-tudo”, como fez seu discípulo Paul Feyerabend; a ideia foi, sempre, de se aproximar lentamente ou “assintoticamente” da verdade. (BEZERRA; CAPURRO; SCHNEIDER, 2017, p. 373).

Seguindo esse raciocínio, há um abismo entre a inexistência de verdade petrificada, ilibada de refutação e um relativismo absoluto. A possibilidade da primeira premissa não insurge na confirmação da segunda. Como presente nos tempos antigos, se existe, talvez, alguma proximidade com o verdadeiro, ela poderia estar na alternância e flexibilidade, na busca dialética, que necessita de oposição e que busca acompanhar com epistemologias o que a natureza expande em informações que não param de crescer. A verdade, acompanhada do bem comum, nos remete à mediana aristotélica, em que a busca pelo equilíbrio mesmo não garantindo verdades, previne os excessos das mentiras. Logo, verdades como fatos positivados não cabem neste trabalho, pois foram dissolvidas por tais teorias e autores acima referenciados. Há, no entanto, uma disputa política, econômica, midiática e cultural pela verdade, uma competição amplificada e, ao mesmo tempo, cerceada pelo digital como hegemonia vigente. Algo que nos remeteria a Foucault (1996), em seu conceito de “regimes de verdade”, isto é, um ordenamento que aglomera instituições, regras e proposições diversas, para manutenção do poder de determinado grupo, construindo uma política universalizadora da “verdade”, tornando-a disciplinatória, normativa e, conseqüentemente, compulsória. Tal fenômeno intui uma planificação do ser humano em sua conduta e subjetivação, sendo a diversidade, algo verdadeiramente humano, uma ameaça a tal grupo ou sistema que detém controle e projeta falseamentos que o legitimem.

Em termos práticos, poder-se-ia supor que o regime digital da verdade tem como prescrição a despolitização econômica, em que, pouco regulamentos, permitem numa aldeia liberal sem fronteiras não apenas um crescimento no número de bilionários pelo mundo, mas com que os cinco homens mais ricos do mundo tenham dobrado de patrimônio nos últimos 3

anos, enquanto 60% da população global ficou mais pobre. Dentre os maiores bilionários, três da tecnologia: Mark Zuckerberg (proprietário da Meta, conglomerado que inclui o comando das redes Instagram, Facebook e WhatsApp), Elon Musk (proprietário da Tesla e dono da rede social Twitter) e Jeff Bezos (fundador da *Amazon*) (CINCO, 2024).

Enquanto em uma perspectiva cultural e midiática, a liberdade proposta traz o personalismo das mídias móveis nos ensejando a “verdade própria” com seus embates e polarizações, permitidos uma vez que, ao produzir múltiplas identidades, promove múltiplas formas de consumo, orbitadas por um imperativo performático, como delineado por Han (2014). Nesse sentido, o que muitos entendem como “pós-verdade”, pode ser compreendido como uma intensificação, a partir do digital, de problemas comuns da comunicação midiática, já pontuados no meio jornalístico desde a década de 70 com “A espiral do silêncio” de NoelleNeumann (2019).

Na obra, é questionado a opinião pública como uma força unívoca, trasladando sobre como a exclusão e o isolamento, assim como o medo da crítica coletiva, apagam opiniões e modelos não hegemônicos. Há, em sua teoria, a conceituação de “agenda setting”, em que notamos também que o agendamento político dos tópicos que serão dados como relevantes e passíveis de discussão, promovendo o silenciamento de pautas para padronização de outras, quase sempre arquitetada por interesses das classes maiores que, por vezes, não priorizam o bem-estar coletivo. Para Noelle-Neumann (p. 256-7), em sua teoria não há lugar para o ideal cidadão médio, informado e responsável, no qual a teoria democrática se baseia, não levando em conta o medo do governo e do indivíduo à opinião pública. Logo, a teoria democrática não abarca a natureza social do homem, a psicologia social ou a origem da coesão entre grupos.

Dessa problemática, inúmeras pesquisas jornalísticas posteriores se debruçam sobre o orquestramento da verdade e sua percepção coletiva; com “meias-verdades”, omissões e dissimulações que atravessam a popularizada temática mais recente das *fake news*, apesar dos problemas de emissão de notícias falsas e desinformação ser mais antigo, mas talvez não instrumentalizado de forma tão massificada. A velocidade digital se relaciona intimamente com essa onda desinformativa, como aponta Woodrow:

Se a rapidez é a própria essência da informação, a urgência intempestiva é o seu inimigo. É preciso gritar alto! à tirania da tecnologia para restabelecer um distanciamento entre o jornalista e a atualidade que trata. Para reintroduzir a noção de tempo num processo que se acelera cada vez mais, como um motor que se embala. O tempo para examinar o facto, avaliá-lo e observá-lo nas suas múltiplas facetas. (WOODROW, 1996, p. 216).

Há de se refletir, a partir do digital, na sobrecarga informativa e sua repetição como força política para adoecimento e controle da população, não como uma “pílula mágica” de adesão cega, mas de engajamento em manada. Nesse sentido, mentiras também produzem verdades, pois podem materializar-se a partir de sua articulação massiva com seus destinatários. Como aponta Flores:

Em um contexto comunicativo cujo conteúdo proposicional possa ser considerado válido, diz-se que o indivíduo comunicador enuncia. Já em um contexto comunicativo cujo conteúdo proposicional apenas pretenda ser considerado válido, diz-se que o indivíduo comunicador insinua. A insinuação se ancora fundamentalmente no princípio de desencadear inferências de natureza falseadora, pelo apelo consciente a crenças ou a impressões arraigadas ao interlocutor (FLORES, 2017, p.22).

Pode-se pensar que a “insinuação”, a suposição construída por vezes a partir de ódio ou medo do destinatário, amplificada a partir da sua repetição, da naturalização de determinado contexto parcial como correspondente a totalidade do real, um truque antigo para a alienação.

Ao alimentar uma ideia cultural a ser consumida pelo grupo ou sujeito, influi-se, conseqüentemente, em como esse sujeito agirá a partir de tal percepção sistematizada, permitindo não uma busca ativa pela verdade, mas que rapidamente “uma mentira dita-se mil vezes, torna-se verdade”. Essa frase é atribuída ao ministro de propaganda da Alemanha Nazista de Hitler, tendo seu desenrolar mais bem explicado pelo historiador Jeffrey Herf em sua obra *O Inimigo Judeu* (2014) que mostra como a ideologia e o poder midiático das propagandas foram fundamentais para disseminação do antissemitismo, não havendo no espaço público mural ou cartaz que não atacasse diretamente os judeus, demonizando-os ou os culpabilizando.

Um exemplo de que uma “verdade” precisará de reiteração e validação, sendo o espaço para tal, democrático ou ditatorial, fundamental para formação desse fenômeno que envolve percepção e crença. Logo, no digital, ou mais especificamente no Instagram, o “verdadeiro” sobre o belo, por exemplo, não é explicitado com a supremacia de uma estética perante outra, mas, ao normatizar os filtros, ensina uma realidade perceptiva e altera subjetividades, a partir de determinado perfil padronizado de beleza como próximo de inúmeras assunções. Nesses moldes, deixar o trabalho de “terminar a ideia” com o consumidor, responsabilizando pelas suas presunções, é um dos cerne da cultura neoliberal vigente, resumindo em “pontos de vistas”, ignorando estruturas, sem atentar-se às restrições do ponto, da experiência possível a partir desta ou daquela vista permitida.

Assim, como todos os demais assuntos, o verdadeiro atravessará carecendo do olhar do outro, mesmo que esse seja imaginado, é válido o questionamento: de onde enxergo o outro? Quem ou o que quero ver? As convenções daquilo dado como benéfico ou mais belo seguirão

sendo perspectivas, mas, diante da tela digital, podem fugir de um crescimento junto a realidade e refugiar-se em bolhas de concordância, pois o digital é um aparato múltiplo sensorial e perceptivo, de camadas de intervenção neuronal complexas, a não ser subestimado. O que nos mostra que não são apenas “pontos de vista”, mas “pontos de experiência” a serem estudados como sinalizado por Basbaum (2005).

A cultura da participação digital traz, dentre inúmeros pontos de vista, múltiplas “verdades”, sejam essas dúbias, verídicas ou suspeitas, dão destaque àqueles com poder de influência para diferenciar-se, àqueles que conseguem construir confiança e credibilidade, em especial balançaças pelo novo paradigma, em seus telespectadores. Apesar disso, a pluralidade não impede o estreitamento do ponto de vista e o conseqüente efeito manada, que não é venenoso apenas para a macropolítica, mas comum às micropolíticas cotidianas. A exemplo, o mundo do trabalho e a demanda por performances diversas ganham uma nova configuração. O fato é, como apontado por Shirky, que o digital convencionou um “[...] choque da inclusão de amadores como produtores, em que não precisamos mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público” (2011, p. 50).

Entre médicos, advogados, e demais profissionais, pressionados à participação digital, os sindicatos são substituídos paulatinamente por vídeos curtos, tornando compulsória a ideia de produção de conteúdo para sucesso na carreira. Além de trabalhadores sobrecarregados, o formato neoliberal de empreendedores não só massifica perfis profissionais duvidosos, desterritorializando os ordenamentos de cada campo de trabalho, mas desestabilizam ainda mais a confiabilidade dos consumidores. Razão pela qual, talvez, os golpes virtuais cresceram em 65% no Brasil apenas em 2023, sendo muitos dos estelionatos se configuraram a partir da contratação de serviços em meio digital. (LOBATO e FAUSTINO, 2023).

A percepção que prevalece como verdadeira não é apenas o convite a digitalização do seu serviço ou contribuição pessoal junto ao corpo da rede social, mas de que seu consumo também deve ser assíduo. Na “sociedade do desempenho”, como intitulado por Han, torna-se usual termos patologizantes como o FoMO (*Fear of missing out*; em português medo de estar de fora), ou SFI (Síndrome da Fadiga da Informação), na tentativa de compreender a compulsão e cansaço que rondam as telas. Suscitando o questionamento; em meio a enxurrada informativa, poderia-se discernir a verdade, ou ter energia para absorvê-la?

Em estudo internacional realizado pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), foi apontado que as gerações mais novas, entendidas como “nativos digitais”, não sabem buscar por conhecimento na internet, demonstrando que a familiaridade com a ferramenta não os torna automaticamente habilitados a distinguir dados ou

agir de forma mais eficiente. No Brasil, somente 33% dos estudantes de 15 anos foram capazes de distinguir fatos de opiniões em uma das perguntas aplicadas, sendo a média global não muito mais animadora, de 47%. Além disso, apenas metade dos jovens afirmaram ser ensinados pela sua rede de ensino que a informação que estão lendo online pode ser enviesada, assim como, 40% dos alunos dos países pesquisados não foram capazes de reconhecer os perigos de se clicar em links de e-mails fraudulentos. Sendo reforçado pelos pesquisadores envolvidos a necessidade de educação digital, assim como de textos mais profundos, sendo a leitura de livros no modelo tradicional ainda basilar (NATIVOS, 2021). Afinal, mesmo que expostos a mil verdades por dia, quantas somos capazes de instrumentalizar a nosso favor?

CAPÍTULO II: PANE NO SISTEMA SUBJETIVO

2.1 Uma Pós-mentira

A categoria “produção de subjetividade” substitui, para mim, a oposição entre o sujeito e o objeto (GUATTARI, 1993, p.31).

Entre aspectos etológicos e ecológicos, há de se pensar na mistura subjetiva de experiência, sapiência, sentir e pensar, do ser humano. No capítulo anterior, perpassa por insurgências que suscitam questionamentos aos parâmetros éticos, estéticos e políticos do Instagram. Neste capítulo, nos direcionamos não mais aos exemplos, mas ao objeto de pesquisa, ou, talvez, “subjeto”. Ao tratarmos da subjetividade em meio a construção civilizatória, perceberemos que sua presença pode ser percebida mais pelos efeitos produzidos ao seu redor, do que na visão de sua forma propriamente. Como uma Medusa; descrevê-la frontal e puramente seria perigoso, melhor quiçá em versos do que em prosa, o envolvimento com o objeto seria automático e congelaria a análise, como o hipnotismo do olhar da figura grega. Por isso, como Perseu, nos ateremos a olhá-la pelo seu reflexo, isto é, nesse caso, o aparato de dados e discussões teóricas sobre as consequências dos direcionamentos do que poderíamos entender também como cultura.

Em 2013 o dicionário *Oxford*, elegeu como palavra do ano *selfie*, em 2014, *vape* e, em 2015, *emoji*. Em 2016, o apelo social voltou-se à palavra “pós-verdade”, em crítica à empreitada política e midiática que provocaria a eleição de Trump. Para alguns estudiosos da Comunicação, se concretizava naquele golpe a guerra discursiva prevista, para alguns, até mesmo por Nietzsche, que colocaria, na pandemia do Covid-19, a ciência, ou algum constructo de concordância social partilhada, em cheque. Entende-se como “pós-verdade” um neologismo para o relativismo discursivo absoluto, em que fatos objetivos passam a ter menos influência que crenças ou emoções, o que poderia intensificar desunião e promover a barbárie, a medida que representa a ausência de censos em comum até mesmo sobre o formato da Terra, sendo, por exemplo, “a volta do terraplanismo” nas redes sociais um sintoma clássico para esse fenômeno nos dias atuais.

A crise informativa, como sabemos, também ceifou vidas, confrontou a Ciência com determinados conservadorismos e elitismos, e proliferou um ar de desconfiança, inclusive, em relação a mídia jornalística e televisiva. O que também poderia ser interpretado como uma crise do objetivismo reconhecido das grandes instituições, dado o borbulhar de subjetividades cada vez mais segmentadas, agora, à mercê do interesse de grandes monopólios mundiais e seus

interesses pelo capital. Assim sendo, independentemente de a subjetividade ter “ganhado”, “sido distorcida”, ou “entrado em pane de seu sistema”, ela guarda algo valioso para compreensão sobre nosso tempo.

Neste segmento sobre subjetividade, os primeiros três subcapítulos se direcionam a uma análise mais generalista das ocorrências sociais atuais. O primeiro se refere à subjetividade em meio à lógica política, aquilo que nos é compreendido como benéfico, o segundo, em meio à cultura, aquilo que nos é afirmado como prazeroso, e, terceiro, em meio à sistematização de estudo, aquilo que nos é entendido como verossímil. Todavia, são nos três subcapítulos seguintes que serão explícitos: bom, belo e justo (ou verdadeiro), com análises introdutórias de seus três campos, a partir da perspectiva de divisão sugerida por Platão explicitada na metodologia deste trabalho.

2.2 Contemporâneo: Subjetividade Capitalística ou Capitalismo Subjetivado?

As décadas de 1960 e 1970 são marcadas pela transformação social, com a ampliação de direitos civis e reconhecimento de lutas de grupos minoritários, fundamentados na diversidade e liberdade, em especial nos Estados Unidos, afetando, em meio a especificidades, cada região do globo. Portanto, ao que concerne a subjetividade nos dias de hoje, imaginar-se-ia, dada a autonomia em algumas localidades, que jamais antes o sujeito comum desfrutou de tantos privilégios para expressar-se; há, como sabemos, mulheres e pessoas LGBTQIAP+ em altos cargos públicos, há símbolos de beleza e erudição das mais diversas etnias e classes sociais, há, inclusive, mídia tecnológica de gestão individual com opções de encontro e participação com qualquer outro coletivo, por mais específica que seja sua causa. Neste novo percurso, mais do que restritas ao seu gênero sexual ou nacionalidade, pessoas se tornaram capazes de explorar novos caminhos.

Em um mundo, ora de fluidez, ora de liquidificação irrestrita, torna-se mais difícil resumir e agrupar pessoas por aspectos como status social ou idade, pois, para além do desenvolvimento do libertarianismo no mundo ocidental, parecemos nós, unirmo-nos por métricas de interesses cada vez mais particulares; como alimentação e estilo de vida, gosto musical, estética de vestimentas etc. Os quais são, mais do que um sinal de pluralidade ou aprofundamento da experiência humana na Terra, advindos de produtos, fomentados atualmente por algoritmos. Estranhamente, em um período de tamanha virtualização, a subjetividade coletiva nunca aparentou ser tão objetificada e, semelhante a produtos plásticos, preferencialmente prática e rapidamente obsoleta. Em outras palavras, marcam a subjetividade contemporânea, a diversidade e sua reunião no consumismo global.

Isto é, não há de se pensar, com tanta clareza, hoje, em um indivíduo comum mais erudito, profundo, evoluído ou sensível às experiências ao seu redor; o que seria para alguns teóricos, inclusive, o diametralmente oposto. Afinal, percebemos que “tribos urbanas” aumentaram, criaram gírias, tendências, nomenclaturas para mais subgrupos, misturaram referências, mas não escaparam às formas de subjetivação e agenciamento que ocorrem ainda em larga escala e verticalmente. Logo, a liquidez do tempo e espaço relativizados no digital, junto à liquidez de papéis sociais com mais flexibilidade em nível legal, não foram impeditivas para a alienação do sujeito de si mesmo ou até do mundo conectado que o rodeia. Tendo em vista que as subjetividades, à medida que se alforriaram, ou foram permitidas alforriar-se, depararam-se com o nivelamento do neocapitalismo, orquestrando que seus “libertos” tivessem “uma nova guia”, direcionando a todos o funil do consumo para seu “sucesso”.

Gilles Deleuze e Félix Guattari narram esse processo com maestria desde seu início, para os autores a emergente fase de um capitalismo pós-industrial, cada vez mais digitalizado, seria marcado por revoluções subjetivas. Os teóricos trabalham com a noção de territorialização e desterritorialização do subjetivo, tal “território” é um conceito amplo da complexa “geofilosofia” de Deleuze, que não caberá em longas e adequadas explicações neste trabalho, mas que se refere, em linhas gerais, à apropriação, o delineamento dado a partir da subjetivação fechada sobre si mesma, uma simbolização autorreferencial que está em constante movimento. De tal esquematização, apontaram os estudiosos que aquilo que uma vez foi moldado como um território fixo, por séculos, em diferentes instâncias; como família, gênero, raça, casta, dentre outros, foi e é amplamente desterritorializado pelo capitalismo que prescreveria uma nova subjetividade e suas expressões adequadas (DELEUZE; GUATTARI, 1995; 1997).

Logo, a globalização não somaria as melhores partes da cultura humana, o único valor se tornaria as finanças e o que se compreendeu como liberdade, diria mais a respeito apenas a uma política de identitarismo. Sendo as bases macropolíticas mundialmente fragmentadas, teriam até sua questão ideológica, ainda que reducionista, extirpada gradualmente, abrindo espaço em nome do lucro, mas em tom emancipatório ou até mesmo de camaradagem, somente para união e concretização de uma macropolítica da economia:

A tendência atual é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras - tais como o capital, o trabalho, um certo tipo de assalariamento, a cultura, a informação - que impedem que se dê conta dos processos de singularização. Toda criatividade no campo social e tecnológico tende a ser esmagada, todo o microvetor de subjetivação singular, recuperado. Uma deriva geral dos modos territorializados de subjetivação ocorre por toda parte. Tradições milenares de um certo tipo de relação social e vida cultural são rapidamente varridas do planeta. Todas as pretensas identidades culturais residuais são contaminadas. Todos os modos de valorização da existência e da

produção encontram-se ameaçados no desenvolvimento atual das sociedades (GUATTARI, 2005, p. 48-49).

Emergiria, nesse contexto, uma micropolítica do desejo para consumo, cada sujeito em prol da sua subjetividade, em sua autoexpressão e liberdade individuais, o que poderia parecer democrático, se não fossem as disparidades, explorações e monopólios globais. O próprio ativismo encontra-se comumente aliado, nos dias de hoje, a atual lógica neoliberal, a exemplo, o movimento negro americano tratava-se de uma revolução coletiva, não de um sucesso individual, de um “advogado de si”, mas há atualmente o “empreendedorismo de favela”, ou capas de revista que estampam chefias negras de pessoas “*self made*” como um modelo para as demais conquistarem seus próprios privilégios e “irem à luta”. Semelhante à autorresponsabilidade que traz as mulheres ao trabalho, mas não as tira das obrigações “estéticas” de sua aparência ou “morais” de seu lar. Desse modo, muitas portas convidam, aqueles prometidos ao pensamento crítico pela sua exclusão, para o individualismo e o produtivismo capitalista. No entanto, é esperado das grandes empresas que busquem vantagens, ou até implementem uma diversificação, inclusive de sua equipe, para facilitar uma diversificação dos seus públicos consumidores, o que é inesperado, no entanto, é não acreditarmos mais em grandes revoluções ou em algo que vença tal paradigma da ganância, raciocínios explicitados por Ghirdelli (2023, p. 8-9).

Em seu livro *Subjetividade Maquínica*, intitulado a partir de um termo cunhado pelos supracitados teóricos franceses Deleuze e Guattari. Ghirdelli comenta a marca de desesperança dos tempos tecnológicos atuais, apontando que apesar de um fenômeno borbulhante, recente e presente, já havia sido previsto, por diferentes olhares acadêmicos: a percepção de que o predatório sistema financeiro contemporâneo seria o maior favorecido pelas aparentes libertações, planificando e serializando ainda mais subjetividades. Tal “tecnoliberalismo”, ao construir sua “fábrica social”, marcaria o que poderíamos compreender como subjetividade contemporânea, e estaria, nesse sentido, intimamente ligado ao conceito de “máquina” guattariano. Possivelmente, a partir de sua compreensão poderemos delinear de melhor forma as dinâmicas sujeitas ao indivíduo nessa nova fase do nosso sistema estrutural e econômico.

A conceituação do aspecto maquínico vem da esquizoanálise, que criticava o idealismo e a ênfase em aspectos do materialismo na Psicanálise. A máquina tem acepções múltiplas, tem consonância com a materialidade tecnológica propriamente dita, em nossos corpos e fora deles, assim como com aspectos imateriais, dizendo respeito também às dinâmicas do desejo e à heterogeneidade, processualidade, singularização e autoprodução humanas. Tamanha

pluralidade de atravessamento da máquina pode gerar estranhamento, mas é este seu direcionamento, a noção de uma máquina social, uma máquina teórica, uma máquina estética, uma máquina comercial, dentre muitas outras (GUATTARI, 2005).

A subjetividade, por essa razão, não é simplesmente mecanizada, mas é por si só maquínica. Partindo do pressuposto de Ghirardelli, podemos pensar na grande máquina da internet; uma infosfera que comporta tanto pessoas quanto algoritmos e suas interações, nesse raciocínio, cabe aos indivíduos modificar e simplificar os seus recursos de linguagem para comunicar-se com as máquinas. Somos nós que, por vezes, precisamos provar às máquinas digitais que “não somos robôs”, e, ainda mais distópico, somos nós quem precisamos recorrer à justiça para disputar a verdade com a máquina, a máxima negação da corporeidade, como no caso de idosos que foram dados como mortos pelo sistema do INSS, precisando encarar longos processos burocráticos para provar suas existências e resgatar seu subsídio (BENTO, 2023).

A relação indivíduo e máquina é complexa, mas, talvez, a diminuição de nossa amplitude lógica para caber naquela programada não seja algo restrito somente aos tempos de tela e esteja de fato alterando nosso comportamento gradualmente:

Para compreender bem a subjetividade maquínica, basta olhar a Internet das Coisas, em que a parte humana praticamente se retira. A parte humana da subjetividade maquínica, na Internet das Coisas, é responsável pela criação do algoritmo, mas, depois disso, ela se afasta, e o algoritmo funciona sozinho, ou, dito de outro modo: faz as coisas funcionarem. Então as coisas, antes inanimadas, começam a dar ordens umas às outras. É interessante isso: coisas não conversam, elas ordenam umas às outras, e se em algum momento esbarram em nós, que sem querer ou querendo estamos no meio delas, continuam dando ordens. Dão ordens para nós! Nada além de uma potencialização daquilo que, *mutatis mutandis*, Karl Marx chamou de fetichismo. Essa noção, depois de Marx, foi completada pelo marxismo na medida em que este criou o termo reificação. Fetichismo: o morto (as coisas) aparece como vivo. Reificação: quando o vivo (o humano) se submete e se torna o que aparece como morto (GHIRALDELLI, 2023, p. 28-29).

Diante dessa “futuurologia zombie”, entre muitos “mortos” para poucos “vivos”, podemos nos questionar o porquê de um mundo com mais acesso à informação não significar um mundo com mais flexibilidade e sabedoria, ou pior, caminhar para um avesso de embrutecimento. Poderíamos encontrar uma possível justificativa para esse processo: a ampliação de símbolos e exposição a conteúdos não representou um aumento de significados. Em outras palavras, apesar do inchaço semiótico de exacerbadas informações requerendo interpretação, ocorre, incompativelmente, uma escassez semântica. A subjetividade ao perder o

exercício de precisar elaborar, refletir e simbolizar, se torna cada vez mais automatizada e menos perceptiva, apenas consumindo e excretando, com pouco esforço, mas demasiado cansaço de tamanha superexposição de estímulos. Perde-se assim o aspecto mais humano, nossa figura como agentes interpretativos; é o capitalismo enraizando-se na semiótica, ou, construindo um *semiocapitalismo* como para Franco Bernardi (2020). É esse, talvez, um dos maiores e mais obscuros porvires que se constrói (GHIRALDELLI, 2023, p. 26-27).

O capitalismo pós-industrial que, de minha parte, prefiro qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (GUATTARI, 2012, p. 30-31).

Nessa situação, dados a normopatia, nos adaptamos e renunciamos à nossa subjetividade, do que nos é mais caro, sem pouco perceber e a passos acelerados, por metas e produtos frívolos. Afinal, para funcionamento desse maquinário ainda é preciso os nossos corpos, indispensáveis à semiótica, todavia, preferencialmente sem corporeidade, essa já seria requerida para o aspecto semântico e, aos poucos, é negligenciado. De todo modo, o combustível para um “general intellect” digital somos nós, agora, de maneira incessante atingidos em camadas mais profundas de nossa intimidade. Afinal, até em nossos momentos livres de prazer passamos a ser úteis para o ápice do capitalismo, não só ao navegar na internet por entretenimento, mas até mesmo em nosso sono mais profundo, somos gravados por nossos *smartphones* que captam em cada ruído de nossa rotina uma adaptação para vendas, captação de atenção e, ainda, dados para um emaranhado de bancos e estatísticas, também, rentáveis.

Um outro aspecto digno de atenção é: a fusão ciborguiana entre homem e sistema produtivo. De um lado, o capital é um valor por si só fetichizado, mas ao desvincular-se do ouro, teve flexibilidade para crescer o quanto quiser, esse capital fictício ou dinheiro fiduciário, oportunizou criar menos, mas criar mais números e receita, à medida que essa simbolização cresce, a discrepância de classes pode aumentar com justificativas cada vez mais absortas e niilistas. Isto é, o capitalismo progride se subjetivando, ganhando valores cada vez mais distantes do seu racionalismo técnico para justificar sua soberania. Enquanto, de outro lado, a subjetividade humana passa por cada vez mais explícita objetificação, em que modelos de subjetividade são vendidos em série por meio da massificação de produtos e, principalmente, de conteúdos midiáticos. Promovendo, como apontado por Guattari (2012), uma classificação de subjetividades em dois grandes grupos: a subjetividade capitalística ou dominante e a subjetividade assujeitada, oprimida.

Em suma, a subjetividade humana está, sim, mais “livre”, pois só assim pode produzir conteúdo às interfaces: máquina produtiva, para lucro dos monopólios tecnológicos, e psiquismo e expressão humana, destinados a ainda mais exploração. A “fábrica social” é celebrada como união e respeito à diversidade entre os povos, mas a necessidade de “todos” é para catalogação e controle por meio da digitalização, é, como foi ao longo da História, por mais poder. À vista disso, causa estragos mais sutis, mas não menos perversos; quando sistema produtivo industrializado se funde com o subjetivo coletivo, sem alinhar-se a princípios éticos claros, temos ocorrências como as apontadas ao longo do capítulo anterior.

2.3 Subjetividades Positivas, Subjetividades Melancólicas: Faces de uma Cultura Global

Se você pega, por exemplo, uma pessoa que hoje maneja a inteligência artificial, maneja toda essa tecnologia e uma pessoa que, lá atrás, na Grécia, manipulava simplesmente uma carroça, coisas muito básicas. Evoluiu a máquina. Será que evoluiu o homem na mesma medida? Você pode me garantir que esse homem atual, que maneja o computador, tem mais equilíbrio emocional que aquele lá atrás? Tem mais controle? Mais autoconhecimento? Às vezes não. A natureza não precisa da gente para fazer outra coisa; se você para pra pensar, nós geramos máquinas supervelozes. A natureza produziu planetas, a velocidade da luz. Ela não precisa de nós para fazer coisas, mas para fazermos a nós mesmos. E, às vezes, essa tarefa fundamental a gente não faz. Você vai ver que por trás de todos os desacertos do mundo existe um ser humano que não está maduro, um ser humano que não é humanista, um ser humano que não tem valores. Por trás de todos os problemas do mundo existe um ser humano que não está evoluindo tanto quanto a tecnologia que ele gerou. Muito pelo contrário, está ficando muito para trás. Às vezes, você encontra uma pessoa que tem um fanatismo medieval, mas conhece a inteligência artificial. É como se fosse um corpo que desenvolveu só um braço e outro ficou parado (GALVÃO, 2023).

Este raciocínio reflexivo, retirado de uma entrevista com a professora de filosofia Lúcia Helena Galvão, seria capaz de sumarizar, em sua narrativa, grande parte da problemática que se incita a trazer atenção ao longo deste trabalho. O esquecimento da importância do desenvolvimento subjetivo que, face ao super desenvolvimento algorítmico, encontra-se em fase crucial. Tendo em vista que as ferramentas, atualmente usadas, tem capacidade de aniquilação não da vida ou da natureza como se propaga de maneira antropocêntrica, mas da humanidade como a conhecemos. Este fato, entretanto, é constantemente adiado, parecendo, nos dias de hoje, até sublimado, o que faz muitos autores, como Safatle, a nível nacional, ou Derrida, tratarem da

grande apatia contemporânea em relação a macropolítica, algo referente a melancolia como norma perante às inúmeras mudanças em ritmo cada vez mais exponencial.

Para alguns críticos culturais, como Han (2014), tal sintoma poderia justificar-se por vivemos uma “sociedade do cansaço”. Para o autor, a “sociedade disciplinar” como compreendida por Foucault havia sido substituída por uma “sociedade do desempenho”. A primeira apresenta como traço principal a negatividade, a proibição, a ordem, que traduzem-se no emaranhado de hospícios, presídios, asilos, fábricas, dentre outros, desenvolvidos para segregação e contenção social. Enquanto, a segunda organização, possui em oposição a positividade como imperativo, fluidez e permissibilidade para ser e produzir, um espaço de escritórios, academias, centros estéticos e shoppings, no qual o inconsciente social já estaria adestrado a intencionar sempre a “maximização de sua produção” em diversos níveis do seu ser.

As razões para essa insurgência recorrem, também, ao sistema produtivista que construímos; é bem menos lucrativo a prisão da obrigatoriedade, contudo não necessariamente há um movimento para a liberdade. Não só pelo enfoque político-econômico, como pontuado múltiplas vezes ao longo deste trabalho, mas também por uma problemática filosófica da subjetividade humana. A abrupta transformação, além de deixar carência de vínculos daqueles desapropriados culturalmente de seu antigo modelo mais coletivista, proporciona uma estrondosa preconização do “eu” que não imputa só prazer, mas paralisante culpa. O que Han compreende é que, dos epidêmicos diagnósticos de TDAH, síndrome de *burnout*, bipolaridade, depressão e ansiedade, muitos vivenciam constantes infartos psíquicos, em virtude de uma perene e forte pressão em prol do desempenho, uma exigência da performance em todas as áreas possíveis pela internet globalizada ou pela imaginação humana.

A depressão, não como patologia digna de medicação, mas como dinâmica humana, é oriunda de um fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo. Em outras palavras, o depressivo está cansado do imperativo do ser, pois a disciplina do antigo modelo, está mascarada em uma nova valorização, agora de seu poder ilimitado, por vezes ilusório. Tornar-se único senhor de si, gera um paradoxo em que liberdade e coação coincidem, formando uma auto exploração em que se é, ao mesmo tempo, vítima e agressor de si. O cansaço de fazer e poder, acompanhado de uma violência sistêmica de sedução ao excesso, provoca para Han uma guerra de si, pautada em autoagressão e autoacusação cada vez mais naturalizadas, por um assédio moral da felicidade, sucesso e bem estar. Qualquer contemplação deve ser substituída por hiper vigilância para o novo. No entanto, “o correr ou o cavalgar não é um modo de andar novo. É um andar acelerado” (HAN, 2014, p. 21).

Em outras análises de Han encontramos mais complementaridade do arcabouço moderno, em Favor fechar os olhos (2021), a melancolia social poderia está calcada na aceleração exagerada contemporânea e o esgotamento de seus partícipes, em No exame (2018) poderia estar relacionado ao desordenado movimento das massas junto ao digital. Em Agonia do Eros (2017), a melancolia social estaria numa incapacidade subjetiva narcísica de vincular-se com seu entorno. Com a superexposição vem o fim do erotismo, palavra que se origina do deus grego do amor, Eros, ou para os romanos, o Cupido, no entanto, o amor paixão, em beleza e sensualidade, se refere a Afrodite (Vênus). Eros diz respeito a conexão, capacidade de voltar-se ao outro e é nesta metáfora que Han faz reflexão valiosa sobre a subjetividade contemporânea.

O filósofo sul coreano destaca que o humano se perde em frente à pluralidade pós-moderna, traduzindo-se no inferno do igual. Por exemplo, assim como Bauman (2004) destaca que a liquidez afeta as relações; um jovem atual pode ter milhares de opções em aplicativos, mas perde o ânimo de engajar-se com uma pessoa só, tudo torna-se mais descartável e pouquíssimo impressionável, a liquidez chega ao amor. Algo constatado, de certa forma, há décadas na Psicologia com a Lei de Hick, em que aumentar o número das opções, aumenta tempo de tomada de decisão, algo que, em paradoxo, se ultrapassado determinado ponto, passa a gerar menos, não mais engajamento (VIEIRA, 2020). Han, todavia, afirma que essa hiper comparação provoca um cotidiano nivelamento para consumo, pautado em uma lógica na qual o utilitarismo toma conta dos mais diversos afetos.

Outro aspecto suscitado, é que o imperativo do poder, comum da “sociedade do desempenho”, promove um endeusamento do eu. Tal narcisismo, quebra a possibilidade de conhecer e reconhecer a alteridade presente no outro, sua diferença, sua oferta de crescimento. Tendo em vista que, enquanto o amor-próprio delimita e contrasta o eu em relação ao outro, o narcisismo só se interessa por si, sempre se autoprojeta para encontrar a si mesmo no outro, cercando-se de espelhos das mais variadas formas. O individualismo como regra gera, para Han, o oposto de Eros, o direcionar-se ao outro, em um tempo que se torna comum a “depressão do sucesso”, um vazio dos “bem-sucedidos” após suas conquistas. Retomando, novamente, o fato de o sujeito do desempenho não ser livre, explora a si mesmo, sem pouco saber o que busca. Sendo assim, a auto coerção é muito mais fatal, o “tu podes” impregnaria mais que o “tu deves”, pois não oferece obstáculos, os nega. O sujeito não se vê mais como submisso a um sistema, mas como um projeto. Muitas vezes fadado ao fracasso de sua utopia, gerando, em proporções culturais também as epidemias de depressão e síndrome de *burnout*.

Em suma, sendo o Eros o esvaziamento de si, anular-se para a apreciação do dom do outro, o amor enfraquece, em certa medida, o eu, mas fortalece a vida, a completude da ligação. Em tempos que nos sentimos frágeis pela amplitude do digital, não estamos abrindo mais espaço para a vulnerabilidade, experiência por vezes referenciada ao Instagram. Nesse sentido, a absolutização do poder, como a imaginada em rede, elimina o outro, amplificando o narcisismo social coletivo. Han enfatiza que a falta de ligação com o outro, gera constantes crises de culpa ou gratificação, e que o amor passa a se positivar como sexualidade para sobreviver. Não a sexualidade da libertação ou conexão, mas uma à luz da ditadura do desempenho, em que sexo é como uma mercadoria a ser avaliada por sua performance, uma objetificação análoga a de produtos. Para o autor, não se ama mais o outro, se consome, pois não existe aprofundamento para a personalidade, por isso não há espaço para o amor, uma vez que ele precede vulneração e, mesmo na sua intimidade, tudo se torna um projeto “limpino, depilado e lisinho”, com metodologia e objetivo claros para relacionamentos *pseudo* empresariais. A logística de débitos e créditos tem pouco a ver com alteridade, com troca, com Eros.

Evidentemente, não só Han postula esta relação entre positividade e melancolia hodierna. O antropólogo francês, David Le Breton, traz uma visão bem distinta em *Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea* (2018), com muitos estudos referentes a corporeidade, pontua que medicações e outros produtos são na verdade uma gama de opções, cada vez mais vasta, para fuga do eu, um fenômeno que tem aumentado a frequência junto ao seu sujeito “hipermoderno”, assim como, condutas de risco que vão de esportes radicais ao suicídio. Trazendo os mais diversos exemplos, das fugas pelo sono às pessoas que constroem uma nova identidade, o escritor nos traz a reflexão de que o indivíduo isolado, estereotipado como adicto da internet, busca não o conhecimento ou a conectividade, mas uma fuga do corpo. Extremamente simbólico se imaginarmos a proposta digital e algorítmica como suprema, trata-se do extinguir de todos os atritos, a eterna busca pela eliminação do conflito humana, hoje aliada aos mais diversos mecanismos produzidos pela indústria.

Embora nossas condições de vida sejam, decerto, melhores do que as de nossos ancestrais, elas não nos eximem do essencial que consiste em dar significado e valor à existência, em sentir-se ligado aos outros, em experimentar o sentimento de ter um lugar no seio do vínculo social. A individualização do sentido, ao libertar das tradições ou dos valores comuns, desvincula de toda autoridade. Cada um se torna seu próprio dono e só precisa prestar contas a si mesmo. O dismantelamento do vínculo social isola cada indivíduo e o entrega à sua liberdade, à fruição de sua autonomia ou, ao contrário, a seu sentimento de insuficiência, a seu

fracasso pessoal. [...]. O desaparecimento pode ser um desgaste das significações que conservam o indivíduo no mundo, uma breve experiência de desresponsabilização. Esses exemplos abundam no trabalho clínico com adolescentes, indo até a busca do coma pela embriaguez ou pelos jogos de asfixia, ou por outras formas de vertigem nas quais o jovem se deixa submergir para não ter mais de pensar em uma dolorosa presença no mundo (LE BRETON, 2018, p. 9-15).

Em síntese, da euforia encaminha-se para um cansaço de si, fomentando na cultura o desejo de apagamento de si. Atrás da tela, das pílulas, das drogas, das cirurgias, das novas atividades, encomendas e sabores, reside um looping que precisa acelerar a ponto de não percebermos mais a passagem do tempo, os limites do corpo e a presença da angústia, como em um jato automático para substituir a vida. Logo, da deserotização do vivo, fetichiza-se um ideal morto. Contudo, a configuração se torna ainda mais alarmante, por já partimos de uma cultura euroasiática odiosa e avessa ao corpo, assim da saída do modelo mecânico disciplinar, entra-se num modelo brusco e súbito de virtualização. Em uma sociedade já moralmente atrofiada em relação às suas questões filosóficas, em comparação ao seu aparato produtivo, não é de espantar-se o uso do sujeito do mundo digital como uma fuga de si, não um encontro consigo. À vista disso, citar Aristóteles para afirmar o ser humano como um ser social já se tornou cansativo, é um ser que necessita do contato com o outro e não irá a lugar nenhum sem ele, senão a autodestruição. Uma hipótese, talvez, que explique o porquê de a revista *The Lancet Psychiatry* afirmar que as automutilações entre jovens triplicaram nos últimos anos, estimando-se, que 20% dos jovens brasileiros afluam-se desse mal (CUMINALI, 2019; AUTOMUTILAÇÃO, 2016).

2.4 Uma Lacuna Consertando seus Desequilíbrios: Subjetividade e Sistematização

Analisar a História é, invariavelmente, também uma narrativa da subjetividade humana, pois, como sabemos, depois que o objeto, vivo, toca o observador, o que se produz dali já será contaminado pelo vetor interpretativo de tal analista. Paradoxalmente, justamente por isso, a subjetividade foi alijada de campos sociais entendidos como mais sérios, importantes ou confiáveis, que, incessantemente, tentaram e tentam esconder sua incapacidade perante ela. Um exemplo explícito que representa essa trajetória é a precarização das Artes e da Filosofia no coletivo, seu caráter essencialmente abstracionista por vezes motivou sua subjugação. Há inclusive um ensinamento egípcio antigo, que inferia que assim como a pirâmide possui quatro faces de sustentação, o homem poderia crescer a partir de atividades equilibradas em uma divisão de quatro campos: a política, a religião, a ciência e a arte.

Atualmente as artes estão distantes de ocupar o mesmo peso em grades curriculares ou em políticas públicas, apesar das demais também sofrerem grandes deturpações ao longo da história, propriamente por dificuldades em concordâncias sobre aspectos éticos, morais, consonantes à subjetividade e menor materialidade objetiva. No entanto, as artes não são a subjetividade, mas uma expressão da mesma, assim como a sua apreensão também é permitida por meio dela. Logo, este trabalho não poderia incorrer no mesmo problema de exclusão de aspectos subjetivos, mas não poderia entregar-se por completo às próprias aspirações, opiniões e autodeterminações. Este, um dilema constante para o subjetivo, sendo uma das razões possíveis de sua exclusão de processos sociais importantes, como nas Ciências e na Política, nos quais se fez mais necessário em outras civilizações mais harmônicas.

Destarte, utilizamos, para estruturação de argumentações teóricas, diversos dados destacados por outros pesquisadores, a partir de uma abordagem inclinada ao método materialista histórico-dialético. Isto é, uma máxima tentativa de oposição à subjetividade, uma vez que o marxismo é marcado como uma oposição ao idealismo, por isso seu foco nas estruturas políticas, sociais e econômicas. Nesse sentido, o pragmatismo de seu método busca a maior justeza e ilibação, uma neutralidade que encara exploração como exploração, não como algo outro, como “favor”, “influência” ou qualquer representação que o pré destine. Em outras palavras, as leis correspondem à realidade exclusiva de seu tempo, não se inferindo uma energia mística, ancestral ou atemporal concernente a determinados papéis, totens ou rótulos da história.

À luz dessa ótica, a visão crítica ao sistema que nos engendra e coordena soluciona uma parte da problemática, impede uma visão “encantada” da subjetividade como elemento social. Todavia, tal método é completamente insuficiente para tentar interpretar uma poesia, apreciar uma arte ou transladar sobre a subjetividade em seu próprio amorfismo. Tal incômodo também afligiu o filósofo Jean-Paul Sartre, apoiador de causas de esquerda, mas também artista. Em suas discussões no livro *O que é subjetividade?* Sartre (2015) aponta um conflito interessante para reflexão da temática: dois operários em um fábrica apresentam entraves, um deles se recusa a cooperar com seu colega, em determinado momento o operário reticente, por alguma “iluminação”, se percebe antissemita por resquícios de sua criação, que não combinariam com a igualdade que sustenta o seu marxismo, encontrando assim a razão dos seus boicotes, uma vez que o outro operário era judeu.

O que esse pequeno enredo traz é uma mudança de subjetivação, que só foi possível por meio de seu próprio reconhecimento. A causa da mudança de paradigma do operário e seu controle são desconhecidos, mas se reconhece que a mudança é onde reside a subjetividade, é no criar, abstrair que se significa novas possibilidades. Isto é, num mundo de objetos sem

subjetivação não há interação, logo, uma sociedade sem espaço para subjetividade não muda, ou, ao menos, tem essa característica atrofiada. Afinal, percebe-se que, se nada fosse feito, a tendência seria o materialismo prevalecer, enquanto um conflito de grande necessidade de solução para funcionamento daquele espaço seria negligenciado. De forma análoga, muitas subjetivações são oprimidas, em espiral de silêncio assustadora como tem sido as Artes e a Filosofia ao longo dos séculos, por exemplo, principalmente quando o materialismo político científico aumenta de forma significativa suas proporções com a chegada da indústria. São essas bases desprezadas, justamente, as que não são comportadas no novo modelo neoliberal digital, as que envolvem o exercício de pensar, não a resposta mecânica em si.

Em um segundo ponto, subjetividade não é necessariamente divina ou sempre positiva. O operário antissemita só o era, pois, em determinado momento, subjetivou negativamente um grupo de pessoas, fazendo inclusive a manutenção desses ideais até aquele momento. O fato é que não está se defendendo um “bem”, mas o reconhecimento de que não há como expurgar a subjetividade do mundo para que se tenha pleno controle sobre ele, mas se pode empobrecer muito a qualidade de vida subjetiva quando não se exercita o seu manejo, sufocando-a até gerar adoecimentos psíquicos epidêmicos como nos dias de hoje. Em resumo:

A matéria - se é possível dizer - da invenção é a subjetividade. Nunca se encontrará, nunca se compreenderá o que é a invenção do homem se tomarmos a pura práxis fundada sobre uma consciência clara; é preciso que haja por trás disso elementos de ignorância para oferecer uma possibilidade de invenção. Assim, cabe-se dizer que há duas características essenciais e contraditórias da subjetividade: por elas, o homem se repete indefinidamente, e o homem não cessa de inventar pelo fato mesmo de inventar a si próprio, já que há uma reação do que ele inventou sobre mesmo (SARTRE, 2015, p. 42).

Além do aspecto invenção e manutenção, Sartre adiciona um terceiro elemento à descrição sobre subjetividade, seu caráter projetivo. Desse modo, a subjetividade é projetiva de indivíduo ou coletivo, nunca pode ser vista por dentro, em seu âmago, sempre percebida por fora, na expressão de suas ações ou consequências. Está no efeito do objeto, trata-se de uma *mediação*, indispensável para o conhecimento dialético social (SARTRE, 2015). Como poderia, então, uma sociedade caminhar sem analisar ou preocupar-se com os efeitos de suas criações e mudanças? Talvez, seja esta precisamente a problemática do cenário que encaramos nos dias atuais.

Tal percepção de Sartre resultara da sua obra *Crítica da Razão Dialética* (2002), em que se constata outro aspecto relevante: o ser humano não é o mediador do efeito subjetivo, o efeito subjetivo é a mediação. Entende-se, no entanto, ainda a oposição ao idealismo; a subjetividade não é algo fixo, imutável e independente da ação humana, parte do homem em sua ação

sensorial e interpretativa, mesmo que composta por forças e vetores ainda desconhecidos em sua totalidade, mesmo que reduzida a um momento ou período. Ainda assim, dessa conjuntura, duas inquietações permanecem: em primeiro plano, como conceber uma análise incorrupta da subjetividade e, em uma segunda análise, como a sociedade concede, permite e direciona um lócus a subjetividade dentro de sua organização e direcionamentos.

A primeira questão não possui uma resposta objetiva, tendo em vista que não há método específico com unânime aceitação sobre manejo do subjetivo. Todavia, as Ciências Humanas se organizaram para a solução de problemas levantando alguns possíveis horizontes. Na Psicologia, por exemplo, Sartre aponta para os testes psicológicos projetivos como o Teste de Rorschach, um dos mais bem sucedidos métodos de análise para questões referentes ao subjetivo humano, é, atualmente, inclusive utilizado em alguns casos cíveis e criminais na justiça brasileira como para avaliar as intenções de um réu. O filósofo afirmava a veracidade e competência da técnica de avaliação desenvolvida, mas apontava que está mesmo que verídica, abarca um momento, uma vez que a subjetividade do analisado continuará em mutação, não podendo ser resumido a uma definição do sujeito (SARTRE, 2015).

De forma análoga, funcionam muitos outros campos para solução de conflitos. O Direito utiliza a Filosofia, principalmente os estudos da axiologia, para uma interpretação de valores, uma vez que em alguns casos estes se sobrepõem; o princípio de proteção à vida pode ser relativizado em caso de legítima defesa, no qual outros princípios como o de dignidade e proteção são levantados. Semelhantemente, funcionam às críticas a trabalhos artísticos, em que não só o perfeccionismo da técnica é procurado, mas o discurso e enquadro, ou melhor, uma totalidade da obra e seus despertares para outras questões sensoriais. De todo o modo, há uma singularização, um respeito à especificidade que, aparentemente, não combina com ordenamentos objetivos, regras generalistas e dígitos atuais.

Tais circunstâncias apontam para o segundo conflito, a condução da subjetividade junto ao coletivo e sua subordinação. Atualmente, sob a legislação brasileira, um atestado médico ou odontológico possui justificativa total em instituições, enquanto um psicoterapêutico tem peso opcional ou relativo. Em outras palavras, o que é fixado é estar fisicamente gripado tem maior proporção do que a dor de estar triste, ansioso ou em processo de um luto. Diversos são os exemplos cotidianos que confirmam essa insurgência, como as constantes críticas às ciências humanas como “inferiores” à ciência natural.

A exemplo, recentemente, a bióloga que ganhou notoriedade digital na pandemia, Natália Pasternak, publicou junto ao seu marido o livro *Que bobagem!* (2023) em que ridiculariza “pseudociências”, dentre elas a astrologia, a homeopatia, a acupuntura e, inclusive,

a psicanálise, em um país onde a maior parte da população pouco sabe a diferença entre um psicanalista e um psicólogo ou um psiquiatra. A tendência, ao que parece, é um agravamento cada vez maior da validação dada ao imaterial em meio a guerra pela verdade, já deixando suas marcas no empobrecimento do enfoque dado à ética junto ao corpo social.

De fato, a discussão da subjetividade traz um nó, mas como aponta Sartre, necessita de uma moral. “Pode-se dizer que a moral é hoje impossível e, ao mesmo tempo, que ela deve existir, se quisermos dar conta de todos os setores da humanidade” (SARTRE, 2015, p. 106). Por conseguinte, o filósofo soluciona muitos entraves sobre essa temática ao longo de sua carreira, sendo consagrado como um dos maiores representantes do existencialismo que estaria, posteriormente, por suas mãos, intimamente ligada ao humanismo. Sartre já parecia esboçar seus futuros ideais ao constatar:

[...] é possível considerar que, a partir de um momento que um grupo ou classe se conscientiza do que é e, ao mesmo tempo, da consciência de classe, acontece o mesmo: toma consciência de si como objeto para poder agir levando em conta seus limites objetivos e utilizando-os (SARTRE, 2015. p. 56).

Logo, a subjetividade e suas investigações estão sempre acopladas ao conhecimento e autoconhecimento, sendo sua exclusão uma forma de repressão que incapacita os indivíduos de poderem legislar sobre sua própria subjetividade. Em uma de suas obras, *O Existencialismo é um Humanismo* (2014), torna-se claro que, mesmo com os inúmeros pormenores que constroem uma névoa sobre a subjetividade, incluindo suas opiniões e discordâncias sobre como ela deve ser descrita e manejada, que o ser humano deve ser sujeito de seu próprio eu. Por essa razão, deve ter acesso a ferramentas que o permita explorar, não ser chefiado à alienação. De outro modo; o existencialismo, o exercício de questionar a si e ao mundo ao seu redor é uma possibilidade para o humano se encontrar como sujeito, desobjetificando-se, para, a partir disso, humanizar-se e, quem sabe, reconhecer sua pequenez e insuficiência, no qual necessita de outros humanos, humanizando-os também.

Em suma, retrocede-se a algo básico e substancial: a filosofia é basilar, a base de uma pirâmide que se envaidece pelo seu topo a partir de uma paradoxal “crença exclusiva à matéria”, esquecendo que onde pisa é o que lhe sustenta. No entanto, tal desencadeamento teórico pode ainda parecer ideológico, e é exatamente isso: a subjetividade é a parte que se acredita.

“Acreditar” não como uma divindade, mas também como acreditamos em nosso nome, nas palavras que rotulamos os objetos; o que, para muitos, pode parecer insuportável, perceber-se como agente de si mesmo. De todo modo, dentro de uma perspectiva democrática que nos rege, é racional, lógico e posto que o homem tem direito a ser seu próprio ponto de referência, incluindo medos e sonhos, cronologias e peculiaridades, leia-se, direito à sua subjetividade.

À medida que ganhamos conhecimento dos conceitos que rondam a subjetividade, precisamos sumarizar alguns de seus “rostos” para análise da presente pesquisa. Evidentemente, a metafísica e seus questionamentos precedem a formulação da palavra “subjetividade”. No entanto, esta é convencionalmente marcada como objeto de investigação científica ocidental desde “O Banquete” de Platão. Nele, em discussão de elementos etéreos como o amor, temos a verdade, a bondade e a beleza colocadas como a expressão máxima do humano. Para o filósofo, inclusive, tais elementos andariam juntos, uma ação nobre é boa e, por consequência, bela. Apesar de inúmeras reafirmações e discordâncias de estudiosos que o sucederam, são pertinentes a esta pesquisa tal tríade entendida como divina, pois, socialmente pode-se abarcar grande parte da expressão subjetiva junto ao núcleo social.

Saindo do escopo idealista desses bens como imutáveis. Encontramos “a verdade” no tecido contemporâneo em diversas instâncias, assim como a ausência dela; na Ciência, premissas são avaliadas como reais ou falsas, às aprovadas passam a ganhar determinada credibilidade universal. No Jornalismo, encontra-se junto a mídia, nas notícias apreendidas como verdadeiras, ou em orientações entendidas como corretas por grandes instituições, pode-se não encontrar o elemento divino, mas percebe-se que a verdade está quase sempre acompanhada com a confiabilidade da notícia. Enquanto “o belo”, pode-se imaginar prescrito nas capas de revista, propagandas e produtos para aprimoramento estético, está intimamente ligado à experiência dos sentidos e, por consequência, da Arte, após tantas trocas culturais e quebras de paradigmas, abre horizontes que tornam sua experiência, assim como a dos demais, relativa a um “aqui e agora” comum do subjetivo. Enquanto “o bom” é entendido como um acordo moral daquilo que é benéfico, podendo ser encontrado na Ética, junto a regras e determinações legislativas de conduta, assim como em formações culturais de exaltação ou repressão de práticas entendidas como corretas ou condenáveis.

Logo, se pretendemos analisar a formação cultural desses fenômenos contemporaneamente a partir da Comunicação, mais especificamente da mídia digital Instagram, é necessário que saibamos de que “bondade”, “beleza” e “verdade” estamos dissertando, recorrendo para aporte à História e demais campos sociais.

2.5 O Bom: A Face Ética da Subjetividade

De que “bondade” estamos falando? Há diversas outras pesquisas que podem debruçar-se apenas no significado dessa palavra de aplicação tão ampla e, dificilmente, alguma delas poderia colocar um ponto final ao tema. É notório que para algumas pessoas o que é bom, como andar de bicicleta, dançar ou ler um livro pode o ser, como para outras pode não o ser.

Igualmente com coletivos; certas culturas valorizam demonstrações públicas de afeto, enquanto outras não, o que muda não apenas geograficamente, mas ao redor dos tempos, mas, além de proximidade física, ou gostos, a questão pode complexar-se em muito a partir do convívio social, justamente por tal característica diversa e, ao mesmo tempo, necessária para norteamento. Por essa razão, o bom ganha investigações milenares, pois, se esclarecido, garantiria uma conduta ideal de pequenos acordos até grandes leis.

Em virtude disso, a Ética narra um pouco da percepção dominante sobre o que é “bom” para a sociedade ocidental nos últimos séculos, assim como as regras morais e leis estabelecidas. A partir disso, antes de buscarmos por um panorama sobre o bom nos tempos digitais, ou na plataforma Instagram, faz-se útil uma análise sobre sua trajetória. Na Antiga Grécia, com a necessidade de confiabilidade e harmonia, encontramos pensadores como Sócrates com as frases célebres, “sei que nada sei”, assim como “conhece-te a ti mesmo”, já registrando o conhecimento como virtude para alcance do bom em sua plenitude, um caminho para a felicidade. Para tal pensador, apenas tomando ciência de si seria possível praticar o bem e alegrar-se por tal. Assim como, Platão, posteriormente, reforça a necessidade de que o bem seja um molde pelo qual deveríamos pautar todas as nossas ações, e a partir de Sócrates reconhece o homem como dotado de vícios, que o afastam do bem, e virtudes, que o aproximam. Enquanto, em Aristóteles, já notamos a associação de tal ideia ética à cidadania. (EGG, 2009, p. 6-7).

Em “Ética a Nicômaco”, uma das obras mais importantes de Aristóteles, prossegue a associação da felicidade como um bem supremo conquistado pelo caminho do bem, somando-se a percepção de que a alma está hierarquicamente acima do corpo, é sua comandante, isto perpassa a ideia de que a bondade requer disciplina para o domínio de vícios que podem afastar-nos do bem. Todavia, residia também uma oposição importante ao idealismo platônico, Aristóteles recusou a possibilidade de um método matemático exato para obtenção ética ideal, buscando fundar sua teoria ética não no mundo das ideias, mas referindo-se à natureza humana como tal. Por isso, para o filósofo, cada ação humana deve ter um fim último que tenha valor nele mesmo, uma vez que todas as ações visam algum bem, não transcendental, mas em uma noção analógica e não unívoca humana. (NODARI, 1997, p. 385-6).

Fora do escopo clássico grego, a ética aristotélica, também nomeada teleológica, é somente uma das diversas expressões por um caminho pelo bom. Cícero será um filósofo romano que também trará a busca moral. Assim como, na subsequente Idade Média, percebe-se na Igreja a ética cristã, não só no imperativo cultural de “amar o próximo como a ti mesmo”, mas com personalidades como Santo Agostinho. A preocupação com o bom está nas

cosmovisões iorubás, indígenas, hindus, tibetanas, dentre inúmeras outras, mas o que nos é crucial para o presente trabalho, é a sua reformulação a partir do poder estatal que ganhará destaque no período medieval, mas, principalmente no período moderno.

Em Maquiavel com atravessamentos mais distantes de que “os fins justificam os meios”, pode-se vislumbrar uma relativização em defesa da manutenção do poder e materialismo. Tem-se a ética utilitarista, assim como a racionalista, da deontologia de Immanuel Kant, para tomadas de decisões, evocadas, assim como as demais, na Ciência e no Direito até os tempos atuais. Todavia, as discussões ganham um novo valor com o final da Revolução Francesa e emergência da burguesia e consequente consolidação capitalista. Tal percepção da ética com a chegada das grandes instituições é fundamental para que nos aproximemos desse fenômeno nos tempos atuais que partem do produtivismo.

Guandalini Jr. (2004) ilustra essa transformação ao comparar duas histórias semelhantes com finais diferentes de acordo com seu espaço e tempo. Esopo, escritor da Antiga Grécia, tem na obra “O Avaro”, um senhor que guardava seu ouro num buraco de terra e, escondido, o descavava apenas para admirá-lo diariamente, até que é descoberto por um de seus funcionários que furta todo o seu ouro. A moral é dada por um vizinho que o consola o triste homem furtado, falando-o para colocar uma pedra no buraco e imaginar que é o ouro perdido, pois terá a mesma função dada ao avaro, de nenhuma utilidade além da contemplativa. Enquanto, na versão parodiada de Benjamin Franklin, a história finaliza com o vizinho lhe dando conselhos econômicos de gastos e gestão de finanças. Percebe-se, assim, na primeira, uma percepção tradicionalista da ética, enquanto, na segunda, o lucro não como um fim em si mesmo, mas como um dever moral (p. 115-16).

Tal enquadro parte dos estudos de Max Weber (2004), que relaciona o espírito capitalista à ética protestante, citada brevemente no próximo capítulo. Nele, o que se apreende é “o ser humano em função do ganho como finalidade de vida, não mais o ganho em função do ser humano como meio destinado a satisfazer suas necessidades materiais” (WEBER, 2004, p. 46). Se a poupança e o crédito passam a ser virtudes, o discurso empreendedor junto a busca por riqueza passa a ser um dever moral no imaginário coletivo, aspecto que vai ao encontro do perfil neoliberal contemporâneo estabelecido no capítulo seguinte.

Para Weber (2004, p.72), a ideia de profissão como vocação, junto ao trabalho como caminho para Deus, surge com a reforma protestante, ensejando um espírito capitalista. Tal espírito seria “a disposição que, no interior de uma profissão vista como vocação, de forma sistemática ambiciona o ganho legítimo e racional” (WEBER, 2004, p.57). Nota-se, a partir

disso, uma reconfiguração do bem maior, do bom, galgado não na ação humana em si, mas na suposição racionalista de alcance do bom através do capital. Em outras palavras:

O Deus do calvinismo não se contentava com “boas obras” isoladas; a práxis ética se torna um método de condução da vida que mantém o controle contínuo do estado de graça, o que leva a uma racionalização da vida intramundana e uma conformação racional da vida ética em seu conjunto. Nesse modo de vida ascético a riqueza é uma ameaça, pois traz consigo o perigo do relaxamento. O ócio e o prazer são proibidos, pois a falta de vontade de trabalhar é sintoma da ausência do estado de graça. O desperdício de tempo é o pior dos pecados, pois representa menos tempo dedicado à glorificação de Deus. (GUANDALINI JR., 2004, p.119).

Tal fenômeno ocorre, para Weber, em virtude de uma “seleção econômica” daqueles mais aptos a tal ética (p.48). Todavia, se tomarmos com base Foucault (2013), poder-se-ia pensar na disciplinaridade e coercitividade como base para tal conjuntura, enquanto em Byung-Chul Han (2017), em suas formas mais sutis contemporâneas, no imperativo da performatividade, por exemplo. Independente, a ascensão desse discurso que beneficia o mundo de exploração e expropriação do trabalho em que vivemos é fixado por diversos autores como algo socialmente construído, não necessariamente natural.

Atualmente, acumulando-se a essa História, ganham destaque justamente a ética profissional, assim como discussões sobre a bioética devido o avanço tecnológico, passa-se a perceber também a necessidade de regulamento ético nas mídias digitais, algo a ser discutido com mais interioridade no próximo capítulo. Em suma, como nas demais entidades subjetivas, buscaremos ao tratar do “bom” no ambiente do Instagram, um olhar não moralizante, mas pertinente à própria conceituação da palavra socialmente partilhada como aquilo que é favorável, agora em nosso espaço virtualizado.

2.6 O Belo: A Face Estética da Subjetividade

O belo é um objeto de análise que ganha grande profundidade nas Artes. Do enquadro subjetivo, a estética diz respeito à experiência material daquilo que supostamente anda com o bem, com verdade, para os antigos gregos. Trata-se de uma sensação de bem-estar ou de, ao menos, ampliação sensorial. Todavia, nosso foco é o belo dentro dos moldes da mídia digital, mas, principalmente, como atravessadores da cultura capitalista face a saúde de seus consumidores. Apesar disso, faz-se preciso um preâmbulo da trajetória do belo até as telas, junto a questionamentos sobre seu espaço em nosso imaginário.

Há um ditado popular “digital”, como os versos das várias publicações que circulam sem autor ou referência pelas redes, que afirma: “Se você esmagar uma barata, você é um herói.

Se você esmagar uma borboleta, você é um vilão. A moral tem critério estético”. Para além da reflexão, é fato que muito antes do mundo virtual, a beleza desperta atenção e cobiça pela humanidade; aqueles com a sorte de nascerem com traços mais “formosos”, poderiam ter portas abertas em seu caminho com um sorriso, contando com a proteção ou admiração do charme que suas figuras promoveriam à primeira vista. Milenarmente, especialmente para mulheres ao redor do mundo, ser bela era mais que um privilégio, mas um recurso de sobrevivência, presas em um sistema de hegemonia masculina, encontravam-se restritas a objetificação do desejo para garantir a própria sorte. O desejo pela beleza é, em um mundo de falsas morais, instabilidade e pressões por performance, um clamor por ser aceito socialmente. Não obstante, para todo o desejo, o capitalismo promove uma solução “mágica” para aqueles que puderem financiá-la.

Ao nos voltarmos para os estudos culturais, percebemos que até os objetos mais simples, e ao mesmo tempo mais complexos, podem possuir grandes significados com as mais díspares interpretações ao redor do globo. Stuart Hall (2016), assim como demais autores desse segmento, abriam brilhantes reflexões ao reconhecer a característica construtivista da linguagem, na qual diferentes recortes temporais e geográficos poderiam empreender construções de significado que simbolizavam sentidos completamente opostos; simplificada em sua afirmação: “o sentido depende não da qualidade material do signo, mas sim da sua função simbólica” (HALL, 2016, p. 49).

Tal fato é ilustrado pelo sociólogo por meio do sistema de faróis para compreendermos mais facilmente; dentro da nossa cultura, no trânsito, é usado um sistema de faróis, no qual a cor vermelha simboliza “pare” e a cor verde “prossiga”. Contudo, a cor vermelha pode simbolizar sangue, paixão, comunismo, assim como a verde pode significar natureza, inveja ou a nação irlandesa. Desse modo, nota-se as características sociais, circunstanciais e passíveis de mutabilidade pertencentes a um único elemento, isto é, a cor vermelha assim como a cor verde não tem significados intrínsecos a elas, como representar “pare” ou “prossiga”, tais sentidos foram atribuídos dentro de um contexto sociocultural específico para construção de um simbolismo, uma representação e, em virtude disso, dependendo do espaço no tempo ou local no globo onde estão inseridas sua representação ganhará um novo sentido em meio ao processo comunicacional, (HALL, 2016).

A pequena trajetória semiótica supracitada se faz presente pois assim pode ser pensado o belo, é basilar compreender a mutabilidade e relatividade como preceitos naturais de tais objetos sociais, pois se o conceito de *belo*, que comumente nos é construído como estático ou até óbvio é petrificado, a discussão do seu termo pode se limitar em demasia a partir de sua

essencialização. Todavia, é como parece se portar na História, das narrativas infantis: “a mais bela de todas”, “a mais bela do baile/do reino”, ilustram um anseio ilusório socialmente partilhado, e fortemente fomentado por propagandas de produtos e serviços estéticos, a possibilidade de amor, status e aceitação social por meio da aparência. Contudo, tal imaginário de segurança em possuir um perfil ideal que garanta preferência se transformou inúmeras vezes até configurar-se na estética e narrativa que detemos atualmente.

Um clássico subversivo do padrão estético vigente é a Vênus de Willendorf, a estatueta feminina com cerca de trinta mil anos nomeada em homenagem à cidade austríaca onde foi encontrada, no ano de 1908. O artefato definitivamente tumultua ao insubordinar-se ao padrão estético do período em que foi encontrado, motivando, em parte, sua notoriedade entre as obras de arte, acarretando ainda, por essa razão, que muitos pesquisadores se referiram a obra como “Mulher de Willendorf”, por não conseguir encontrar em sua figura a imagem de deusa bela e próspera, como a Vênus dos antigos romanos estilizada como na obra de Botticelli (VÊNUS, 2021).

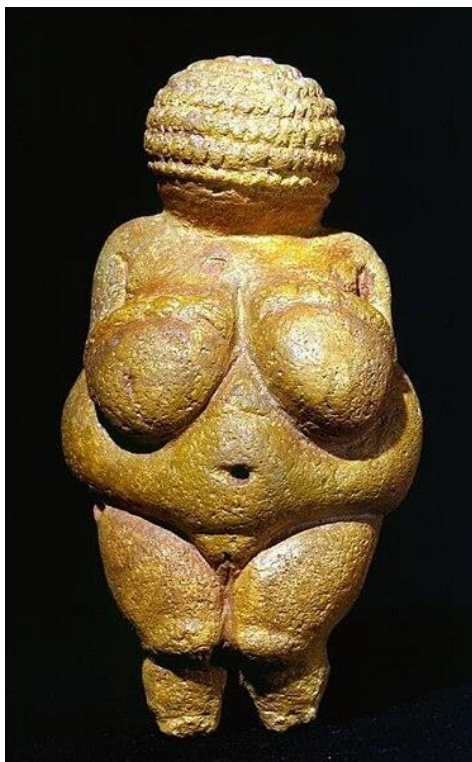


Figura 2 - Vênus de Willendorf, c. 28.000-25.000 a.c., calcário, 11cm de altura. Museu de história natural, Viena. Fonte: Don Hitchcock (2008).¹

¹ Esta figura esculpida, descoberta na Áustria em 1908, é um exemplo notável de escultura paleolítica. A Vênus de Willendorf é frequentemente interpretada como um ícone de fertilidade ou um símbolo de beleza feminina na pré-história, refletindo as práticas culturais e as percepções de corpo e gênero da era paleolítica.

Todavia, neste período de descoberta, a possibilidade de apreciação de peitos caídos, quadris largos e vulva gorda tornou-se cada vez mais evidente quando em expedições a algumas sociedades tribais orientais encontrou-se o mesmo endeusamento de tais características. É compreensível, dentro de uma rigidez estética quanto a hodierna, o estranhamento entre um padrão de beleza como o do paleolítico de Willendorf quando comparado com o das famosas “blogueiras” da atualidade, talvez por denunciar que o que muitos chamam de “uma preferência natural” pode não ser só um gosto completamente indutivo e não-arbitrário, mas sim exarcado com preceitos sociais de um determinado tempo e local que bastante “consumiu” culturalmente para poder se definir.

De tais preceitos sociais formatadores da História, pode-se destacar o capitalismo, patriarcalismo branco e o rígido ideal estético do nosso “berço ocidental” da Grécia Antiga, afinal, muito antes de Branca de Neve ser invejada por sua madrasta por ser a mais bela do reino, Helena de Tróia já havia sido sequestrada por sua inigualável beleza. É sabido, por exemplo, que na *Akadémia*, as academias gregas, (COSTA, 2004), cuidava-se do corpo, com exercícios, e da mente, com discussões filosóficas, em um mesmo espaço, originando o que temos atualmente como uma mesma palavra para nos referirmos às academias de ginástica e de pesquisa, estruturadas hoje separadamente. Entretanto, o que habitava ao redor desse modo associativo arcaico de organização era uma cultura de extrema rigidez estética, explica a historiadora Bettany Hughes em entrevista:

As regras de beleza eram todas muito importantes. [...]. Naquela época, um homem grego de lábios carnudos e queixos protuberantes sabia duas coisas: que sua beleza era uma dádiva (um presente dos deuses para dizer o mínimo) e que seu exterior escondia um interior ainda mais perfeito. Para os gregos, um corpo bonito era uma prova de uma brilhante mente. Eles até tinham uma palavra para isso: *kaloskagathos* – o que significa ser bonito de se ver e, além disso, uma boa pessoa. (VOCÊ, 2015)

Kalokagathia era o termo grego que expressa aquilo que é “belo e bom” ou “belo e virtuoso” (VOCÊ, 2015), Umberto Eco em a *História da Beleza* aponta que nas mais diversas épocas e culturas construiu-se a associação entre aquilo que é correto em modo e a beleza, imprimindo tanto contemplação distante quanto mimese nos apreciadores de tal aspecto, aproximando assim, aquilo que é esteticamente atraente aos terrenos sagrados da Arte e da Filosofia (ECO, 2017, p.7). Tal construção provoca uma tortuosa ligação imaginária que alude ao que Wolf chama de “A Mulher Ideal Platônica” que fundamenta o *Mito da Beleza* (1992); a concepção de uma beleza fixada, universal, imutável que nega circunstâncias culturais e atende a um divino gracioso (WOLF, 1992, p. 15).

Junto a isso, a autora também aponta a beleza edificada como uma “virtude social”, tal qual os gregos, na qual prevalece a mística construída culturalmente em torno feminino como detentor do belo. Para a escritora e jornalista, essa fantasia relacionou-se fortemente à domesticidade virtuosa, na qual se vangloriava a mulher que abdicava e servia, exercendo um dom vendido como natural do seu ser, tem tido sua narrativa substituída gradualmente nos dias atuais pela beleza virtuosa, da mulher que consegue exercer multifunções dentro e fora de casa e ainda permanecer jovem e bela indo ao encontro de sua “essência” (WOLF, 1992, p. 15).

Não obstante a herança dos antigos gregos, a trajetória de Eco em sua obra supracitada perpassa por muitas faces associadas a beleza, da proporção ao simbolismo, percorrendo muitos movimentos artísticos que devem somar a nossa atual conjuntura, mas que desaguam em seus termos: “Beleza da provocação” e “Beleza do consumo” do século XX que constituem a “Beleza da Mídia”. Neste período mais recente, em luta estariam a Beleza da provocação e a Beleza do consumo, representando o quão contraditório seriam os novos tempos, pois se de um lado estariam os artistas vanguardistas, de escolas futuristas, cubistas e surrealistas, provocando novas perspectivas, ousando ao fugir da Beleza natural, de outro, a Beleza do consumo, tornaria vendável qualquer beleza das artes em todas as formas; roupas que imitam videoclipes de artistas extravagantes que, por sua vez, imitam estéticas da História, carros iguais os de grandes filmes do cinema, tinturas para cabelo iguais as das modelos das revistas, restaurantes com arquiteturas fantasiosas e até as mais simples canetas e chaveiros carregando qualquer estética desejada pelo comprador. No que diz respeito à comercialização haveria o que fosse necessário de democratização (ECO, 2017, p. 413-25).

Para Naomi Wolf, vemos a indústria novamente como mantenedora do belo atual. Em seu célebre livro, é a ideologia da perfeição estética a última das antigas falácias impostas que ainda vigora em poder de controle nas mentes femininas, teoricamente livres. Por essa razão, tal mito da beleza ideal se fortalece para cumprir com o papel coercitivo que outros mitos, como o da maternidade, da domesticidade, da castidade e da passividade não conseguem mais atender em sua completude. Isto é, por exemplo, assim que se derruba o mito da castidade feminina e se garante, em parte, uma liberdade sexual, a indústria pornográfica multibilionária usurpa tal vitória, em consecutivo, para objetificar e metrificar os corpos femininos, retomando e reconfigurando a dominação antes vencida. A fábula da “bela dona de casa” é substituída pela “bela guerreira” que concilia vida doméstica e profissional com *glamour*, pois, mesmo na narrativa da mais poderosa mulher moderna, as meninas podem tudo, menos não serem bonitas (WOLF, 1992).

Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. A "beleza" não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica. O povo maori admira uma vulva gorda, e o povo padaung, seios caídos (WOLF, 1992, p. 15).

A reflexão da autora coloca a beleza como um produto de “padrão ouro” que, como baratas, parecem sobreviver a qualquer extermínio ou revolução. Tal como, Chris Kraus para o jornal El País afirma uma frase importante que contrapõe, e ao mesmo tempo, complementa a autora: “em vez de desobjetificar a mulher, o capitalismo está objetificando os homens” (FERNANDES, 2019).

A pressão estética também tem afetado cada vez mais rapazes junto com a cultura “fitness” e de “crossfit” cada vez mais partilhada nas redes sociais. Em entrevista para a TAB da Uol, o sociólogo Jorge Miklos, que coordena na Universidade Paulista uma pesquisa sobre a relação entre mídia e masculinidade, explicita que, evidentemente, esse problema é bem mais enraizado ao gênero feminino: “Há uma pressão maior sobre as mulheres, porque a nossa sociedade patriarcal impõe tradicionalmente o corpo feminino como objeto de desejo, de acordo com os padrões de beleza. O homem é quem deseja o objeto”. No entanto, como explica o professor, com a autonomia feminina e a sexualização da mídia, isso tem mudado, apontando que antigamente valorizava-se o homem pelos seus trabalhos intelectuais, serviços braçais eram relacionados à marginalidade, entretanto, quando a mulher adentrou o mercado de trabalho, o homem perdeu o privilégio desse monopólio, passando a, assim como elas, assumir a vontade de serem desejados (FÁBIO, 2020).

Desse modo, quando em 1994 o jornalista Mark Simpson lança o termo “metrossexual”, que diz respeito à adoção de cuidados tidos como femininos como tratamento da pele e cabelo ou o uso de roupas estilosas por homens, gerando um grande “choque” entre os consumidores, popularizando esse neologismo. Contudo, para o mesmo jornalista esse termo já está defasado, sem sentido, tendo em vista que não são mais só os astros de cinema que se portam assim, sendo cada vez mais comum a produção de cosméticos comercializados para o público masculino. A nova palavra para o autor seria “spornosexual”, junção das palavras “sport”, esporte em português e “porn”, pornô; que significa que a vaidade estética permanece, mas não mais relacionada a produtos e acessórios, mas sim aos corpos masculinos, em que corpos musculosos

e magros passam a ser o desejo maior de um grande número de jovens. Para o jornalista, em meio ao conjunto das mídias digitais, são os atletas do futebol e os atores pornô os principais modelos que os rapazes buscam ser, por serem um dos seus principais consumos nas mídias digitais (SIEVERS, 2014).

Voltamos nossos olhos, à luz dessa ótica, a significância cultural da mídia e do consumo, pois como também assiná-la Wolf (1992, p.76) sobre universo feminino: “por terem poucos modelos a imitar no mundo real, as mulheres as procuram nas telas e nas revistas femininas”.

Logo, a plataforma contemporânea possui, assim como a “mídia tradicional”, em sua tecnicidade um complexo poder de mediação do indivíduo com alguns dos aspectos mais profundos de sua subjetividade, a exemplo de sua autoimagem. Todavia, ainda pouco sabemos sobre as especificidades e consequências da nova mídia computacional eletrônica.

Desenvolve-se assim um vasto uso estético do virtual digital. Porque é de fato um consumo de tipo emocional e estético que se realiza: as interações são feitas para se divertir e para passar o tempo, imprimir seus gostos, se pôr em cena, produzir uma imagem de si (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 373).

A Sociedade do Espetáculo, teoria de Guy Debord, já assinalava uma tendência de espetacularização da vida através de imagens, buscando tornar cada aspecto simples da nossa existência cotidiana em uma experiência mágica de um retrato impecável. Originadas de interesses mercantis e políticos, nas palavras do autor: “A sociedade modernizada até o estágio do espetacular integrado se caracteriza pela combinação de cinco aspectos principais: a incessante renovação tecnológica, a fusão econômico-estatal, o segredo generalizado, a mentira sem contestação e o presente perpétuo” (DEBORD, 2005, p. 175). Tal conceito nunca esteve tão vívido quanto nos dias atuais, em que o dilema “daquilo que é exposto versus o que realmente é” se configura nas redes sociais de forma massacrante, sendo difícil não associar tal lógica à grande rede social de fotos e vídeos Instagram, discutido em casa mais a frente nesta pesquisa.

2.7 O Verdadeiro: A Face Lógica da Subjetividade

Dentro do campo da subjetividade, tanto o bom quanto o belo, geram questionamentos sobre a sua existência unívoca ou atemporal. De mesmo modo, o verdadeiro se coloca para pesquisadores com fascínio, afinal: existe verdade? Ela é única ou múltipla? Reside apenas nas narrativas ou é transcendental? Questionamentos filosóficos à parte, nos interessa sua trajetória ao longo dos tempos para vislumbrarmos a verdade como um significante no sistema digital, mas especificamente nas redes sociais como o Instagram.

Para Virgínia Fontes (1997, p. 2), tal discussão sobre o verdadeiro, carece de uma diferenciação; há a verdade em seu sentido universal, isto é, partilhado por todos, como a gravidade, comum tanto em sua existência prática, quanto na possibilidade de discussão e mensuração a partir de premissas mediadas pela linguagem. Como, há também, a verdade em seu sentido absoluto, esta que não seria passível de discussão, se assemelha à trajetória percorrida pelas religiões monoteístas, em que, conseqüentemente há uma mentira que implica em perseguições de modos de vida, supondo erros e correções.

Logo, antes da verdade como um bem etéreo, temos socialmente a verdade como conhecimento epistemológico e norteadora das relações de poder. Como ponderamos a partir do olhar de Nietzsche (1983), aquilo que é verdade pode ser um discurso referente principalmente à Ciência, dentre outras grandes instituições, ancoradas principalmente pela credibilidade de suas verticalizações. Ao longo da História, Foucault (2013) é brilhante ao apontar como discursos dentro do meio médico, jurídico ou midiático podem confluir para a legitimação das mais diversas atrocidades contra segmentos sociais, funcionando como um sistema de controle da população que vigia e pune. Tal fenômeno ocorre ao cruzarmos verdade e poder, em diversos momentos da história tornou-se uma constante debatida no meio político das mais diversas ordens.

Quando pensamos na história em seu sentido material, prático, a verdade quase sempre prevalece como ordenadora a partir de um “acordo” promulgado pelos detentores de poder, logo, se um Estado incorpora verdades de cunho religioso ou científico, automaticamente, aqueles sob vigência de seu comando tendem a incorporar as premissas colocadas como verossímeis, uma vez que a verdade, precede a lógica e, por essa razão, o diálogo do indivíduo com seu objeto ou ambiente externo. Contudo, ao pensarmos na obtenção da verdade, podemos recorrer aos mais diferentes teóricos, desde Platão a partir das ideias extrassensoriais, ou de Aristóteles, a partir da realidade da natureza e sua matéria. Há Emmanuel Kant, assim como Max Weber e Karl Marx que pensaram em investigações próprias tanto de pesquisas de caráter natural, quanto de caráter humano e social, dentre diversos outros pensadores célebres com os mais distintos posicionamentos. Como apontado por historiadores:

Não seria estranho apresentar as afinidades, muito próximas, entre uma historiografia metódica e uma marxista, uma historiografia rankeana e outra braudeliana. Elas pertenceriam a um só tronco historiográfico moderno, visto que, mesmo divergindo em alguns pontos, mantém a intencionalidade de criar padrões metodológicos transcendentais, ou, dito com outras palavras, há o desejo de prescrever procedimentos que devem ser obedecidos para se chegar a uma representação da experiência vivida historicamente. (GIANNATASIO e IVANO, 2011, p. 14).

A atividade hercúlea de os contrapor seria pouco interessante para presente pesquisa, uma vez que já realizada por diversos pesquisadores ao longo dos tempos. Todavia, ao que concerne o tempo e espaço do digital, o que tem ocorrido, a partir da liquidez das instituições, em especial a partir do século XX, sugerido por autores como Bauman (2001), é a dissolução da verdade, ou melhor, das instituições que as estruturam como únicas e dominantes. São, nesse sentido, autores da “pós-modernidade”, aqueles trazem consigo a pluralidade do discurso, o que seria entendido como chave para o meio digital, no qual a diversidade e difusão fazem morada de maneira tão única na trajetória humana, a ponto de deixar muitos maravilhados e abismados com a suposta liberdade e opções de escolhas oferecidas.

Há ainda, para outros autores, uniformizações de caráter global, como as econômicas, mas o questionamento sobre sua relevância e legitimidade nunca se fez tão latente, principalmente quando defrontadas os tribalismos descobertos para além do nosso microambiente, algo escancarado, em especial, pelo digital (MAFFESOLI, 2011, p.23). Como assinala também o autor, “no caso da pós-modernidade, de uma pessoa (persona) que desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. A identidade fragiliza-se. As identificações múltiplas, em contrapartida, multiplicam-se.” (MAFFESOLI, 2011, p. 23). Tal conjuntura impacta intimamente à noção de indivíduo, configurando novas possibilidades de subjetivação, trata-se não apenas de uma queda de grandes verdades, mas, de íntimas pressuposições internas que se intercalam, mas também se chocam dentro dos sujeitos imersos em mudanças sociais tão complexas.

Em suma, a verdade pode ser entendida dentro de sua multiplicidade, como fruto de vários processos de subjetivação, sendo, por esta razão, como mostra Foucault (1996) passível de instrumentalização por jogos de poder. Tal possibilidade pode representar a insuficiência da resposta para alguns, todavia, mesmo as mais essencialistas hipóteses e opiniões que caminhem para universalização ou essencialização da verdade, algumas trazidas por autores clássicos, não são impeditivas ou necessariamente conflitantes, pois, como hipóteses e opiniões, estão inscritas no discurso e na linguagem para o presente trabalho:

Dessa polêmica sobre a verdade, breve e imprecisamente esboçada, e que persistirá enquanto os homens durarem, tomamos como referência essencial a tese kantiana: *a verdade é resultado de uma relação cognitiva e é formulável em linguagem humana*. Ela depende e decorre de uma relação sujeito-objeto, da iniciativa construtiva do real pelo sujeito. Não há uma verdade que se auto apresente e que dispense a construção e o discurso. Se há discurso, há sujeito. Se há sujeito, há construção. As posições metafísica gnóstica - é possível conhecer e pronunciar o ser - e a realista - o discurso, embora seja de origem subjetiva, pode se referir ao

ser e articulá-la - parecem ingênuas quanto à presença do sujeito no conhecimento. (REIS, 2000, p.329).

CAPÍTULO III: O PRODUTO (QUE) MENTE

3.1 A Lógica dos Dígitos

Como mencionado previamente na metodologia deste trabalho, o terceiro capítulo se destina à estrutura da problemática em questão. A macroestrutura que estamos analisando junto está encabeçada como “lógica algorítmica”, a qual segue entrelaçando: os dígitos que servem à economia de mercado, assim como, os dígitos que desencadearam o desenvolvimento da cibernética, da digitalização e automação dos meios de comunicação. Ambos os campos, capital e digital, embaraçam-se em infinitos atravessamentos relativos à subjetividade, exibidos em nossa linguagem e cultura contemporâneas.

Por essa razão, seguiremos, neste capítulo, gradualmente em uma métrica de norteamento, sua imaterialidade; indo do objeto mais palpável, até ir desnudando suas camadas para esbarramos na sua forma mais abstrata, subjetiva. Desse modo, iremos ter como ponto de partida a plataforma *Instagram*, o recorte que foi palco para os futuros estudos de caso do primeiro capítulo. Em seguida, examinaremos o “Capitalismo de Plataforma”, ou “Capitalismo Digital”, que o envolve. Posteriormente, em terceiro ponto, a lógica neoliberal produzida a partir dele. Por conseguinte, seu decorrente discurso meritocrático, até desembarcarmos, como quinto subtópico, na “Cultura da Aceleração”, para, ao final, terminarmos em uma reflexão filosófica sobre o aparato civilizatório que construímos.

A partir desses seis itens, buscaremos abarcar de diversos ângulos a “lógica dos dígitos”, em suas muitas camadas de permeação junto ao nosso emaranhado da Comunicação. Afinal, tendo em vista que entre a filosofia e a física há um espaço que não pode ser mensurado, catalogado ou metrificado, mas amparado em seu caráter construtivo, de partes e histórias, resta-nos situar um esboço entre cultura e comunicação. Para este espaço “entre”, não objetivamos “o que”, mas “como”, debruçando-nos na plasticidade das suas interações à ilusão de suas dimensões (FERRARA, 2008, p. 10-13).

3.2 *Instagram*: Ponto de Consumo, Rede de Sociabilidade

Inaugurado em 2010, o *Instagram* é, para alguns, uma plataforma digital, para outros, uma rede social, mesmo sendo um conceito em disputa, é fixada como um espaço online gratuito que permite o compartilhamento, principalmente, de fotos e vídeos. Atualmente, seu aplicativo, assim como as demais versões da rede, tem sido exaltado por muitos pela sua capacidade de democratizar conhecimentos, possibilitando inclusive a ascensão social e melhora da qualidade de vida para inúmeras pessoas que, por meio dele, podem se “vender”, prestando serviços, ou comercializando produtos, adquirindo fonte de renda com sua amplitude de mercado cada vez mais extensa. Assim como, tem também sido criticado pela mercantilização de sua curadoria algoritmizada, assim como crescimento de fenômenos de desinformação, por métodos de persuasão que poderiam relacionar-se com o aumento do mal-estar de parte de seus usuários, através de uma fenomenologia complexa que promoveria afinidades e vícios, pois, para alguns críticos culturais, “o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes” - no ambiente online. (BAUMAN, 2016).

O “mito de Narciso” estaria à espreita daqueles que não tomassem cuidado, o que justificaria o grande grupo de profissionais que ressalta a necessidade de orientações educacionais junto a regulamentação estatal para manejo das atuais e próximas gerações com o mundo digital. (FIALHO; SOUZA, 2019). O *Instagram* se destaca dentre as redes pelo seu caráter estético, repleto de fotos, parece representar a espetacularidade da vida, como uma imagem de sucesso, uma pintura cotidiana, uma figura que daria ainda mais margens para a criatividade do subjetivo, diferente dos pequenos comentários de redes discursivas como o *Twitter*, ou de conteúdos diversos e extensos do *Facebook*, vídeos ágeis do *TikTok* ou conversas íntimas de *WhatsApp*.

A rede social passou também por transformações, trazendo uma narrativa que nos aponta aspectos relevantes. Dentre elas, a intensificação de seu crescimento quando comprada pela companhia do *Facebook*, uma das maiores empresas do mundo, em 2012, por um bilhão de dólares. Em outubro de 2013 passou por outra transição crucial, a chegada de anúncios, junto a outras opções para acréscimo de engajamento, monitoramento e demais ferramentas pagas para divulgação. Tal transição ocorreria com diversas outras redes, que não se caracterizariam mais como um espaço apenas de sociabilidade, mas também de empresas e suas vendas. Assim, significando que o mesmo ambiente em que fotos de entes queridos e diálogos com velhos amigos ou novos conhecidos, seria intercalado com publicizações. Tal fato resultaria, em 2016, em mais uma transformação; de um “feed”, portal de ordem cronológica, para um portal de ordem algorítmica, com exposição de conteúdo selecionada pelas inteligências tecnológicas

cada vez mais refinadas em captação de atenção, mudando inclusive sua logomarca. No mesmo período, também passou a permitir os *stories*, fotos instantâneas que estariam disponíveis por apenas um dia até sumirem, análogo a rede social concorrente da época, Snapchat. (OSMAN, 2023).

Trata-se de uma rede “jovem” com altas prospecções para o futuro, tendo em vista que a maior parte de seus usuários possui entre 18 e 34 anos. Outro aspecto que chama à atenção, é a grandiosidade da plataforma digital; cerca de um a cada três usuários da internet é usuário do *Instagram*. A rede contou com 1 bilhão de usuários ativos mensais em 2018, sendo hoje, em 2023, a rede social de ascensão mais rápida, com crescimento de 5% por trimestre. É também a rede com maior engajamento, variando entre 27%, sendo as taxas de redes sociais como *Facebook* e *Twitter* com média inferior a 2%. Junto a isso, estima-se que mais de 70% das empresas estejam no *Instagram*, indicada como a melhor rede para investimentos em marketing digital. Apesar disso, dados apontam também que 8% contas falsas e 29,9% estão inativas, o que não parece incomodar a gigante que é entendida por especialistas como um “sucesso”, em seu sentido mercadológico, dada sua adaptabilidade e rentabilidade (OSMAN, 2023).

É importante que tenhamos a compreensão de que no *Instagram* temos o rosto de uma questão a ser problematizada, não o objeto desta pesquisa em si, mas a materialização do espaço onde os processos, posteriormente explicitados em casos, ocorrem. Isto é, o *Instagram* não é a cabeça de nossa Medusa, mas um espelho que nos permite olhar mais atentamente para ela. Como veremos, por trás de seu vigor e agilidade, escondem-se interesses e tendências que analisaremos a seguir.

3.3 A Era do Capitalismo Digital

O *Instagram*, antes de tudo, está inserido em um modelo produtivo que o maneja, assim como todas as peças sob vigência de seu crescimento: o capitalismo. Para além de um simples sistema financeiro, se estende à política, à cultura e a demais instâncias sociais, que é decifrado e explicitado por Karl Marx durante o século XIX. Desde então, muitos a partir desse fato, pesquisam e questionam o ordenamento socioeconômico que nos circunda. Desdobram-se assim novas temáticas, entrelaçando-se com os mais diversos campos de estudo. Logo, para além de noções clássicas sobre consumo e a luta de classes “burguesia versus proletariado”, a noção se articula também para denominar fases que perpassam tal sistema; como Capitalismo Comercial, Industrial, Monopolista e Informacional, que agora seriam reconfigurados pela sua versão atual e, para muitos, mais possante: o Capitalismo Digital.

Isto é, com o veloz desenvolvimento dos meios tele comunicacionais, intensificados com a popularização da internet, percebemos em uma convergência tecnológica a digitalização ao nosso redor: inteligência algorítmica para solução de problemas, armazenamento de dados “na nuvem”, teletrabalho e telensino, bancos eletrônicos, comércio, plataformas e entretenimento *online*, objetos em sua versão *smart*, acompanhados de diversos outros exemplos, ainda mais latentes a partir da pandemia do Covid-19. Estes aspectos apontam para uma inescusabilidade do digital, tal qual nosso sistema financeiro mundial. Por isso, o Capitalismo Digital não se restringe a “criptomoedas” e novos adereços automatizados aparentemente facilitadores do cotidiano do consumo, trata-se do conceito de que a “aldeia global cibernética” idealizada, que, para alguns, democratizaria o conhecimento e anularia disparidades é, hoje, nas mãos do neoliberalismo expansionista, a articuladora, a estruturadora e a sustentadora do sistema capitalista. (DA SILVEIRA, 2022).

Seguindo esse raciocínio, a célebre frase de Clive Humby “dados são o novo petróleo” ilustra não só o poder das maiores empresas de tecnologia conhecidas como o *Big 5* (*Amazon, Apple, Facebook, Google e Microsoft*), mas a importância que a inteligência digital, em seu acúmulo de dados e algoritmização, detém para a manutenção do sistema de exploração vigente. Desse modo, a moeda “datificada” não só alimenta os grandes detentores dos meios de virtuais, mas também se faz imprescindível para um pequeno empreendedor que precisa de uma rede social para vender, por exemplo, seus doces artesanais ou roupas em um bazar. A partir desse conceito comum de necessidade inescapável do digital, gera-se a naturalização do parasitismo digital de tais companhias, com seus paraísos fiscais e evasão de responsabilidade, pois, em teoria, tais empresas estariam nos dando o presente da conectividade de forma aparentemente gratuita que nos permitiria não só produzir, mas viver melhor. (TOLCACHIER, 2021).

Os impactos da concentração de capital podem ser materializados com a exploração do potencial mercadológico regional, gerando problemas sociais que não serão abarcadas pelas mesmas, enriquecendo isentas, deixando seus conflitos para os governantes das periferias. A exemplo, temos a “uberização do trabalho”, em que plataformas de aplicativos, amparadas pelo desemprego de países em desenvolvimento e sua baixa sindicalização, como no Brasil, geram uma parcela significativa de trabalhadores que atuam sem direitos trabalhistas, correndo riscos no trânsito, em uma rotina de sobrecarga, para garantir sua própria subsistência (DA SILVEIRA, 2022).

Diante desse cenário, embora a integração *online* ainda exclua muitos segmentos sociais - o que denuncia ainda mais a marginalização de tais grupos na hierarquia social -, abarca e evidencia a ordenação em que nos inserimos, apontando inclusive, rumos que tendemos a seguir

com o presente colonialismo de dados (COULDRY; MEJÍAS, 2019), talvez, para uma “sociedade incivil”, como intitula Sodré (2021); sem centro de governança e democracia,   mercê dos interesses tecnológicos e mercantilistas. Em suma, o capitalismo se encontra no seu apogeu, sem apontar para nenhum declínio, transmutando-se sem freio, se não o esgotamento dos recursos naturais que garantem nossa existência, ou a saúde e vitalidade da maioria explorada para manuten o desse mundo de disparidades.

Tal modelo de “engajamento” global inerte   misérias locais   também intitulado por Shoshana Zuboff como “Capitalismo de Vigilância” (2021). Vigilante e sentinela em sua constância em monitorar nossas a es, tendo em vista que satélites, câmeras e microfones lucram a cada instante com nossa aten o e dados pessoais. Por defini o, “uma lógica econômica parasítica na qual a produ o de bens e serviços   subordinada a uma nova arquitetura global de modifica o de comportamento. [...]. Uma destitui o da soberania dos indivíduos” (ZUBOFF, 2021, p. 15). Justificando-se, pois, uma vez que a experiência humana   estabelecida como matéria-prima gratuita principal, o interesse e esforços das companhias dominantes não influem somente nas horas levadas do proletariado pelo labor, mas sim na totalidade temporal de sua existência, no qual cada segundo de sua aten o   disputado.

Destaca-se, nesse sistema, que mesmo que uma porão de dados seja utilizada para melhoramento de serviços e produtos, o grande excedente comportamental observado   transformado em um “produto de predi o”, que não só calcula antecipadamente as próximas a es de um indivíduo, mas as induz. Desse modo, a previsibilidade, ambicionada por qualquer comerciante em seus investimentos, torna-se o objetivo principal, sendo o caminho de obten o a aten o constante de nossas mentes como combustível para enriquecimento das mais lucrativas empresas do mundo. A chegada final esbarra, invariavelmente, no sonho de automatizar o homem e sua conduta para a venda de seus futuros passos. Isto  , o “instrumentarismo”, a mente sendo instrumentalizada. (ZUBOFF, 2021, p.22)

Alia-se a esse fenômeno a alcunha “economia da aten o” ou “economia psíquica”, entendidas como a dinâmica de gerenciar a aten o humana como um produto escasso, capitalizando-a e manipulando-a como mercadoria, uma nomenclatura pré-existente   difusão das redes sociais, mas com novas propor es de alta intensidade com a chegada da internet (OLEGÁRIO, 2021). Tal lógica tem suas raízes na psicologia do behaviorismo dos primórdios do século XX, marcada por um alto investimento de empresas em pesquisas sobre a mente para maior domínio sobre o público consumidor. Surgindo, a partir disso, o “design do comportamento”, “uma abordagem para mudar intencionalmente e sistematicamente o

comportamento humano por meio de modificações persuasivas do ambiente físico e digital” (COMBS; BROWN, 2018).

Nesta linha, já direcionada ao universo digital, o design comportamental se desenvolve a partir da “captologia”, acrônimo para “computadores com tecnologias persuasivas”, instaurada na década de noventa. Nela, compreende-se que é possível programar e moldar as ações alheias, desde que se conquiste o código psíquico correto para as máquinas, gerando, por consequência, inúmeras técnicas e estudos programados para padrões como o “modelo do gancho”, que busca “fisgar” e alterar o comportamento do telespectador de forma cada vez mais sofisticada e precisa (BENTES, 2021).

Parece que a “ciência da mente” construída não foi edificada para preservação do homem, isto é, voltada para a Saúde Mental, mas sim para manuseio de acordo com os detentores ou financiadores de seu conhecimento. Sabia-se, no entanto, que mesmo buscando por controles e previsões ligadas ao consumo, caso tal ideiação de previsibilidade chegasse ao seu apogeu, poderia ser catastrófica. Como previsto por grandes pensadoras como Arendt (2010, p. 403): “O problema das modernas teorias do behaviorismo não é que estejam erradas, mas sim que possam vir a tornarem-se verdadeiras, que realmente constituam as melhores conceituações possíveis de certas tendências óbvias da sociedade moderna”.

Para além do consumismo, uma das materializações mais chocantes que repercutiu sobre o tema foi o escândalo da empresa de consultoria e marketing político *Cambridge Analytica*, contratada pelo ex-presidente Donald Trump para sua campanha de 2016. Com o vazamento de dados de mais de 87 milhões de usuários do *Facebook*, usados para influenciar os telespectadores a votarem no candidato republicano. Os dados de personalidade aparentemente inofensivos continham informações até mesmo da lista de contatos dos usuários. Como resultado, o uso indevido da *big data* para a psicométrica humana - cuja intervenção pode ter alterado o resultado da governança de uma das maiores potências mundiais - culminou, somente, em um processo com punição de multa bilionária que, de acordo com os críticos, seria insuficiente para gerar qualquer mudança de conduta da companhia. O caso gerou também debates sobre notícias falsas e a possibilidade de democracia em face ao tamanho poder manipulativo à venda (SANTA ROSA, 2022).

A macro mudança cultural que esbarra na política é, do mesmo modo, invasiva em cada micro subjetividade alterada, em cada sentimento restabelecido ou significado simbólico criado. A exemplo, em 2014 o “algoritmo da felicidade” veio à público, estampado novamente a empresa *Facebook* em polêmicas; a rede social teria realizado um experimento com mais de 700 mil usuários, sem seus consentimentos, dividindo-os em expostos a conteúdos emocionais

positivos e negativos em seus *feeds*. O objetivo pretendia saber o grau de “contaminação” no humor dos indivíduos, se o estado emocional dos consumidores seria ou não alterado pelas redes sociais, além de analisar se o caráter alegre ou triste de suas telas os aproximaria ou repeliria do aplicativo (BRUNO, 2018).

O resultado obtido se apresentou “positivo para contaminação”, sendo a intensidade emocional do conteúdo a responsável por mantê-los conectados ou retornando constantemente à rede, invariavelmente à conotação negativa ou positiva das publicações assistidas. O que poderia explicar a geração “viciada”, comumente cansada, ansiosa e improdutiva. Em nível acadêmico, como pesquisa, a amostragem surpreende qualquer outra realizada, todavia, em nível ético, a falta de conhecimento dos participantes seria execrável como método científico, mesmo que respaldada juridicamente por tais pessoas terem “cedido” seus direitos ao assinar os “termos de uso” do contrato de seus perfis (BRUNO, 2018). Ilustra-se, a partir disso, uma complexa questão sobre a falta de escrúpulos em manusear as emoções cotidianas e a preocupação da extensão desse fenômeno em escala global. O que esta estrutura comercial e política reserva à nossa cultura e suas subjetividades?

3.4 Cultura em Aceleração

O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para espessar-se, condensar-se e converter-se em estrutural: a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas, sim, a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrita (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54).

Intimamente conectado ao conceito de “Capitalismo de Plataformas”, como nomearia Nick Srnicek (2014), isto é, um modelo de negócio que tem como centralidade os dados informacionais humanos. Podendo esses serem conglomerados de diferentes perfis para o autor: *Austeros*, como *Uber* e *Airbnb*, de *Nuven* como *Amazon* e *Microsoft*, *Publicitários*, como *Google* e *Facebook* e de *Produtos*, como *Spotify*. Empresas conhecidas como bem-sucedidas, que “revolucionaram” ao acelerar sua produção, expandir seu nicho e ampliar seu mercado, lembradas por muitos por facilitar nossa vida cotidiana contemporânea.

Em aparente convergência, a compreensão de “Cultura da Aceleração” busca dar conta da chegada das tecnologias referentes à comunicação - às quais, novamente, ocupam um espaço central cultural, em meio ao ciclo comercial, trabalhista e cotidiano modernos. Nota-se, em nossas vidas, ferramentas *high tech* prometidas como facilitadoras de nosso dia a dia que parece necessitar de mais de vinte e quatro horas. Logo, pacotes avançados de internet diminuem o

tempo para baixar arquivos ou navegar no *Google*, vídeos anteriormente longos ganham em novas redes formatos limitados a quinze segundos, manuais são distribuídos em massa para condensar conceitos complexos em tópicos frasais, empresas prometem entrega rápida ou seu dinheiro de volta, softwares no ambiente de trabalho agilizam a produção de resultados, até áudios do aplicativo *WhatsApp* passam a ter a opção de sua velocidade dobrada e muitos outros recursos são disponibilizados de forma cada vez mais ligeira e urgente. Pode-se pensar que as empresas hoje produzem bem mais que na época de nossos avós, mas, mesmo assim, não necessariamente trabalhamos menos.

Afinal, muitos se percebem também cada vez mais ansiosos com a espera do que antes pareciam ser só poucos minutos, em algo que o sociólogo Hartmut Rosa (2019), em seus estudos sobre aceleração, classificaria como um “estado de paralisia frenética” perante os tempos digitais, em uma “Sociedade do Cansaço” nas palavras de Byung-ChulHan (2014); subjetividades exaustas, alteradas com tantos estímulos e exigências da máquina que atende, cada vez mais rapidamente, ao capitalismo.

Precisamente frente à vida desnuda, que acabou se tornando radicalmente transitória, reagimos com hiperatividade, com a histeria do trabalho e da produção. Também o aceleramento de hoje tem muito a ver com a carência de ser. A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos (HAN, 2014, p. 25).

Para Rosa (2017), é imposto pelo sistema capitalista atravessamentos que implicam em constantes coerções em prol do crescimento e da aceleração, corroborando com discursos irracionais, ferramentas de alienação e estatísticas crescentes de depressão, no intuito de educarmos para a adesão de tal modelo. Como marco, atualmente, a monstruosa automação transforma ganância em projeto desenvolvimentista, dando luz a um formato autopertuador, um capitalismo que triunfa pela sua naturalização, invisibilizando seu poder fatídico; fatal pela eterna falácia da “única opção”, inevitável, sendo mais fácil, para muitos, imaginar o fim do mundo do que o fim do sistema capitalista. A aceleração é, nesse espectro, uma inevitável consequência da sede pela exploração:

O crescimento da economia e a aceleração social se associam estreitamente, em uma lógica recíproca de intensificação. Tempo é dinheiro, afirma a fórmula básica do tempo no capitalismo, e assim como o dinheiro é por definição escasso, também o tempo é sempre escasso sob as condições da economia de concorrência. Isso se apoia no fato de que o tempo, enquanto tempo de trabalho, é imediatamente um fator de produção, e de que o aumento da produtividade sempre significa, desse modo, uma vantagem competitiva, alcançada por meio da economia de tempo: mais output por unidade de tempo, assim ela pode ser definida (ROSA, 2017, p. 21-22). Dentre inúmeros sintomas do mundo moderno, percebemos a partir da relação entre mídia e tecnologia que a suposta “economia de tempo” prometida pelo Vale do Silício, traz, em paralelo, uma aceleração do cenário que nos rodeia, nos mais diferentes espaços de nossa rotina. Entendemos, desse modo, a modificação acelerada desses diversos processos coletivos e suas alterações em nossas vivências como pertencentes a este tempo coordenado por novas mídias, a atual “dromocracia”, conceito de Paul Virilio (1996) em que é percebido a metrificação humana do tempo como reguladora social e espacial. Portanto, com a nova tecnicidade - em que o sistema econômico é centralmente digital - todas as noções de tempo e espaço são ressignificadas, afetando o tecido social cultural e politicamente, nos “cobrando”, como Eugênio Trivinho nos mostra em *A dromocracia cibercultural*.

A velocidade tecnológica, quando urdida em estrutura dinâmica universal, cria, como que de forma endogenamente autônoma, a partir das pressões materiais, simbólicas e imaginárias da organização do trabalho e do lazer, as suas próprias demandas recorrentes. A nova lógica da desigualdade gira em torno do imperativo da dromoaptidão propriamente cibercultural como capital simbólico necessário para a manifestação individual, grupal, empresarial e institucional no social em rede. A capacidade de ser veloz abrange a competência econômica orientada para a posse privada plena (isto é, a partir do domo) das senhas infotécnicas de acesso à época (objeto infotecnológico e rede digital à frente), a competência cognitiva e pragmática no trato da sociossemiose plena da interatividade (isto é, o domínio das linguagens informáticas sempre em mutação); e a capacidade (econômica e cognitiva) de acompanhamento da lógica da reciclagem estrutural daquelas senhas (vale dizer, do movimento progressivo de otimização da mais-potência de hardwares, softwares e demais fatores informáticos, que compromete o que é anterior em nome do que vem depois, ideologicamente valorado como sendo melhor). (TRIVINHO, 2005, p.72).

É válido ressaltar o caráter cultural de tal fugacidade, como nas reflexões feitas em *Modernidade Líquida* (2001) e *Amor Líquido* (2004) de Zygmunt Bauman, pois nos permite que seja possível a compreensão deste fenômeno social como algo amplo e complexo, para

além de escolhas individuais, uma vez que ao entrelaçar-se com as tecnologias e as mídias comunicacionais - sendo tais mídias plataformas para grande parte das relações humanas contemporâneas -, temos um atravessamento sistêmico e comum globalmente que é, principalmente, cultural. Isto é, não se trata de optar por aumentar ou não a velocidade de áudios no *WhatsApp*, culpabilizando-nos por ansiar presteza e desfechos de forma cada vez mais exacerbada, mas em compreender que a tecnologia acelerou os meios nos quais a interação humana acontece, alterando processos sociais diversos, inclusive a própria importância de “processos”, fazendo-se presente socialmente por meio das mídias digitais em especial, mas não somente. A aceleração é, em última análise, inescapável, mas não absoluta.

O fantasma do imediatismo, não é, por este motivo, uma assombração humana exclusiva dos tempos atuais ou dos interesses mercantis, mas é, sem dúvidas, um servo fiel ao capitalismo, desenvolvendo-se assim lado a lado, pois não há como pensarmos em tecnologia facilitadora, sem o interesse de obtenção de lucro por trás do desenvolvimento. Portanto, o modelo atual “dadocêntrico” é formatado a partir da apropriação do tempo e atenção em prol do trabalho e do consumo para a produção de dados em crescimento exponencial. Neste enquadro, uma das conclusões mais válidas de tal reflexão é a percepção de que progresso tecnológico não é, em termos sociais, sinônimo de bem-estar e analisá-los e criticá-los não se trata de um exercício saudosista de vilanização da tecnologia, mas de uma prática necessária para interpretação do “novo mundo” que não precisa ser de excessos ou pouco humano, mas que compulsoriamente nos exige e exigirá adaptação.

3.5 Mal Subjetivo, Lógica Neoliberal Objetiva

Ao tratarmos de adoecimento da subjetividade, é comum uma valoração pessoal sobre o *bom, belo e verdadeiro*, para o, ético, estético e epistemológico, mas existiria, por consequência normativa, um *mau*? Entre a idealização social de um paraíso como o Jardim do Éden, e o pragmatismo analítico em abordar companhias como a *Apple*, onde estão as maçãs podres? A cultura acelerada e o capitalismo digitalizado poderiam ser frutos de uma mesma árvore? Qual o mal em mordê-las? O que nelas estaria envenenado? Onde encontramos suas raízes? Isto é, qual seria sua lógica de propagação e fortalecimento?

Em meados do século XX, a teórica de origem judaica, Hannah Arendt, alertava o mundo pós-guerra sobre a construção da naturalidade da crueldade em regimes totalitários, ao que intitularia a “banalidade do mal”. Para a filósofa, o mal se encontra no superficial, no corriqueiro das ações cotidianas, porém, mesmo banal, não se descartaria o peso de ações cruéis individuais ou coletivas, pelo contrário, dado o comportamento de mentes entendidas como

simplistas, Arendt revelava que a maldade chega no ápice de sua perversidade. Como em ditaduras fascistas, ou até mesmo em sistemas democráticos, o mal prevalece ao fracionar e burocratizar ações desumanas, ao desenvolver um ritmo de distanciamento do coletivo, elaborando uma agenda para construir espaçamento abissal, cada vez mais profundo e vazio, entre o “eu” e o “outro”. Destarte, Arendt analisa o julgamento de Adolf Eichmann, comandante de guerra durante a Alemanha nazista, responsável pela logística de encaminhamento em massa aos campos de extermínio, que, mesmo após o fracasso de seus crimes, alegara em sua defesa “não ter matado ninguém, apenas cumprido ordens”. (ARENDDT, 1999).

Este fato chamaria atenção também da Psicologia emergente da época, o *Experimento Milgram*, do pesquisador norte-americano, também de origem judaica, Stanley Milgram. Pela Universidade de Yale, o investigador simulou dividir seus voluntários entre “cobaias” e “professores” em seu teste, aplicando falsos choques às “cobaias”, que eram, por sua vez, atores disfarçados, enquanto analisava o comportamento dos “professores”, verdadeiros voluntários. Tais cidadãos comuns, em sua função de professor, seriam responsáveis por administrar a voltagem de choques punitivos para as cobaias, as quais deveriam responder corretamente perguntas que fingiam analisar sua memória para escaparem da descarga elétrica. O resultado foi total, mesmo diante de gritos de dor, todos os avaliados seguiram até 300 volts, obedecendo os cientistas, 65% deles chegaram até a voltagem máxima, com 450 volts, os quais, se fossem reais, poderiam matar uma pessoa. Desdobrou-se desse fato o ensaio *Obediência à Autoridade* que revolucionou o campo na época (ROLIM, 2017).

Todavia, mesmo com a experiência empírica que tornava o brilhantismo da reflexão de Arendt ainda mais evidente, o cerne de sua questão poderia ainda não ser percebido. No caso de Eichmann, por exemplo, a espetacularização midiática poderia voltar os olhares para a condenação de indivíduos, atendendo um anseio público de uma falsa resolução, ignorando a necessidade de revisão das bases estruturais para uma verdadeira transformação dos meios burocráticos que tornaram o frívolo das ações. Nesse caminho, a escritora mostra em sua perspectiva que para superação da manutenção do mal, seria necessário sair de sua superficialidade, analisando criticamente a estrutura, a história e a filosofia fundamentadoras, seria, nas palavras da autora, indagar a Eichmann: “[...] ‘Por que os judeus?’ e ‘Por que os alemães?’, ‘Qual o papel das outras nações?’ e ‘Até que ponto vai a responsabilidade dos aliados?’” (ARENDDT, 1999, p. 15).

Talvez devido tal complexidade desencadeante do subjetivo das perguntas, ou pela aparente objetividade das respostas, ao tratarmos do mal, percebemos sua presença em diversos períodos da História. Para além das pesquisas médicas dadas a tortura em Auschwitz, podemos

citar os testes científicos racistas que perduraram ainda na década de 70 em Tuskegee, nos Estados Unidos, onde não foram tratados 400 homens negros infectados com sífilis, acarretando a morte de 100 deles, somente para análise do “desenvolvimento natural” da doença (TEIXEIRA, 2014). Poderia pensar também na escravidão negreira em escala industrial, tráfico humano legitimado tanto pela Coroa quanto pela Igreja Católica, visto por alguns historiadores como o maior genocídio registrado na civilização humana. Ou no militarismo da atual guerra que assola o leste europeu em nome da defesa de recursos e “bem-estar” de determinadas nações. Logo, seja em nome da ciência, da indústria, do Estado ou da religião, as grandes tragédias da humanidade sempre se construíram a partir de grandes instituições *pseudo* coletivistas e excludentes, por vezes prometendo progresso para fazerem-se presentes. Seria essa a lógica? O constante efeito manada nos removeria a autocrítica?

É provável que não haja resposta, ao menos mecânica ou assertiva, mas Arendt e Milgram nos despertam a necessidade de questionar as lógicas verticalizadas preestabelecidas. Por essa razão, ao tratarmos da plataformização digital, precisamos endereçar a lógica pela qual puderam expandir-se e ganhar legitimidade: o neoliberalismo. Os pesquisadores não foram os únicos abismados com os massacres provocados pela junção do coletivismo com intervenções estatais; as guerras do século XX pareceram exercer sua desconfiança com grandes instituições também na economia. O neoliberalismo ganha assim destaque especialmente nas décadas de 70 e 80, como uma terceira via entre o “anárquico” liberalismo clássico e a “opressora” economia planificada; se os ativistas queriam liberdade para garantir seus direitos civis de existir, muitas empresas tinham interesse no livre mercado, aumento de privatizações e abandono de determinadas regulamentações. Em paralelo, as evoluções cibernéticas promoviam ainda mais a noção de liberdade, na expectativa de democratização do conhecimento e conexão global, acabando com a divisão dos pólos soviético e estadunidense, entendidos como únicos modelos possíveis para a garantia da paz.

Após a comoção e expansão, sucederam as crises para a população; as poucas seguranças se liquidificaram, enquanto os direitos civis conquistados ficaram desprotegidos caso desinteressantes ao capital. Todavia, mesmo “cansado” para a maioria, o novo ciclo nunca estaria tão bem estruturado e enraizado, agora, não mais controlado por aristocracias ao redor do mundo, mas unificado em uma elite minoritária “livre da política”, entre a “nuvem” e o Vale do Silício, como analisadas anteriormente. Paradoxalmente, aquele que quebrava verticalizações se sobreporia sobre todas as instituições enfraquecidas: a compulsória “autonomia” e “neutralidade” dos ideais econômicos libertários, precisando, como Arendt assinalava, ser interrogada.

O cerne do apogeu neoliberal tem, dentre outros aspectos, a problemática da padronização de uma liberdade comum para proteção incondicional da propriedade privada, ignorando as peculiaridades individuais e, principalmente, o materialismo histórico e análise social crítica que, supostamente, deveriam estar incorporados à Política. Tal ocorrência já chama a atenção de diversos especialistas, como é o caso da Latesfip (Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise) da Universidade de São Paulo:

A escolha em abordar o neoliberalismo não apenas como modelo socioeconômico, mas também como gestor do sofrimento psíquico se impôs a nós como resultado da natureza disciplinar de seu discurso, no qual categorias morais e psicológicas são constantemente utilizadas como pressupostos da ação econômica. Ações econômicas são justificadas nem sempre devido à sua eficácia propriamente econômica na produção e circulação de riquezas, mas devido à sua pretensa justiça moral na realização social de liberdade – conceito esse de liberdade, como veremos, assentado na generalização irrestrita da forma-propriedade e que encontra suas raízes na noção liberal de liberdade como propriedade de si. [...]. Nesse sentido, a noção de “gestor” do sofrimento psíquico ganha importância em dois sentidos, a saber, como aquele que gera e aquele que gerencia. Pois o sofrimento psíquico é não apenas produzido, mas também gerido pelo neoliberalismo. Por isso, cabe compreender o neoliberalismo como uma forma de vida nos campos do trabalho, da linguagem e do desejo (SAFATLE; SILVA JÚNIOR; DUNKER, 2021, p. 9-10).

A partir dessa percepção mais ampla do neoliberalismo, poderíamos retomar a Arendt, refletindo se os malefícios cotidianos, tanto em sua virtualidade quanto em sua corporeidade, são cometidos somente em fragmentos parcelados por cidadãos comuns, ou se haveria um agente, máquina ou “gerador/gestor” que legitimaria e articularia um sistema peçonhento e, por vezes, fatal. Uma vez que tal lógica da libertação, é também da responsabilização e fragmentação, a dor, a fome, a feiura, a doença, a ignorância, a fragilidade, o desemprego e o fracasso são imputados ao sujeito, pois no mercado já existe uma “solução” ou alternativa cabível para seus problemas, ou para uma busca incessante de uma melhor versão de si.

Tal lógica, poderia perpassar, talvez, a necessidade de belas moças, em seu psiquismo, precisam sempre de mais beleza, com filtros, produtos, cirurgias plásticas e, conseqüentemente, transtornos alimentares ou de imagem; ou a necessidade de jovens rapazes serem cada vez mais eficientes e heróicos, trabalhando mais horas, tendo mais empregos, titulações, e, conseqüentemente, crises de ansiedade, casos que estarão presentes na discussão de casos num futuro capítulo. Desse modo, de fato, o neoliberalismo não seria uma política econômica apenas, mas uma lógica doutrinária que tem como estratégia a mercantilização das emoções.

É válido explicitar que o mundo digital se organiza em período paralelo ao retorno das correntes libertárias ao poder. Sendo atualmente notória as benesses usufruídas pelas

plataformas digitais em meio a desregulamentação estatal e livre circulação de conteúdos na internet. Prova disso, é o atual Projeto de Lei 2630/2020, também conhecido como “PL das Fake News”, que tramita atualmente pelo congresso, recebendo bastante repercussão midiática e boicotes, tanto de grupos de extrema direita, quanto das próprias plataformas. O Google foi acusado de alterar suas páginas de busca sobre o projeto de lei para sites contrários à proposta, assim como a Meta (responsável por *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*) no engajamento de suas publicações, tendo como consequência a notificação por parte do Ministério Público Federal, citando a reportagem da revista Folha de São Paulo e dos estudos realizados pelo NetLab da UFRJ, acusados de violar os direitos referentes à informação, à transparência e a à cidadania. (MELO, 2023).

3.6 Saúde Mental Perante à Falsa Objetividade Neoliberal

Não é por acaso que a ascensão do neoliberalismo nos anos 1970 tenha sido acompanhada pela reformulação brutal da gramática do sofrimento psíquico através da hegemonia do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, em sua terceira edição (DSM-III). Há relações profundas entre os experimentos de engenharia social do neoliberalismo e a reconstrução das estruturas categoriais clínicas, reconstrução que se expressa, principalmente, com o apagamento das neuroses, com a hegemonia da depressão, com a redução da psicose à forma unitária de esquizofrenia, com a consolidação dos transtornos *borderline* e, finalmente, com a substituição da clínica tradicional, restrita ao tratamento de doenças pela lógica do *enhacement*, que começa a explorar cada vez mais os fármacos, inicialmente concebidos para o sofrimento psíquico, em um novo objetivo, aquele da potencialização de performances no trabalho (SAFATLE; SILVA JÚNIOR; DUNKER, 2021, p. 10).

Ao tratarmos da subjetividade humana, hoje enquadrada e associada ao crescente “tema” da Saúde Mental, uma tendência que delimita e explicita a preocupação com o bem-estar. Torna-se indispensável a participação dos estudos da Psicologia e da Psicanálise que, atualmente, como no supracitado, têm apresentado muitos profissionais preocupados com problemáticas como: o excesso de medicalização de sentimentos e sensações comuns da existência humana, e a correlata patologização da vida, com diagnósticos cada vez mais frequentes de transtornos de humor, atenção e personalidade. Isto nos aponta que, de antemão, para a identificação de uma “subjetividade adoecida”, deve-se entender que sua nomeação, reconhecimento e formato dependem de um sistema de valores sociais externos. Será a ideologia hegemonicamente vigente que definirá as bases do que é sofrimento clínico e suas expressões a serem validadas

ou silenciadas, por exemplo, ou do que seria loucura e normatividade, como explicitava Foucault em muitas de suas obras como a célebre *História da Loucura* (1978).

Em uma cultura positiva e positivista, aquilo que escapa a ideação de perfeição e norma, é, no mínimo, perigoso ou vexatório. Ao longo dos tempos as feridas e divergências da existência humana passaram por repressões, assim como “a loucura estivera ligada ao Mal, mas sob a forma de transcendências imaginárias: doravante, ela se comunica com ele pelas vias mais secretas das escolhas individuais e das más intenções” (FOUCAULT, 1997[1961], p. 137).

Evidentemente, para além de crises e sobrecargas comuns a diversas, senão todas, as épocas, nota-se que instâncias como trabalho e consumo, a partir da “proximidade” oriunda da tecnologia digital, ganharam novas dimensões em meio ao cotidiano, em laços cada vez mais estreitos não apenas com a subjetividade coletiva, mas até mesmo com o íntimo de nossos corpos. Logo, o fixado socialmente hoje tem capacidade de atravessamento em camadas que interagem até com nossa microbiologia, podendo levantar questões sobre a obsolescência de nossos corpos e mentes, dado o sistema de avanços estruturais vigente e os debates sobre pós humanismo, quiçá, o que delega a nossa subjetivação que se constrói a partir da linguagem estabelecida por tais novas métricas. Invariavelmente, a imaterialidade é também um subproduto do meio e sua política como aponta Sibilía (2004) em *O Corpo obsoleto e as tiranias do upgrade*.

Nessa perspectiva, os especialistas apontam para o fato de o manejo da subjetividade estar enquadrado na lógica neoliberal, não ao que concerne somente a sanções e imputações políticas, mas a um ideário pautado na premissa de liberais clássicos como Stuart Mill, um dos pais do utilitarismo, que partem de perspectivas morais, não econômicas. A exemplo, a redução da felicidade como máximo do prazer e mínimo do desprazer. Entretanto, seguindo esse raciocínio, uma vez que o sofrimento atrapalha o produtivismo do trabalhador, não deveria ser o mesmo descartado? Não se puder ser extraído também o máximo de gozo e lucro de sua dor, extraindo capital do cansaço exponencial, repondo com fármacos e produtos ainda mais velozes e, ao que concerne os dados de saúde mental, pouco eficazes para a garantia do bem-estar. Trata-se de uma lógica aparentemente objetiva, mas que depende de um caráter subjetivo, performativo, presente na regulação de ideias e identidades, e manipulações do desejo, por isso intimamente ligada à noção de sofrimento contemporâneo. (SAFATLE; SILVA JÚNIOR; DUNKER, 2021).

Apartados os conflitos existenciais, o modelo vigente parece ignorar que nem todos os sintomas provocam sofrimento e que nem todo o sofrimento é, necessariamente, um sintoma, justamente por ser oriundo de um pragmatismo que universaliza o modelo empresa também à mente humana e as instituições estatais, construindo-se assim uma cultura que também corrói a

política. Safatle (2021) aponta para uma falsa aparição da política econômica como símbolo de “austeridade”, um termo não da política ou economia, mas da filosofia moral, explicitando ainda mais a não neutralidade de sua proposta. Exemplificado em textos clássicos liberais que atestam o “desejo de riqueza” como geral, racional e humano, como premissas naturais e basais de toda sua edificação teórica. Tal fato, daria origem ao que se intitula como uma “economia moral”, que desvirtua a política como espaço de deliberação e decisão para o bem comum, dando-lhe um caráter familiar, no qual os críticos seriam reduzidos a patologias, cabendo à população uma política de subordinação àquilo que pouco dialoga com o coletivo, mas sim com proposições morais e, conseqüentemente, absolutamente subjetivas e simbólicas.

A polarização política nacional, dado o nível de acesso à informação e conhecimento técnico da população brasileira, ocorre, em grande parte, a partir de identificações de caráter moral e subjetivo, explicitadas em sua linguagem e simbolismos, fomentando culturalmente ainda mais este elemento “espetacular” ou “moralista”. A exemplo, poderíamos ter o *slogan* da campanha de Jair Bolsonaro, *Deus acima de tudo. Brasil acima de todos*, semelhante ao de Adolf Hitler: *Deutschland über alles* (Alemanha acima de tudo) (AZEVEDO; CAVALCANTI, 2022). Acima do que exatamente? Do mal? Do outro? Do subjetivo alheio? Aliada, além disso, a clara menção a moral religiosa, distante da conduta política, em um país extenso, diverso e laico.

O ato de sobrepor-se também poderia fazer luz a uma defesa. Não obstante, novamente, de quem ou o que? A resposta pode levar a algo inexistente, mas abre questões tanto sobre o poder foucaultiano, quanto sobre a *Cultura do Medo* (1999), popularizada pelo sociólogo Barry Glassner, a partir dos estudos de Frank Furedi. Foucault indica que a economia se apresenta necessária a partir de fundamentos que atestam a escassez, em que a fuga da morte, fome, doença ou outro malefício podem ser evitados a partir de uma proteção ou interferência de um agente superior, nesse caso a instituição detentora do poder político econômico. Por isso, para o filósofo, o “*homo economicus*”, esta figura narrada ao mesmo tempo como hiper racional e hedônica, não estaria de fato em nenhum papel de autonomia e satisfação, mas como um ser que passa e entrega sua vida tentando escapar, ironicamente, de sua morte e eventual finitude (FOUCAULT, 1978, p. 296).

Em paralelo, a cultura do medo trata justamente sobre a articulação por parte do poder público para provocar nas massas a sensação de perigo iminente. Tal aspecto seria determinante para grandes empreitadas políticas, em que parte de uma nação poderia, por exemplo, aderir ao militarismo e à guerra, legitimando ações insensatas que não condizem com o bem dos coletivos. Este fato seria apresentado muitas vezes na História, como na Alemanha nazista da

Segunda Grande Guerra, como na tortura e censura vivadas nas ditaduras da América Latina, e financiamentos bélicos norte-americanos, que, de fato, dialogam muito mais com uma falácia que busca explorar um medo imaginário como real, para interesse próprio, do que com a segurança pública. Desdobrando-se também em outros campos da cultura como no campo do trabalho e da mídia. O sociólogo ainda ressalta o paradoxo desta prática ignorar problemas complexos, como o fato da disparidade entre ricos e pobres matar muito mais que assassinatos ou câncer, mesmo não ganhando o mesmo nível de divulgação, lembrando ainda que, na trajetória humana sabida, vivemos em um dos períodos mais seguros, mas cercado por medos agonizantes (GLASSNER, 1999).

A partir dessa reflexão podemos transladar sobre a possível “sobreposição” do slogan de Jair Bolsonaro. No entanto, o que busca ser evidenciado aqui, para finalidade desta pesquisa, é a transposição desta lógica, em que não a segurança, mas um falso pleito de estabilidade econômica, estão sendo preconizados, a partir não da construção de um inimigo comum, mas da deterioração da autoestima e validação emocional, dentre outros aspectos subjetivos, da população. Por isso, a própria proposição de crise econômica esbarra no discurso do medo, escassez e morte, sendo sua não contestação dada como “irracional”. Como se o constructo do termo “crise”, mesmo que de caráter econômico, não esbarrasse em um relativismo sobre abundância e escassez, mas em uma objetividade. Contrariamente, um economista alemão afirmou sobre pobreza relativa e absoluta:

O samoiedo, com seu óleo de fígado de bacalhau e peixes rançosos, não é pobre porque na sua sociedade fechada todos têm as mesmas necessidades. Mas num Estado que avança, que no decorrer de mais ou menos uma década aumenta sua produção total relativamente à sociedade em um terço, o trabalhador que antes ou depois destes dez anos ganha a mesma quantia, não ficou tão abastado quanto antes, mas tornou-se um terço mais carente (MARX, 2007, p. 31).

Sumarizando, entoa-se o neoliberalismo em seu caráter extremamente regulatório, distante da ilusão de um neoliberalismo neutro ou solidário com pouca intervenção estatal. Seu caráter arbitrário e intervencionista se manifesta nas inúmeras ingerências na estrutura psíquica, moral e subjetiva dos indivíduos, a partir de suas ações diretas para provocação ou apagamento de conflitos sociais. Esta pode ser percebida nos algoritmos do Instagram, ilustrando o capitalismo digital, mas também pode ser vista em outras instâncias, dado o seu poderio cultural. Por exemplo, há extensos estudos sobre os malefícios da reestruturação da educação no Brasil e no mundo a partir do prisma neoliberal. Suas movimentações produziram um ensino excludente, autoritário, distante das demandas de emancipação intelectual humanas, à serviço do

clientelismo e das demandas mercadológicas do mundo do trabalho, gerando uma “mcdonização” da escola cada vez mais prática e superficial (GENTILI, 1996).

Logo, se a partir da insurgência de depressão, dentre outros transtornos, na juventude nacional e global, mencionados ao longo deste trabalho, não se poderia esquecer do mundo da educação em que estes infantes estão inseridos, ou das novas configurações laborais, familiares e políticas que estão experienciando. A subjetividade tem tamanha complexidade, pois é produzida a partir de paradigmas e elementos de diversas naturezas, inclusive objetiva. Entende-se assim o neoliberalismo como *psicologização*, uma pedagogia cultural que atravessa múltiplos campos, atuando como um dirigente simbólico, em uma época que tem como marca exacerbada o mal-estar psíquico; a culpa sem História (LIMA, 2019).

3.7 “Mais Rápido, Empreendedor”: Discurso Meritocrático e Desamparo Político

Atrás somente do Japão, o Brasil é o segundo país com o maior índice de estresse relacionado ao trabalho no mundo, acometendo mais de 30% da população com a, nomeada atualmente como, Síndrome de *Burnout* ou Síndrome do Esgotamento Profissional (QUINTANILHA, 2022). Tal notícia poderia chocar muitos que entendem o “país do futebol” como uma terra de alegria, diversidade e descontração graças ao seu clima tropical, todavia, nas palavras do psicanalista e professor titular da Universidade de São Paulo, Christian Dunker, em entrevista para o jornal *Outras Palavras*, quando abordado sobre o tema explicou:

Você tem uma narrativa ascendente dizendo que isto (sofrimento) não está acontecendo. Por trás dessa narrativa tem: manejos, gerenciamentos, gestões, síndicos que se especializaram em produzir artificial e metodologicamente mais sofrimento; técnicas de gestão que são, do ponto de vista da Saúde Mental, criminosas.

Provavelmente daqui 50 anos diremos, não faça ‘isso’; isso causa depressão, ansiedade. Mas que hoje nos habituamos; ‘faz parte do pacote’ (OUTRAS PALAVRAS, 2023).

Entende-se, à luz dessa lógica, o design psicológico discursivo implementado pelo firmamento do capitalismo digital e sua lógica neoliberal na tessitura social. Sendo as relações de trabalho e consumo, agora cada vez mais atravessados pelas plataformas, um perfeito exemplo desta insurgência, a partir da adoção de valores subjetivos no comércio e no labor. No mundo do marketing, John Markoff, definiu a comunicação interna como primordial para um bom negócio, na década de 1980, pois saem somente do efetivo e direcionam ao *afetivo*, evitando sindicalismos externos e reafirmando os bons feitos da empresa (ROTTER, 2018). Talvez pelo adoecimento dos funcionários, ou pelas estatísticas produtivas, desenvolveu-se daí a cultura laboral de “vestir a camisa”. Uma empresa bem-sucedida passa a ser uma empresa que

adota uma “missão, visão e valores”, conceito difundido pelo consultor administrativo Peter Drucker (LIMA, 2012).

“Funcionário com pensamento de chefia”, “empresa como família”, são emblemas comuns em páginas digitais, palestras de Recursos Humanos e livros de empreendedorismo, formando o que críticos como a pós-doutora Isleide Fontenelle entendem como uma “nova organização da ilusão”. Analisa-se um perfil comum de funcionário que não só deve ser sugado até ser substituído, mas que deve se sentir um *colaborador* agraciado pela sorte de fugir do exército de reserva, do desemprego ou subemprego. Atrás destas técnicas de exploração, gerasse mais sofrimento, com a ilusão de que sua exaustão é fruto da sua incapacidade de manejar o que o mercado exige hoje. Um substrato de uma lógica de refinamento presente nas últimas décadas de substituição do “valor-trabalho”, pelo “valor-experiência” (FONTENELLE, 2005).

Há inúmeras dessas cruezas no mundo do marketing que parecem unir, consumo e afeto, subjetividade e vínculos hierárquicos, para o disfarce de estruturas não só no ambiente interno, mas fortemente para o ambiente externo, o discurso de humanização de uma estrutura que foge da vida humana de seus envolvidos, recaindo invariavelmente na frieza dos lucros e da burocracia. Poderíamos citar aqui as *lovemarks*, marcas aclamadas como ídolos, a ponto de não objetivarem e possuírem mais consumidores, mas fãs (ROBERTS, 2005). Ou o “marketing emocional”, pautado na ideia de suscitar apelo afetivo com os consumidores para maior pregnância e número de vendas. (RYTEL, 2010). São conjuntos de técnicas pautadas na fidelidade, bem-estar, dentre outros aspectos de origem subjetiva, imaterial e íntima, agora imersos em tentativas manipulatórias de persuasão que, em nada, se preocupam sentimentos, desejos e abstrações a longo prazo.

Podem ser suscitadas pelo menos três fenômenos que resultaram nesse embaçamento das delimitações entre identidade e superestrutura. A primeira, o desenvolvimento da Psicologia Behaviorista, que buscava para além de outros propósitos, satisfazer investimentos industriais e bélicos no início do século XX nos Estados Unidos. O desenvolvimento de uma ciência que objetiva a maior previsibilidade e controle possíveis sob as mentes. Um medo para Arendt e a solução para todos os problemas da humanidade para muitos pesquisadores. (CARRARA, 1998).

Um segundo, já característico do universo mercantil, surge com Walt Disney, pioneiro nas performances de persuasão emocional no comércio, como tratado por Alan Bryman, como a disseminação de técnicas oriundas dos seus parques de diversão: a tematização das empresas, isto é uma sapataria não é mais uma sapataria, mas uma experiência em torno de um assunto

específico; o merchandising, após envolvimento emocional, produtos da marca se fazem presentes no ponto de venda ou em mídias de forma implícita; a diversificação das ofertas de consumo, ou seja, a loja não vende apenas “roupas da Cinderela”, mas chaveiros, itens de banho, material escolar, brinquedos, objetos de casa, dentre muitos outros itens possíveis com o mote da princesa; e, por fim, o trato afetivo e cordial entre funcionários e clientes, isto é, não ser somente eficiente, mas principalmente gentil (BRYMAN, 2004).

Tal fato, por outro lado, seria alvo de críticos culturais como Henry Giroux, que sublinharam uma “disneyzação da cultura”, na qual, no mundo ocidental, tornou-se impossível ir até uma barbearia ou hamburgueria que não tenha sido tornado em um parque de diversões temático que proporcionam não consumo, mas experiência (GIROUX, 1995). Análoga à crítica supracitada da “mcdonização da educação”. Um fenômeno no qual a cultura impregna-se voltada ao consumo, devendo ser alimentada para gerar mais mercado consumidor, não melhoria social.

Em um terceiro, e importante ponto, temos a plataformização. Como supracitada no subcapítulo anterior, misturando, em suas redes sociais, o que é, aparente e inofensivamente, um espaço de socialização, com conteúdo e informações de dados pagos por companhias para aumento de suas vendas. As profundas alterações na neuroplasticidade humana, garantidas justamente graças àqueles iniciais investimentos do behaviorismo, é relacionada por cientistas como possível causadora de mais sofrimento, com efeitos em atenção, memória e humor. Seja através do vício por químicos produzidos pela mente durante sua exposição, que garantem a captação da atenção, favorecendo o poderio da rede, ou a partir do direcionamento do telespectador a conteúdos de tristeza ou estresse, para maior probabilidade de consumo posterior (MF PRESS GLOBAL, 2021).

A partir desse ângulo, de um mundo que clama “sorria, você está sendo filmado”, o que esse sintoma interacional de apropriação do nosso subjetivo pode prometer? Aparentemente, como delineado até o momento, camadas cada vez mais profundas, e abafadas pelo próprio sistema, de adoecimento. Para estudiosos como Michael Sandel, o fim da democracia, em que a fé tecnocrata haveria deixado um falso ideário na política. Não mais como “direita e esquerda”, mas abertos e fechados à modernidade econômica, “ignorantes tribais” e “gênios globais”. A partir da internalização do capitalismo como sinônimo de racionalidade científica, em que o modelo empresa torna-se a forma de organização, como mencionado sobre as considerações ao neoliberalismo. Tendo como resultado, uma hierarquia social cada vez mais estratificada, a partir de um único importante elemento, *A Tirania do Mérito* (2022), título de sua obra mais recente.

Sandel expõe que a globalização aumentou desigualdades, dado o predatismo entre nações que se estruturam a partir de seu passado colonialista. Mesmo assim, gerou esforços para desenvolver a “retórica da ascensão” (2022, p.34), um modelo não humanizado, mas pautado em uma ideologia da exceção, como uma mística roda da fortuna, no qual poder-se-ia ir dos trapos à riqueza. Um aperfeiçoamento político universalizado de ordem pseudo objetiva, agora transposto ao ser humano como um alicerce ético. Logo, entende-se que, se de fato há ética meritocrática, há bases iguais entre os competidores, o que podemos perceber com diversos exemplos de empresários, que se intitulam construtores de grandes fortunas como Elon Musk e Donald Trump, já procediam de uma família abastada, impedindo a veracidade da narrativa do *self made man*.

No entanto, se fosse atingível uma igual linha de partida em um mundo ideal, a ética meritocrática seria também errada. Afinal, ser nascido “talentoso”, “inteligente” ou “belo” depende exclusivamente de ações individuais? Está sob nosso controle também? Levando em consideração que “o belo” ou “talentoso” só existe a partir de determinados parâmetros desta cultura, a resposta seria: “não, não está”. Não há dissecação laboratorial que consiste num elemento “só esforço”, trata-se de uma implementação objetiva que tenta imputar sua lógica sob a subjetividade. Para isso, destruindo qualquer ideia cultural de solidariedade e coletivismo, restrita somente à caridade optativa. Pois, o que se propõe é a ilusão de desejados poder e controle totais, pautado ou embelezado em um conceito irreal de liberdade para adesão da população, mas simplesmente inexistente (SANDEL, 2022, p. 37-8).

O fruto dessa dialética é uma “política da humilhação”, que prevê culpa aos menos abastados, preguiçosos e/ou incompetentes, e mérito aos mais abastados, prometidos ou talentosos (SANDEL, 2022, p.38). Em uma sociedade do espetáculo, como a *instagramável*, percebemos a ideia de Guy Debord (1967), em diversas esferas da estética do sucesso. Extingue-se a vulnerabilidade, critica-se, ou pior, oculta-se, o erro. Vê-se como inveja e ressentimento o que é na verdade crítica à injustiça das estruturas. Idolatrado sempre o que é falseado, pois nem a liberdade, nem o mérito, nem a perfeição enquadrada numa cena de sucesso são de fato exequíveis. É desta ideologia que está se tratando, da divisão entre mérito e moral. Em que mérito se torna a exclusividade técnica ou resultados objetivos e palpáveis ansiados pelo capitalismo.

Os afortunados raramente se contentam com o fato de serem afortunados. Além disso, necessitam saber que têm o direito à sua boa sorte. Desejam ser convencidos de que a “merecem” e, acima de tudo, que a merecem em comparação aos outros. Desejam acreditar que ao menos afortunados também estão recebendo o que merecem (WEBER, 1982, p. 314).

É fato que o mérito não é ruim, contratar o “mais qualificado” além de eficaz, reivindica um senso de justiça. O problema vem com a infidelidade do que de fato é, determinada também por fatores precedentes e externos. Tal distorção parte de interesses mercantis, mas também da subjetividade coletiva, aparentemente vinculada a uma emocionalidade de justiça divina. Max Weber, como no fragmento acima, por vezes relacionou a teologia bíblica, em seu traço causalidade e inclinação a julgamentos, apontando, novamente, como a pobreza se tornou sinônimo de apatia, enquanto a riqueza símbolo de trabalho árduo. Neste prisma, um aspecto primordial fornecido pelas religiões abraâmicas é a centralidade do homem e rigor a “má sorte”, que resultam na “salvação e autoajuda” para empoderamento de si. Jackson Lears também trata da ética protestante junto ao espírito do capitalismo e suas desigualdades:

A cultura do controle continua a amparar a versão presunçosa, secular do providencialismo cristão que concebeu a moralidade estadunidense por dois séculos, apesar de agora o idioma predileto ser o *tecnocrático*, em vez do religioso. A arrogância da visão providencial está em sua tendência a santificar o secular; em sua certeza superficial de que não somente somos todos parte de um plano divino — ou “evolucionário” —, mas também que podemos, de fato, ver esse plano em ação nos arranjos sociais e econômicos existentes, até mesmo no resultado das lutas globais de poder (LEARS, 2003, p. 22).

Até culpabilizar problemas de saúde ou elogiar características inerentes ao sujeito pode ser um modo meritocrático de enxergar a vida. Porém, a grande problemática está no detentor das vantagens, aquele de quem se esvai a culpa, isto é, do Estado e seu sistema. Tendo em vista que, por detrás da falsa independência, justifica-se o seu desamparo. Como se nós, como corpo social, dependêssemos da sua figura como contribuintes, devedores e não fossemos consumidores de sua tutela. Freud em *O mal-estar da civilização* (2020), endereçava o pacto social, em linhas gerais, como uma troca, em que se abdica da liberdade de parte de sua subjetivação, por uma segurança junto ao aparato coletivo. Todavia, em um mundo dirigido neoliberalismo ainda há troca, ou apenas extração?

Especialista dele mesmo, empregado dele mesmo, investidor dele mesmo, empresário dele mesmo: a racionalidade neoliberal pressiona o eu a agir sobre ele mesmo no sentido de seu próprio esforço para seguir na competição. Todas as atividades devem se comparar a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custo. A economia se torna uma disciplina pessoal (DARDOT; LAVAL, 2010, p. 412).

Em suma, o modelo empresarial universalizado é uma expressão de violência, fundada na ausência de assistência e correção histórica, sendo sua potencialização a gradual aniquilação do bem comum, ironicamente, em um mundo compreendido por muitos como globalizado e

conectado. Não obstante, é válido ressaltar que esta tendência vigente em nada possui uma característica comum ao ser humano; um “indivíduo egoísta” natural ou historicamente.

“Ubuntu”, palavra existente em idiomas sul-africanos, significa “humanidade para todos”, uma complexa filosofia pautada no “nós” que deixou antropólogos boquiabertos ao ser usada como resposta, por exemplo, por crianças dividindo o prêmio de uma dinâmica ao invés de competir pela mesma. Tais recentes pesquisas de resgate a elementos culturais de sociedades mais coletivistas que, mesmo desapropriadas, excluídas e exterminadas, têm proporcionado verdadeiras aulas de ética, importantíssimas para contestação desse paradigma. (NASCIMENTO, 2014).

3.8 O Dígito e a Verdade? Nihilismo e Linguagem

Depois de tantas críticas objetivas ao sistema, seria pouco coerente não as enlaçar com o cerne subjetivo da questão tratada. Uma sociedade de ideações, sejam elas tecnocratas, farmacológicas, neo libertárias ou religiosas, são, em última instância, uma sociedade que busca uma *verdade*. Esclarecendo, talvez, o caos contemporâneo de um mundo que vive, para alguns estudiosos, sua pós-verdade. Haveria alguma alternativa para um ser que nasce sem respostas? Nesta percepção, iremos evocar alguns pensamentos de Nietzsche, assim como de uma das suas maiores pesquisadoras brasileiras: Viviane Mosé, dentre alguns outros teóricos clássicos, na busca de encarar a subjetividade que atravessa esta estrutura, que não se compreende apenas na cultura ou política, mas na linguagem.

Um primeiro conflito do nosso subjetivo estaria na verdade tão almejada, valorada como um bem etéreo, traduzida nos dias de hoje em uma razão dissecada, dada como norteamento para o social. Nietzsche em suas inúmeras críticas, à ciência, à religião, à cultura e à linguagem, mostrará não só a pretensão das instituições sacrossantas, mas também das demais instituições políticas, e, principalmente, a proximidade de seus equívocos. Ambas, assim como tudo que é ou se intitulou humano, estão circunscritas no que Mosé celebrenemente intitula como a “política da linguagem”, que nos fará retroceder a uma complexa questão filosófica sobre toda edificação da comunicação; o entendimento de que a gramática é fundamentada na fé, não exclusiva da razão, tão pouco sinônimo de verdade (MOSÉ, 2018, p. 67).

Utilizamos artigos, dentro de um sistema de trocas simbólicas, em que *acreditamos* para nos comunicarmos. Sendo assim, a linguagem é nossa maior Política, à base da existência humana, uma constante metáfora. Bastando, como podemos perceber nos tempos de rede, uma apreciação equivocada ou distinta da crença de um dos seus elementos linguísticos, para sua frágil harmonia se desalinhar, gerando grandes conflitos de informação que, por sua vez,

desdobram-se em conflitos de toda e qualquer ordem. Dialogamos assim não com a verdade, mas com a fé, dada a insuficiência da palavra que categoriza o imensurável, a identificação do não idêntico, trazendo identidades e objetos que, conceitualmente, jamais terão linhas por completo estabelecidas (MOSÉ, 2018, p. 33). “Tão exatamente como uma folha nunca é idêntica a uma outra, assim também o conceito de folha foi formado graças ao abandono deliberado destas características individuais, graças ao esquecimento destas características” (NIETZSCHE, 1983).

Seguindo tal lógica, mais que amparados na fé, não na verdade, buscamos e nos movimentamos, incessantemente, por mais fé, acreditando que esta é a verdade; o que jamais poderia ser, tendo em vista a incapacidade e limitações da linguagem supracitadas. As palavras e demais códigos produzem, de fato, conhecimento, discursos explicativos e as criações mais belas e criativas obtidas pelo ser humano, mas seguem, invariavelmente, pequenas diante da complexidade dos fenômenos que nos rondam. Logo, se a verdade é dentro de um discurso religioso, aquilo que é onipotente, onisciente e onipresente, imutável diante do tempo. Ou, dentro de um discurso científico, o fato obtido pela racionalização do resultado da última pesquisa melhor aceita. A “verdade” seria, então, um reducionismo, um frágil e incoerente conjunto discursivo criado pelo homem, nomeado como “deus” ou resultado de laboratório. Um grande falseamento narcísico para Nietzsche, pois ambas dependem e se inscrevem na linguagem, não podendo ser mais que predicacões humanas. A tentativa de deter a verdade, seria tão inverossímil quanto a ideia de se pensar todas as coisas existentes (MOSÉ, 2019).

O que não impede, todavia, a verdade de existir, até mesmo como divindade, mas, se de fato a é, está há anos-luz de nossa linguagem. O que é explicitado em *Genealogia da Moral* (1987), vive-se uma competição de valores, por vezes discursivos, oriundos de circunstâncias históricas, não “supremas”.

Todos os acontecimentos da natureza são, no fundo, inexplicáveis para nós: só podemos, de cada vez, constatar o cenário em que o drama propriamente dito se desenrola. Falamos então de causalidade, quando no fundo só vemos uma sucessão de acontecimentos. Que esta sucessão deve ser sempre produzida numa encenação determinada, é uma crença que muitas vezes se contradiz infinitamente. A lógica não é mais do que a escravatura nos laços da linguagem (NIETZSCHE, 1977, p. 29).

À luz dessa ótica, se a espécie humana de fato objetivasse à verdade, os esforços se voltariam à discussão da morte, do sofrimento, da experiência afetiva, da subjetividade, e não do desenvolvimento de técnicas ou normas morais, as quais não são inferiores, muito menos inúteis, mas, novamente, não são a verdade. Optamos, especialmente na civilização ocidental,

pela objetividade do materialismo, decodificando partes da natureza, orgulhando-nos do domínio conquistado, fazendo dessa conjuntura um projeto pautado no futuro, evolucionista. O que seria compreendido como uma constante negação da vida, na intenção de negar a dor, fugindo e articulando maneiras de aumentar sua previsibilidade e controle (MOSÉ, 2018).

O conflito se inicia a partir da valoração da aparente “verdade”, que muito mais se aproxima por uma tentativa de soberania, a ponto da sua prediletância se sobrepor a própria vida. Uma verdade idealizada como um monumento, tornou-se petrificação que tem sufocado a vida, assim como tudo que não seja esquematizado ou palpável. O que nós seres significadores produzimos seria uma ficção, exteriorização, como o teatro, a dança ou o esporte, assim como esses, não problemática, se não tivesse se intitulado e sacralizando ‘verdade’, passando a funcionar como critério para a própria percepção de realidade. “Quem sente que está ‘de posse da verdade’, a quantas posses não tem de renunciar, para salvaguardar esta sensação. O que não lança fora para manter-se “em cima”, isto é, acima dos outros que carecem de ‘verdade” (NIETZSCHE, 2012, p.13).

A vida, entendida como alijada junto às artes e o subjetivo, é, por sua vez, expansão, movimento, aquilo que muda. Heráclito compreende isso ao constatar que “ninguém se banha duas vezes nas águas do mesmo rio”, não só pela mudança da água, mas pela mudança, mesmo que imperceptível, daquele que nela entrou. Assim como, Stephen Hawking abarca isso ao usar a Lei de Hubble, um fenômeno de expansão, em seus estudos. Não só nas galáxias, não só no envelhecimento, mas no tempo, percebemos que a vida é, como intitulado por Nietzsche, aquilo que supera a si mesma, uma vontade de potência. Enquanto a verdade, hoje reduzida a palavras, ilusão. O niilismo, dessa forma, é a negação dessa vida, força animada, em nome de outra entidade, vazia, tendo sua base na linguagem.

Nessa força de transformação, a vida é também mais que imponderável, implacável. Isto é, para Nietzsche, aclamado na História somente em um período curto entre os gregos antigos, com a criação do teatro, a exteriorização representativa, canalizando a potência das diversas forças que compõem a vida, mais especificamente, no modelo da tragédia grega. O trágico é, em sua narrativa, o mal que não pode ser evitado pela sua vítima, análogo ao sofrimento que a vida também traz e possui. O que é destronado para o filósofo com o poeta clássico Eurípedes, que com a emblemática personagem Medéia, que tira a vida dos filhos por ciúmes. Nessa passagem, com a culpabilização de um objeto exterior, se desvirtuaria a dor, angústia e descontrole como inerentes à existência para uma simbolização individual; o sofrimento comum passaria pela “psicologização da dor”, anunciando as mudanças de pensamento da

época, do “eu”, da interioridade e identidade, com a chegada de filósofos como Sócrates e Platão.

A equação Razão=Virtude=Felicidade diz meramente o seguinte: é preciso imitar Sócrates e estabelecer permanentemente *uma luz diurna* contra os apetites obscuros - a luz diurna da razão. É preciso ser prudente, claro, luminoso a qualquer preço: toda e qualquer concessão aos instintos, ao inconsciente, conduz para *baixo* (NIETZSCHE, 2000, p.10).

Iniciar-se-ia também deste período, a mencionada supervalorização da “verdade” raiz para o individualismo contemporâneo, que Nietzsche associaria com fontes no idealismo platônico, no cristianismo e na ciência moderna. De Platão, o “mundo das ideias” elevaria a verdade a um outro plano, repleto de modelos superiores, subjugando o terreno e a vida, inventando e, paradoxalmente, findando, a felicidade como algo futuro. Na mesma linha, influenciada por esses parâmetros, seguiria a Igreja durante a Idade Média, negligenciando o bem-comum em prol de uma promessa pós vida, novamente como sinônimo de verdade. No entanto, a égide dessa lógica se intensificaria com o método científico de Descartes, “o penso, logo existo”; a ciência, que mesmo refutando a si mesma constantemente, como uma verdade incontroversa, pautada na racionalização total da vida, em que o pensamento se torna sinônimo da existência, em uma ação causal tendo o indivíduo como centro.

Se decomponho o processo que está expresso na proposição “eu penso”, obtenho uma série de afirmações temerárias [...] - por exemplo que sou *eu* que pensa, que tem haver necessariamente um algo que pensa, que pensar é atividade e efeito de um ser que é pensado como causa, que existe um “eu”, e finalmente que já está estabelecido o que designar como pensar - que eu *sei* o que é pensar (NIETZSCHE, 1977, p.113). Um equívoco reducionista como máxima se instalaria no modelo descartiano, uma vez que o “eu”, precede raciocínios, a matéria, precede a razão, e os pensamentos não necessariamente seriam produtos do próprio homem, aparecem quando entendem e quase nunca estão em seu domínio; se assim fosse, não haveria insônia ou atos falhos, apenas o poder pleno da mente sobre corpo. No entanto, é justamente este anseio que tomará o coletivo para Nietzsche, a negação da vida, das emoções, da arte, e, especialmente, da corporeidade, muito antes da acusada internet (MOSÉ, 2018). Estabelece-se na cultura uma ideia de “bom, belo e verdadeiro” imutável, não o resultado de um campo de forças, ou a resposta de uma pergunta com um enquadro, mas a ciência como uma “verdade” indubitável e eterna. Uma guia, mesmo com a própria redirecionando-se a novos paradigmas constantemente. Assim como, poderíamos inferir a posição dada ao digital e ao neoliberalismo questionados neste capítulo, frutos do ideário dessa ciência, herdeiros de sua

atmosfera, junto ao aparato industrial, burocrático, coercitivo, consumista, capitalista e supremacista do interesse econômico à disposição da tecnocracia atual.

O resultado dessa rota desembocaria em um mundo que prefere rotular tipos de árvores, em vez de apreciá-las, que pleitearia, após destruídas, que “salvemos a natureza”, como um pedido de misericórdia, esquecendo que nós somos a natureza. Trata-se de uma cultura de cegueira e hipocrisia que tornaria escolas, locais emburrecedores, hospitais, locais adoecedores, igrejas sem fé, delegacias sem segurança, famílias sem acolhimento. Pois toda a instituição funcionaria a serviço do conceito da palavra, de um sugerido modelo ideal, tão valorizado a ponto de se tornar niilista, termos maiores que a própria importância da vida; de sucesso e felicidade, de homem e mulher, ordem e progresso, etnia e cultura, que enrijece e divide, sufocando a flexibilidade para as mudanças da vida, uma entidade, evidentemente, viva.

Eis o que me custa e nunca deixa de me custar os maiores esforços, compreender que importa mais saber como se chamam as coisas do que o que elas são. [...] Que loucura não seria pretender que basta denunciar esta origem, este véu nebuloso do delírio para reduzir ao nada o mundo tido como essencial, aquilo que se chama realidade! Mas não esqueçamos isto: basta criar novos nomes, apreciações, novas verossimilhanças para criar com o tempo, novas coisas (NIETZSCHE, 2000, p. 58).

Contudo, o aparente radicalismo de Nietzsche deve-se muito mais pela sua crítica sugestiva estar em contramão a toda propositura de seu tempo, a qual, até hoje, ainda não é muito bem recebida. Apesar disso, o filósofo não buscou o extermínio da palavra, das instituições, normas, ou recusa a remédios, soluções técnicas e demais produtos em prol de anarquia. Sua crítica é a uma linguagem que ainda não se reconhece insuficiente e incoerente, que em sua formação para livrar-se do sofrimento inerente, parece apagar a contradição presente em tudo que somos e nos cerca, somente para sustentação de um narcisismo coletivo, podendo traduzir-se, como apontado por Mosé (2019), no declínio da saúde mental no contemporâneo ocidentalizado.

Somos, nesse sentido, mais que seres da linguagem, vivos e virtuais, em constante embate, uma virtualidade que tem no digital apenas sua amplificação, pois como qualquer outra técnica, recurso ou instrumento criado pelo homem, apenas imita a natureza, neste caso, a sua própria. Temos um ser que um dia viajava em telas, palavras e sensações em sua memória, podendo agora replicar o mesmo frente às telas. Isto posto, se a palavra, os códigos e todo o aparato linguístico são capazes de nos distanciar da corporeidade, da vida em sua natureza, seguramente, o avanço das telecomunicações intensificou de maneira astronômica essa fenomenologia, justificando a razão pela qual torna-se impossibilitado dissertar sobre a

subjetividade hodierna analisando somente aspectos socioeconômicos ou estruturais da comunicação presentes nos subcapítulos anteriores, como caracterizados em um problema recente, não como um dilema humano. Fazer isso, seria submeter novamente o emaranhado abstrato e a fé que nos impulsiona à objetividade metodológica vigente.

Nada obstante, pode parecer um contrassenso fazer uso de um autor crítico da academia e da linguagem, do identitarismo e até mesmo da lógica racional que a ampara, dentro de um trabalho científico e acadêmico de Comunicação. Paradoxalmente, é dentro desse escopo que tal ideia poderia gerar alguma forma de sensibilização e mudança. A transformação quista, nesse caso, não prega puro relativismo, mas pede pela não substituição da vida pela ideia, aponta para a necessidade de nos voltarmos para as bases próprias desse campo, desapego-o da identidade a ponto de pensar a si mesmo, rumo a algo mais espectral e menos dual. Outra aparente incoerência, poderia ser o título deste mesmo trabalho evocar uma reflexão platônica, mesmo com seu idealismo clássico criticado como um dos cernes durante o raciocínio de Nietzsche. Isto nos oportuniza explicar que o bom, o belo e o verdadeiro que trataremos no próximo capítulo dizem respeito a um recorte do subjetivo, não uma pretensão desta produção em prescrever alguma forma de essencialismo, uma análise discursiva que poderá enriquecer àqueles que nela encontrarem verdade.

Em resumo, a negligência do valor da vida por outros valores imaginados, na circuitaria identificatória, proporcionou avanços de diversas esferas, produziu especialistas devotos dos mais diferentes deuses. Apesar disso, enquanto apartada de sua autocrítica, produziu exaustão, tanto dos recursos naturais, quanto dos recursos internos da população. A palavra a serviço da racionalização excessiva continuará tropeçando em acidentes, por vezes, irreversíveis. Destas guerras, exclusões e explorações em nome da “verdade”, ordenadas pela frieza do papel seja para um projeto de “desenvolvimento” ou para fixação do indivíduo como tal, resta a necessidade de revisão. Enquanto, produtos se criam, rótulos amarram pessoas e instituições disputam poder, o sofrimento e, principalmente, a subjetividade seguem cada vez mais ignoradas e negligenciadas, compreendidas como delirantes, irracionais ou desnecessárias. Ao passo que a racionalidade:

[...] é o que programa e orienta o conjunto da conduta humana. Há uma lógica tanto nas instituições quanto na conduta dos indivíduos e das relações políticas. Há uma racionalidade mesmo nas formas mais violentas. O mais perigoso na violência é sua racionalidade. É claro que a violência é nela mesma terrível. Mas a violência encontra sua ancoragem mais profunda e extrai sua permanência da forma de racionalidade que utilizamos. Pretendeu-se que, se vivêssemos em um mundo de razão, poderíamos nos livrar da violência. Isso é inteiramente falso. Entre a violência e a racionalidade não há

incompatibilidade. [...] Não é a razão que combato, ele diz, mas o tipo de racionalidade que utilizamos (FOUCAULT, 1979, p. 319).

Essa fenomenologia se relaciona com a desvalorização das Ciências Humanas, com descredibilização das Artes, com silenciamento de culturas tribais, com a depressão na juventude e diversas outras problemáticas. Essa é a riqueza da subjetividade e a necessidade mastodônica em pesquisarmos e estudarmos mais sobre esse emaranhado no campo da Comunicação, da Semiótica, da Linguagem, pois “é este, segundo nos parece, o grande campo político contemporâneo de atuação” (MOSÉ, 2018, p. 198).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

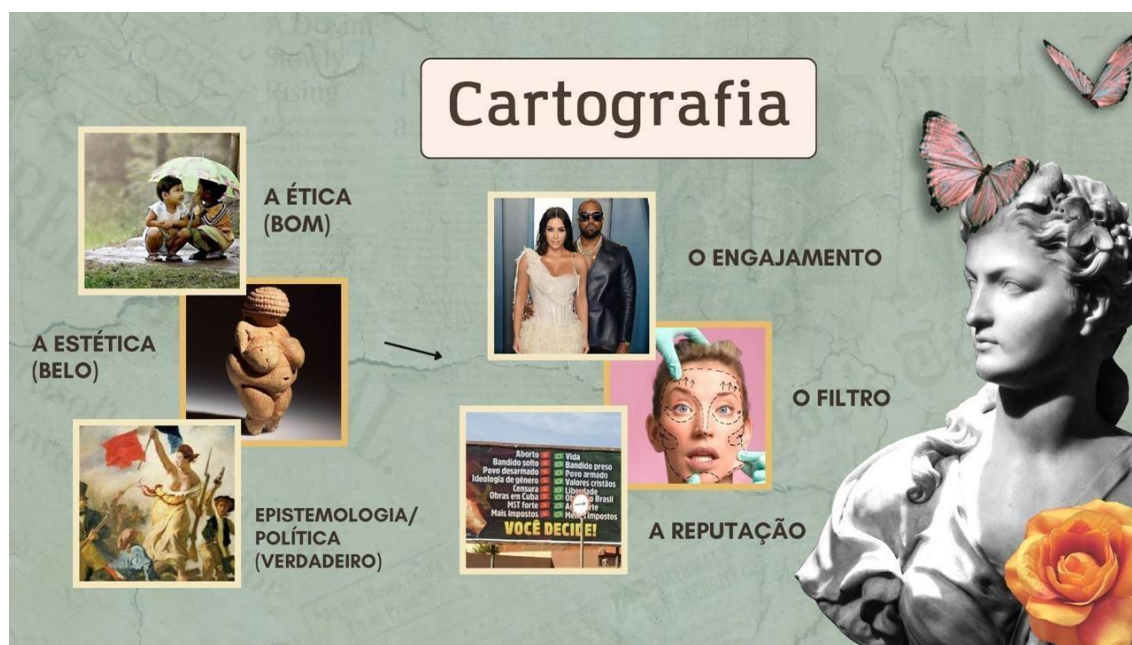


Figura 3 - Cartografia instagramável. Fonte: Hermínio Pessoa Neto (2024).

Iniciamos a nossa trajetória, trazendo a provocação se estaríamos mais felizes ou deprimidos, “bem-sucedidos” ou ansiosos, como sociedade. Como podemos notar, ao percorrermos pelo temerário universo dos juízos de valor para as pesquisas clássicas, há autores que articulam discursos que sustentam múltiplas narrativas, essenciais e relativistas, para diversos caminhos, o que, contudo, não nos impossibilita algumas respostas. Tendo em vista que, ao percorrer pelo universo da ética, da estética e da política, com suas conjecturas de bom e mau, feio e belo, não encontramos o verdadeiro e o falso, mas, percebermos que, por entre todos esses totens, das palavras que adjetivam, que englobam forte poder simbólico, por vezes, petrificados em nossos imaginários, amalgamam-se mais que ideias divinas, mas diversas contingências e moldes pertinente às disputas de poder de nossa atual estrutura, digitalizada e monetária (Figura 3).

Nesse sentido, de uma certeza evolutiva, pudemos nos entrelaçar com as incertezas de um mundo difuso, formulando a pergunta: *De que forma podemos pensar a subjetividade, permeada pela relação entre social e material, ao realizarmos uma análise qualitativa do Instagram, face à História e a partir da Comunicação, em três de suas dimensões básicas (ética, estética e política)?* Logo, em um primeiro capítulo, buscamos os casos para nossa análise, nos instigamos, assim, com os preços altos das mercantilizações emocionais e suas

espetacularizações, trazidas por insurgências da rede social Instagram, as quais parecem fugir da lógica, mesmo que norteadas por um sistema numérico.

Tal ponto nos direcionou ao segundo capítulo, que explicita a reflexão de que, talvez, a promessa tecnológica não tenha resolvido um problema utilitário rumo ao progresso, mas sim, nos apresentado novos problemas. Tal fato só passa a ser vislumbrado ao olharmos para o objeto de pesquisa, a subjetividade face ao sistema, desconfiados a partir dos casos, pois olhando somente para o sistema, nos perderíamos invariavelmente na progressão numérica e “facilitações” das novas inteligências artificiais, sendo necessária a indagação sobre a relação entre material e social. Todavia, notamos que o próprio sistema, seja acadêmico, laboral ou jurídico, mas quase sempre legalista e institucional, nos bloqueia e burocratiza ao cobirmos dar destaque ao subjetivo, pois o mesmo não combina com fixações e ordem, não agradando a resultados claros. Por isso, tentamos nos ilibar de suas passionalidades, a partir de algumas óticas da História e da Filosofia, transladando por possíveis características e comportamentos da então subjetividade contemporânea, traduzida, na presente pesquisa, pelo locus *instagramável*.

Dado o resgate das dimensões não abarcadas da subjetividade junto ao tecido social, emerge a possibilidade de que; caso nos encantemos demais com os espelhos trazidos por essa nova forma de colonialismo, acabemos por esquecer da grandeza imaterial que estamos abdicando, pois, ao nos aventurar pelo universo dos múltiplos objetos e formas de consumo, percebemos que algo não objetivo, mas sim, subjetivo é colocado em jogo. Destarte, em um terceiro capítulo, colidimos com o inseguro desse mundo novo de telas e discussões sobre saúde mental, voltando-nos para os enlaces das suas bases coloniais, isto é, para relação do capitalismo digital com tal subjetivo adoecido, explicitando alguns dos possíveis organizadores desse sistema vigente.

À luz dessa raciocínio, voltamo-nos a supracitada pergunta, trazendo como resposta a possibilidade de, ao olharmos para estética, atentarmo-nos para os filtros da rede e suas formas de produtificação; ao olharmos para ética, atentarmo-nos para os algoritmos e suas expressões de engajamento, e, ao olharmos para política ou epistemocracia ou dadocracia possíveis, atentarmo-nos não só à confiabilidade em notícias falsas, mas no próprio sistema, às grandes corporações de tecnologia, ao capitalismo digital, à economia de dados e às formas de aceleração, apagamento e exploração de recursos subjetivos. Assim, percebe-se como resposta não uma fixação de um subjetivo caótico do Instagram, racista, misógino e capitalista, o que nem ao menos fora almejado, mas o reconhecimento de que tal rede, assim como as demais, têm reestruturado as formas de vida em camadas cada vez mais íntimas, as quais merecem

ciência e gerência dos seus participantes, pois os seus detentores podem em argumentação não doutrinar, mas suas prospecções de liberdade não tem priorizado o bem estar social, mas o lucro, encontrando-se assim associadas às formas de mal estar contemporâneas.

Tem-se assim, como contribuição primária o reforço ao reconhecimento da necessidade de um novo tipo de ativismo:

Além de não submeter-se à institucionalização, o novo tipo de ativismo não restringe o foco de sua luta a uma ampliação de igualdade de direitos, próprio à insurgência macropolítica. Ele a expande micropoliticamente para a afirmação de um outro direito que engloba todos os demais: o direito de existir ou, mais precisamente, o direito à vida em sua essência de potência criadora. Seu alvo é a reapropriação da força vital, frente a sua expropriação pelo regime colonial-capitalístico que a cafetina para dela alimentar-se, levando o desejo a uma entrega cega a seus desígnios - esse é nada mais nada menos que o princípio micropolítico do regime que hoje domina o planeta. A reapropriação do direito à vida é diretamente encarnada em suas ações: é no dia a dia da dramaturgia social que essas ações acontecem, buscando transfigurar seus personagens e a dinâmica de relação entre eles. (ROLNIK, p.19, 2019).

Há, nesse percurso, a percepção da necessidade de mais pesquisas que englobem a categoria subjetiva, aquilo que um dia foi bom, feio ou que pode ser bonito, sem medo, nomeando às violências cotidianas para além da estrutura, às “cafetinagens” propostas pela autora, as quais dizem respeito à violência no orquestramento do nosso desejo, a liberdade para além do imperativo de performance. Sendo este um dos impactos sociais que este trabalho espera ter construído, a cartografia de um imaginário coletivo frente ao digital que deve olhar criticamente os pormenores de seu sistema, voltando-se contra o mesmo, em vez de contra sua própria biologia, pois, a segunda opção não é suscitada no coletivo inofensivamente, mas promete uma forma mais silenciosa e profunda de violência, a que faz como arma o campo da Comunicação, na intenção de redirecionar a cultura.

Nesse contexto, a subjetividade precisa ser olhada para além da Psicologia e Psicanálise, pois atravessa o campo das humanidades, em especial o da Comunicação, lhe dizendo respeito, por estar intimamente ligada às suas ferramentas e disputas por poder. Entretanto, os limites dados à subjetividade frente a academia, são também limites de pesquisa, assim como sua infinidade como objeto de estudo. Tal ocorrência, acaba por trazer mais perguntas na resposta da presente pesquisa, ensejando por reflexão sobre um problema que se pleiteou deixar mais evidente. Dada a variedade subjetiva, é possível um consenso? Como lutar contra as formas de dominação? Há uma maneira ideal de estudar o subjetivo? Caso sim, qual? Caso não, como defender seu espaço?

Tais colocações podem ser infundáveis, mas não precisam ser tão amplas. Afinal, na tentativa de construir um mosaico, suscitamos diversos elementos práticos e conflitos constituintes do corpo social, os quais podem e devem ser aprofundados em outras investigações científicas a partir desse espectro do subjetivo. Inúmeras temáticas sérias foram mencionadas para formação desse cenário; a uberização do trabalho, a cultura do cancelamento, o silenciamento de minorias, a indústria da beleza, a ganância por medicalização, o aumento do adoecimento psíquico entre jovens, o adoecimento por exaustão informativa, dentre diversas outras que guardam atenção, manejo e soluções, dignas de alto detalhamento para construção de mais pareceres, referências e averiguações acerca da subjetividade contemporânea e suas disputas.

Em suma, ao remontarmos a tríade bom, belo e verdadeiro, ao tentarmos encarar a amorfa subjetividade, é aprendido a fidelidade a um exercício constante de transformação. Por isso, o que ampara a presente pesquisa é, inclusive, seu apelo subjetivo ao leitor; da sua materialidade não haverá nada, enquanto não tocada pelo subjetivo, não são respostas, pontos finais, mas troca e fluidez, comuns da comunicação, que podem gerar impacto, precisando ser vistas e revistas, no desejo de que ressoe até o ponto de não precisar ressoar mais.

REFERÊNCIAS

- AERTSEN, J. **A tríade “Verdadeiro-Bom-Belo”**: O lugar da beleza na Idade Média. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2008.
- ARENDT, H. **A condição humana**. São Paulo: Forense universitária, 2016.
- ARENDT, H; ABRANCHES, A. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AMADEU, S. Capitalismo digital. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 20, out. 2021. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/286/pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília, DF: Editora Unb, 2001.
- AUTOMUTILAÇÃO afeta 20% dos jovens brasileiros. **Portal G1**, 20 nov. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/11/automutilacao-afeta-20-dos-jovens-brasileiros.html>. Acesso em: 2 set. 2023.
- BARROS, D. M. Anestesiologista preso por estupro ganha milhares de seguidores no Instagram. **Veja**. 11 jun. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/virou-viral/anestesiologista-preso-por-estupro-ganha-milhares-de-seguidores-no-instagram>. Acesso em: 11 fev. 2024.
- BASBAUM, S. R. **O primado da percepção digital e suas consequências no ambiente midiático**. 2005. 304 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BELING, F. As 10 redes sociais mais usadas em 2022. **Oficina da Net**. 05 jan. 2024. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064- quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em: 01 ago. 2022.
- BENTO, B. Idoso é considerado morto pelo INSS e tem a aposentadoria suspensa no litoral de SP. **Portal G1**. 06 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2023/07/06/idoso-de-91-anos-tem-aposentadoria-suspensa-pelo-inss-por-suspeita-de-morte-no-litoral-de-sp.ghtml#>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- BERARDI, F. **Asfixia-Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

BERTAGNOLI, D. O que significa o termo redpill? **Politize!**, 12 set. 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-significa-redpill/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

BEZERRA, A. C.; CAPURRO, R.; SCHNEIDER, M. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4073>. Acesso em: 7 set. 2023.

BIDDLE, S. Facebook's secret rules about the word "zionist" impede criticism of Israel. **The Intercept**, 14 mai. 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/05/14/facebook-israelzionist-moderation/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BOTTALLO, A. Ministério da Saúde vê aumento preocupante de suicídios de jovens em 5 anos. **Folha de São Paulo**. 25 out. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/10/ministerio-da-saude-ve-aumento-preocupante-de-suicidios-de-jovens-em-5-anos.shtml>. Acesso em: 9 jan. 2023.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024

BRUNO, F. Algoritmo da Felicidade. **MediaLab UFRJ**, 30 ago. 2018. Disponível em: <https://medialabufrj.net/blog/2018/08/dobras-17-algoritmo-da-felicidade/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. e33095, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/33095>. Acesso em: 27 dez. 2019.

BRYMAN, A. **The Disneyization of society**. London, England: Sage, 2004.

CARRARA, K. **Behaviorismo radical: crítica e metacrítica** São Paulo: Unesp, 2005.

CAVALCANTI, C R.S.; AZEVEDO, N. P. G de. O movimento parafrástico de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” X “Deutschland Über Alles”. **Policromias – Revista do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro**, v. 7, n. 1, p. 51-64, jan.-abr. 2022. Acesso em 30 jun. 2023.

CINCO mais ricos do mundo dobram patrimônio em 3 anos enquanto 60% ficam mais pobres. **Brasil de Fato**. 15 jan. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/15/cinco-mais-ricos-do-mundo-dobram-patrimonio-em-3-anos-enquanto-60-ficam-mais-pobres#:~:text=Relat>. Acesso em: Acesso em: 01 mar. 2024.

CINTRA, C. **O Instagram está padronizando os rostos?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2021.

COMBS, D.; BROWN, R. A. Digital Behavioral Design. **Boundless mind**, 2018. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/arenaattachments/2150295/ecc52e80b8852ed927eba5a66ec3b44e.pdf?1525796490>. Acesso em: 29 jul. 2022.

COMTE-SPONVILLE, A. A besta-fera, o sofista e o esteta: “a arte a serviço da ilusão”. **BOYER, A. et al. Por que não somos nietzscheanos. São Paulo: Ensaio**, 1994.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. Datafication. **Internet Policy Review**, v. 8, n. 4, 2019. Disponível em: <https://policyreview.info/concepts/datafication>. Acesso em: 01 ago. 2022

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. Data colonialism: Rethinking big data’s relation to the contemporary subject. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, p. 336-349, 2019. Disponível em https://eprints.lse.ac.uk/89511/1/Couldry_Data-colonialism_Accepted.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022

CUMINALI, N. Aumentam os casos de automutilação entre jovens. **Veja**, 02 ago. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/aumentam-os-casos-de-automutilacaoentre-jovens>. Acesso em: 8 set. 2023.

CURVELO, R. Pessoas mais seguidas do Instagram: Veja quais contas têm mais seguidores. **HubSpot**, 24 abr. 2023. Disponível em: <https://br.hubspot.com/blog/marketing/instagrammais-seguidores>. Acesso em: 01 ago. 2022.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **La nouvelle raison du monde: essai sur la société néolibérale**. Paris: La Découverte, 2010.

DE ANDRADE, V. Cruel e perigoso: o esquema dos jogos de azar na internet. **Notícias Uol**, 21 set. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimasnoticias/deutschewelle/2023/09/21/cruel-e-perigoso-o-esquema-dos-jogos-de-azar-nainternet.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 27 fev. 2024.

DE ARAÚJO, J. MUKBANG: A história perturbadora e criminosa por trás da prática alimentar. **Mega Curioso**. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/125654mukbang-a-historia-perturbadora-e-criminosa-por-tras-da-pratica-alimentar.htm>. Acesso em: 17 fev. 2024.

DE HOLANDA, F. R. B. et al. O verdadeiro, o bom e o belo. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 10, n. 2, 2022.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. [S.l.]. Projeto Periferia, 2005.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção Trans).

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Narcisismo Digital e seus Algoritmos**. Algoritarismos, p. 128, 2020.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. [Entrevista concedida a] Roney Rodrigues. **Outras Palavras**. São Paulo, mar. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sNCgn_7nzIg. Acesso em: 21 jun. 2024.

EGG, Rosiane Follador Rocha. **História da ética**. Videoaula do Curso “Ética nas Organizações”. Curitiba: IESDE, 2009.

EIRAS, N. Os filtros do Instagram estão mudando nossa aparência na vida real? **Elle**, 25 maio 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>. Acesso em: 28 jul. 2022.20a

ELIA, J. Comportamento suicida em crianças e adolescentes. **Manual MSD: Versão Saúde para a Família**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/wRgqp>. Acesso em: 9 jan. 2023.

EX-MENDIGO Givaldo perde perfil do Instagram com 477 mil seguidores. **BM&C News**. Disponível em: <https://bmcnews.com.br/2022/04/20/ex-mendigo-givaldo-perde-perfil-doinstagram-com-477-mil-seguidores-0018/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

FÁBIO, A. C. Homens relatam angústia com pressão estética e corpos idealizados nas redes. Comportamento. **Notícias Uol**, nov. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/10/30/homens-relatam-angustia-com-pessaoestetica-e-corpos-idealizados-nasredes.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 01 ago. 2024.

FELDMANN, S. Pesquisa aponta YouTube como plataforma mais positiva para saúde mental e Instagram como mais prejudicial. **Criadores ID**. Disponível em: <https://criadoresid.com/sau-de-mental-redes-sociais-youtube-instagram/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FERRARA, L. D. **Comunicação espaço cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

FERNANDES, L. “Em vez de desobjetificar as mulheres, o capitalismo está objetificando os homens”. *Cultura*. **El País**, jun. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/17/cultura/1545060949_109196.html. Acesso em: 01 ago. 2022.

FIALHO, L. M. F; SOUSA, F. G. A. Juventudes e Redes Sociais: interações e orientações educacionais. **Rev. Exitus**, Santarém, v. 9, n. 1, p. 202-231, jan. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223794602019000100202&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 jul. 2023.

FLORES, Pablo Jamilk. Inferências Falseadoras Como Base Para A Pós-Verdade. **Línguas e Letras**, Cascavel (PR), v. 18, n. 41, p.20-32, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/18494/pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018

FONSECA

, A. Bill Gates revela seu novo livro favorito (e porque todo mundo deveria ler). Robert **Half Talent Solutions**. Disponível em: <https://www.roberthalf.com.br/blog/tendencias/bill-gates-revela-seu-novo-livro-favorito-e-porque-todo-mundo-deveria-ler>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FONTENELLE, I. A. O trabalho da ilusão: produção, consumo e subjetividade na sociedade contemporânea. **Interações**, v. 10, n. 19, p. 63-86, 2005.

FORTUNE Tiger: 'Jogo do Tigrinho' fez usuários perderem grandes quantias de dinheiro, e polícia investiga esquema de pirâmide. **Portal G1**, Maranhão. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/09/29/jogo-do-tigrinho-fez-usuariosperderem-grandes-quantias-de-dinheiro-e-levou-pessoas-ao-suicidio.ghtml>. Acesso em: 27 fev. 2024.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos IV**. Estratégia, poder-saber. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Leya, 2013.

FRANÇA, V. V. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?. **Ciberlegenda**, n. 05, 2001.

FREGE, G. Nachgelassene Schriften. HERMES, H., KAMBARTEL, F., KAULBACH, F., HAMBURG (ed.). *In*: RUFFINO, Marco. O verdadeiro, o bom e o belo em Frege. **O que nos faz pensar**, v. 15, n. 20, p. 27-44, 2006.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Cienbook, 2020.

GALVÃO, Lúcia Helena [Entrevista concedida a] Igor Rodrigues. **Flow Podcast**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ccY7hCP7I4>. Acesso em: ago. 2023.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2012.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. **Escola SA**: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, p. 9-49, 1996.

GHIRALDELLI, P. **Subjetividade Maquínica**. São Paulo: CEFA Editorial, 2023.

GIANNATTASIO, Gabriel; IVANO, Rogério. **Epistemologias da história**: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade. SciELO-EDUEL, 2011.

GIROUX, H. A. A Disneyzação da cultura infantil. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flavio (Org.). **Territórios contestados** – o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

GLASSNER, B. **The culture of Fear**: why americans are afraid of the wrong things. New York: Basic Books, 1999.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GUANDALINI JR, Walter. Da Ascese à Disciplina: a ética protestante e a constituição do sujeito capitalista. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná**, n. 41, p. 115-129, 2004.

GUIMARÃES, V. O. S. A construção social acerca da banalidade do mal em Hannah Arendt. **Temáticas**, v. 27, n. 54, p. 59-72, 2019.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAN, B. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, B. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Petrópolis: Vozes, 2021.

HANCOCK, J. R. Dicionário de Oxford dedica sua palavra do ano, ‘pós-verdade’, a Trump e Brexit. **El País Internacional**, nov. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html. Acesso em: 02 jun. 2024.

HERF, Jeffrey. **O Inimigo Judeu**. São Paulo: Edipro, 2014.

HOMEM espancado por moradores e vítima de fake news tem morte encefálica no litoral de SP. **Portal G1**, Santos, mai. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santosregiao/noticia/2023/05/07/homem-inocente-espancado-por-moradores-apos-grito-de-pegaladrao-tem-morte-encefalica-no-litoral-de-sp.ghtml>. Acesso em 27 fev. 2024.

INSTAGRAM faz mudanças em algoritmo que ordena stories após acusações de censura a palestinos. **Portal G1**, mai. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/05/31/instagram-faz-mudancas-em-algoritmo-que-ordena-stories-apos-acusacoes-decensura-a-palestinos.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

JENNER, KYLE. 10 imagens. **Instagram**: @kyliejenner. 28 set. 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CxwY3sq6t5/?igsh=MWJjMGRseXF0cWE0OA%3D%3D&img_index=1. Acesso em: 01 mai. 2024.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. v. 9/1. Editora Vozes Limitada, 2018.

LIMA, A. Missão, visão e valores para o sucesso empresarial. **Administradores**, mai. 2012. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/missao-visao-e-valores-para-o-sucessoempresarial>. Acesso em: 12 jun. 2024.

DE LIMA ARAÚJO, H. **Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa: neoliberalismo, psicologização e investigação científica**. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto (Portugal).

LEÃO, L. Paradigmas dos processos de criação em mídias digitais: uma cartografia. **V! RUS**, v. 6, p. 5-27, 2011. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus06/?sec=3&item=1&lang=pt>. Acesso em: 03 mai. 2024.

LEARS, J. **Something for nothing: Luck in America**. Nova York: Viking, 2003.

LE BRETON, D. **Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LEITE, E. Cabeças vão rolar, diz ex-morador de rua ao ser banido do Instagram. **Correio do Povo**, 17 abr. 2022. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/noticias/geral/cabeças-vão-rolar-diz-ex-morador-de-rua-ao-ser-banido-do-instagram-1.807385>. Acesso em: 11 de fev. 2024.

LOBATO, G; FAUSTINO, M. Golpes virtuais crescem 65% com brasileiros passando mais tempo na internet. **Aos Fatos**, jul. 2023. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/bipe/golpesvirtuais-estatisticas/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

LUÍSA Sonza perde 100 mil seguidores após clipe polêmico, e fãs comparam com Neymar. **Portal Uol**, ago. 2023. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/2023/08/17/luisa-sonzaperde-100-mil-seguidores-apos-clipe-polemico-e-fas-comparam-com-neymar-200801.php>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MAFFESOLI, M. Pós-modernidade. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 18, p. 21–25, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: Mudanças e opacidades da comunicação no novo século. *In*: D. de Moraes (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MARTINS, D. As 10 Redes Sociais mais usadas no Brasil em 2022. **Rock Content**, out. 2022. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/as-maiores-redes-sociais/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MARTINS, F. Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS. **Governo Federal**, set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/ptbr/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidiosegundo-oms>. Acesso em 9 jan. 2023.

MARQUES, A. Dismorfia corporal: como os apps moldaram nossos rostos. **Tecnoblog**, jan. 2023. Disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/dismorfia-corporal-como-os-appsmoldaram-nossos-rostos/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MELO, C. MPF notifica Google e Meta por práticas contrárias ao projeto de lei de fake news. **Mundo Conectado**, mai. 2023. Disponível em: <https://mundoconectado.com.br/noticias/v/33932/mpf-notifica-google-e-meta-por-praticas-contrarias-ao-projeto-de-lei-das-fake-news>. Acesso em: 01 mai. 2024.

MF PRESS GLOBAL. **Atlas da Saúde**. Disponível em: <https://www.atlasdasaude.pt/noticias/neurocientista-luso-brasileiro-explica-como-o-mau-uso-da-internet-reduz-inteligencia-afeta>. Acesso em: 28 mai. 2024.

MIRANDA, E. **Anestesista que estuprou grávida durante parto ganha milhares de seguidores nas redes sociais**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/12/anestesista-que-estuprou-gravida-durante-parto-ganha-milhares-de-seguidores-nas-redes-sociais>. Acesso em: 11 fev. 2024.

MONTARDO, Sandra Portella; PRODANOV, Laura Schemes. Filtros embelezadores no Instagram Stories: pistas iniciais sobre a plataforma da beleza. *Logos*, [S. l.], v. 28, n. 2, 2022. DOI: 10.12957/logos.2021.60900. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/60900>. Acesso em: 6 mai. 2024.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes Nobilis, 2018.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea**. Petrópolis, RJ, Vozes Nobilis, 2019.

MOSÉ, V. **Jornadas Institucionais: Saúde mental em foco**. In: Escola Superior do Ministério Público do Estado de Goiás ESUMP-GO. Canal do Youtube. 1 vídeo (2h 27min.), 12 ago. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WEpchuexsAE>. Acesso em: 01 mai. 2024.

NANBU, G. Morre aos 26 anos influencer internada após lipoaspiração. **Portal Uol**, jan. 2021. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/01/24/morre-aos-26anos-influencer-internada-na-uti-apos-lipo-amigos-lamentam.htm>. Acesso em: 01 mai. 2024.

NASCIMENTO, A. Ubuntu como fundamento. **Ujima: Revista de Estudos Culturais e afrobrasileiros**, n. 20, 2014.

NATIVOS digitais' não sabem buscar conhecimento na internet, diz OCDE. **BBC News Brasil**, mai. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57286155>. Acesso em: 08 mar. 2024.

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. Obras incompletas. São Paulo: Abril cultural, 1983.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NIETZSCHE, F. **O crepúsculo dos ídolos**. Tradução: Tito Cardoso e Cunha. Rio de Janeiro: Relume-Duramá, 2000.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NODARI, Paulo César. A ética aristotélica. **Síntese**: Revista de Filosofia, v. 24, n. 78, 1997.

NOELLE-NEUMANN, E.; CALDERÓN, F. J. R. **La espiral del silencio**. Ediciones Paidós, 2019.

OLEGARIO, A. Economia da Atenção e o universo das telas: entenda por que é tão difícil se desconectar. **AUN** - Agência Universitária de Notícias, set. 2021. Disponível em: <http://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2021/09/02/economia-da-atencao-e-universo-dastelas-entenda-por-que-e-tao-dificil-se-desconectar/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

OLIVEIRA, R. Para preservar saúde mental, movimento pede boicote a filtros do Instagram. **Metrópoles**, set. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/para-preservar-saude-mental-movimento-pede-boicote-a-filtros-doinstagram>. Acesso em: 01 mai. 2024.

OLIVEIRA, L. H. Precisamos encarar um tabu: cada vez mais crianças tentam o suicídio. **Portal Uol**, set. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/luciahelen/2022/09/22/precisamos-encarar-um-tabu-cada-vez-mais-criancas-tentam-osuicidio.htm>. Acesso em: 01 mai. 2024.

OLIVETO, P. Casos de depressão aumentam 18,4% em uma década, e doença é o mal do século para a OMS. **Portal de Notícias Uai**, mai. 2017. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/05/30/noticias-saude,207270/casos-dedepressao-aumentam-18-4-em-uma-decada-e-doenca-e-o-mal-do-s.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ONGARATTO, S. "Nosso mundo acabou ali", lamenta mãe de menina de 13 anos do RJ, que tirou a própria vida há um ano. **Revista Crescer**, jul. 2022. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2022/07/nosso-mundoacabou-ali-lamenta-mae-de-menina-de-13-anos-do-rj-que-tirou-propria-vida-ha-um-ano.html>. Acesso em: 10 jan. 2023.

O QUE explica os milhares de seguidores novos que anestesista ganhou após estupro. **Revista Correio**, jul. 2022. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/em-alta/o-que-explicaos-milhares-de-seguidores-novos-que-anestesista-ganhou-apos-estupro-0722>. Acesso em: 11 fev. 2024.

OSMAN, M. Mais de 20 estatísticas e fatos incríveis sobre o Instagram. **Kinsta**, ago. 2023. Disponível em: <https://kinsta.com/pt/blog/estatisticas-instagram/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

PAIVA, P. Marcha por Palestina livre em Washington foi a maior da história: 'EUA financiam genocídio'. **Brasil de Fato**, nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/06/marcha-por-palestina-livre-em-washington-foi-a-maior-da-historia-eua-financiamgenocidio>. Acesso em: 22 fev. 2024.

PATRIARCA, P; PAIVA, D. Quem era a influencer Luana Andrade, de 29 anos, que morreu em SP após realizar lipoaspiração. **Portal G1**, nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2023/11/08/quem-era-a-influencer-luana-andrade-de-29-anos-que-morreu-emsp-apos-realizar-lipoaspiracao.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PAVÃO, F. Carlinhos Maia e Viih Tube fazem publis de jogos online proibidos no Brasil. **Portal Uol**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/08/20/influenciadores-e-apublicidade-de-jogos-de-azar>. Acesso em: 27 de fev. 2024.

PERLINE, G. Felipe Prior ganha 300 mil seguidores no Instagram após acusações de estupro. **Notícias da TV**, abr. 2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/bbb/felipeprior-ganha-300-mil-seguidores-no-instagram-apos-acusacoes-de-estupro-35336?cpid=txt>. Acesso em: 11 fev. 2024.

PLATÃO. **O banquete; ou do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

PLATÃO. **A república**. Nova Fronteira, 2018.

PIERCE, C. S. Ideais de conduta. **TRANS/FORM/AÇÃO**: Revista de Filosofia da Unesp, [S. l.], v. 8, p. 79–95, 2023. Tradução: Ivo Assad Ibri. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12180>. Acesso em: 9 mar. 2024.

PRADO, P. Luísa Sonza ganha mais de 500 mil seguidores após traição de Chico Moedas. **Portal Terra**, set. 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/tv/luisa-sonza-ganhamaais-de-500-mil-seguidores-apos-traicao-de-chicomoadas,7bb7d0ca74ad841514b083b968876563hv576t4k.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 11 fev. 2024.

PRIOR se manifesta após condenação de estupro e faz pedido a seguidores. **Correio Brasiliense**, jul. 2023. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/diversao-earte/2023/07/5110132-prior-se-manifesta-apos-condenacao-de-estupro-e-faz-pedido-a-seguidores.html>. Acesso em: 11 fev. 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

QUEROL, R. As redes sociais são uma armadilha. **El País**, 09 jan. 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em: 01 mai. 2024.

QUINTANILHA, D. O Brasil é o segundo país com mais casos de bournout, diz levantamento. Revista: **Isto é Dinheiro**, set. 2022. Disponível em:

<https://www.istoedinheiro.com.br/brasile-o-segundo-pais-com-mais-casos-de-burnout-diz-levantamento/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

REIS, J. C. História e verdade. **Síntese:** Revista de Filosofia, v. 27, n. 89, p. 321-348, 2000.

RODRIGUES, L. 'Filho amado e funcionário competente': quem era o homem que foi espancado até a morte por causa de fake news. **G1**, fev. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2024/02/01/filho-amado-e-funcionario-competente-quem-era-o-homem-que-foi-espancado-ate-a-morte-por-causa-defake-news.ghtml>. Acesso em: 27 fev. 2024.

ROSA, H. Contra a invisibilização de um “poder fatídico”: apelo à renovação da crítica do capitalismo. **Perspectivas:** Revista de Ciências Sociais, v. 49, 2017.

ROSLING, H. **Factfulness:** O hábito libertador de só ter opiniões baseadas em fatos. Tradução: Vitor Paolozzi. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

ROBERTS, K. **Lovemarks:** The future beyond brands. Powerhouse books, 2005.

ROCHA, C. Carlinhos Maia se defende por fazer publicidade de jogos de azar: 'Se eu disser 'pule do penhasco', você vai pular?'. **Revista Quem**. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2023/12/carlinhos-maia-se-defende-sobrefazer-publicidade-para-jogos-de-azar-se-eu-disser-pule-do-penhasco-voce-vai-pular.ghtml>. Acesso em: 27 fev. 2024.

ROLIM, M. O experimento Milgram. **Extra Classe**, jul. 2017. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opiniao/colunistas/2017/07/o-experimento-de-milgram/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

ROSA, H. **Aceleração:** a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROTTER, A. Comunicação Interna do 1.0 ao 4.0. **ABERJ** - Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, mar. 2018. Disponível em: <https://www.aberje.com.br/?coluna=comunicacao-interna-do-1-0-4-0#:~:text=Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Interna%203.0,empresas%20j%C3%A1%20est%C3%A3o%20vivendo%20hoje>. Acesso em: 01 mai. 2024.

RUDNITZKI, E. Meta faturou R\$ 3,8 milhões com golpes anunciados no Facebook e no Instagram. **Aos Fatos**, jan. 2024. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/bipe/anunciosgolpes-facebookinstagram/#:~:text=An%C3%BAncios%20no%20Facebook%20e%20no,Meta%20nos%20%C3%BAltimos%20tr%C3%AAs%20meses>. Acesso em: 27 de fev. 2024.

RYTEL, T. Emotional Marketing Concept: The New Marketing Shift in the Postmodern Era. **Business: Theory and Practice**, v. 11, n. 1, p. 30-38, 2010.

SAFATLE, V; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SANDEL, M. J. **A Tirania do Mérito: O que aconteceu com o bem comum?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. Paulus, 2007.

SANTA ROSA, G. Mark Zuckerberg é processado diretamente por caso Cambridge Analytica. **Tecnoblog**, jun. 2022. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2022/05/23/mark-zuckerberg-e-processado-diretamente-por-caso-cambridge-analytica/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

SANTOS, C. Médico preso por estupro ganha 11 mil seguidores nas redes sociais. **Correio Braziliense**, jul. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/07/5021649-medico-preso-por-estupro-ganha-11-mil-seguidores-nas-redes-sociais.html>. Acesso em: 11 fev. 2024.

SANTOS, D. Zé Neto ganha 900 mil seguidores após foto de sunga e Gaby Amarantos aponta machismo na repercussão. **Portal Pop Online**, set. 2020. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/ze-neto-ganha-900-mil-seguidores-apos-foto-de-sunga-e-gabyamarantos-aponta-machismo-na-repercussao/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SARTRE, J. P. **Crítica da razão dialética**. Editora Lamparina, 2002.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Editora Vozes, 2014.

SARTRE, J. P. **O que é a subjetividade?** Nova Fronteira, 2015.

SHIRKY, C. **A Cultura da Participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, P. O corpo obsoleto e as tiranias do upgrade. **Verve - Revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 6, 2004.

SIEVERS, T. Você Sabe O Que É Spornosexual? **El Hombre**, jun, 2014. Disponível em: <https://www.elhombre.com.br/voce-sabe-o-que-e-spornosexual/>. Acesso em: 01 mai. 2024

SILVA, T. D. **Mal, modernidade e pensamento em Hannah Arendt: Sócrates e Eichmann em perspectiva**. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

SILVEIRA, S. A; AVELINO, R.; SOUZA, J. A privacidade e o mercado de dados pessoais. **Revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia (PBCIB)**, v. 12, n. 1, 2017.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

SOUZA, D. B. **A subjetividade maquínica em Guattari**. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza-CE, 2008.

SRNICEK, N. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2014.

STEIL, J. Família de mulher morta após fake news luta por indenização de rede social. **G1**, mai. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/05/03/sete-anos-depois-familia-de-mulher-linchada-apos-fake-news-luta-por-indenizacao-de-redesocial.ghtml>. Acesso em: 27 de fev. 2024.

TEIXEIRA, L. Tuskegee: Uma história americana. E de racismo. **Observador**, dez. 2014. Disponível em: <https://observador.pt/opiniao/tuskegee-uma-historia-americana-e-de-racismo/>. Acesso em 08 mai. 2023.

TOLCACHIER, J. Datos y hechos sobre la transformación digital. **Documentos de proyectos**, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), Santiago, 2021.

TOLCACHIER, J. Capitalismo Digital: o novo rosto do anti-humanismo corporativo. **DMT**, 10 out. 2021. Disponível em: <https://www.dmtdebate.com.br/capitalismo-digital-o-novorosto-do-anti-humanismo-corporativo/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

TOLENTINO, J. The Age of Instagram Face. **The New Yorker**, dez. 2019. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/decade-in-review/the-age-of-instagram-face>. Acesso em: 01 mai. 2024.

TRIGO, L. O mundo está melhorando (por incrível que pareça). **Portal G1**, 20 jan. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/luciano-trigo/post/2020/01/20/o-mundoesta-melhorando-por-incrivel-que-pareca.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2023.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática contemporânea. São Paulo: Paulus, 2007.

TRIVINHO, E. Introdução à dromocracia cibercultural: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, n. 28, p. 63-78, 2005.

URRIBARRI, F. Guattari, o paradigma estético. **Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 1, p. 29-34, 1993.

VIEIRA, D. Lei de Hick: a psicologia por trás de um UX mais rápido. **IEBS School**, abr. 2021. Disponível em: <https://www.iebschool.com/pt-br/blog/analitica-web/usabilidade-e-ux/lei-dehick-a-psicologia-por-tras-de-um-ux-mais-rapido/>. Acesso em: 17 set. 2023.

VIRILIO, P. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

VOCÊ se encaixaria nos padrões de beleza da Grécia Antiga? **BBC News**, jan. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150111_beleza_antiguidade_lgb. Acesso em: 19 fev. 2024.

WEBER, M. Brasil é o quarto maior mercado de beleza e cuidados pessoais do mundo. **Forbes**, jul. 2020. Disponível em: <https://forbes.com.br/principal/2020/07/brasil-e-o-quartomaior-mercado-de-beleza-e-cuidados-pessoais-do-mundo/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. A psicologia social das religiões mundiais. *In*: WEBER, M. **Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC Editora. 1982.

WOLF, N. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOODROW, A. **Informação, Manipulação**. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. São Paulo: Intrínseca, 2021.